REVISTA LUSITANA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portuguezes
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. XII

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1909

06 V
53
7

Li
In
T
M

VOLUME 12.º N.º 1/2 1909

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

SUMMARIO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1909

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XII 1909 N.ºs 1-2

LIVRO D'ALVEITARIA

DO

MESTRE GIRALDO

Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana,* dá noticia de *mestre Giraldo,* physico ou medico de elrei D. Dinis, e autor de um tratado de alveitaria, e de outro das enfermidades das aves de caça. Pela concisão da noticia, parece que o illustre bibliographo não teve presente a obra. A Bibliotheca Nacional de Lisboa possue uma copia feita no seculo XV. Está contida no codice n.º 2:294 da collecção geral dos manuscritos, o qual contém tambem do mesmo autor um *Tratado das enfermidades das aves de caça,* incompleto, que publiquei em opusculo (Lisboa 1909, 26 paginas). É um in-folio, de 270×195 millimetros com 59 folhas. A pagina tem na media 30 linhas, escritas em caracteres nitidos, cursivo da epoca, com bastantes abreviaturas.

O *Livro d'alveitaria* tem prefacio, indice e texto; no prefacio declara mestre Giraldo que por ordem de elrei D. Dinis consultou os livros que tratavam do assunto, traduziu e compilou, formando assim o seu tratado. Quasi no fim do codice se diz que a obra terminou em 1318. Giraldo cita os livros de Theuderique e de Jurdam de Calavero: d'este não tenho noticia; do tratado de Thierry existem copias. No famoso *Trattato della agricoltura,* de Piero de Crescenzi, escritor do seculo XIII, encontro capitulos proximos de alguns de Giraldo. A obra de Fr. Bernardo Português, descrita em Nic. Antonio (*Bibl. Hisp. Vet.*, II, p. 144 nota), é em hespanhol, dividida em sete volumes; bem differente da conservada no codice da Bibliotheca Nacional de Lisboa. A obra de Fr. Bernardo foi escrita no sec. XIV e existe na Bibliotheca Nacional de Madrid (Gallardo, *Ensayo de una biblioteca española,* II, Madrid, 1866). Do manuscrito original de Giraldo não encontrei noticia.

GABRIEL PEREIRA.

Liuro dalueitaria pera quallquer besta que qujseres [1]

Quando as sçiençias e as artes ssom escriptas e emsignadas segundo hordenamento quall devem podennas os homẽes achar mais asinha e ho entendimento er podellas ha mais ligeiramente filhar e entender. // Hende porque hy ha hũu liuro de alueitarja que fez *theuderique* e achãno escripto desuairadamente segundo desuairados liuros // e ha hy outro liuro que fez Jurdam de calauero que ffoy tirado deste de theuderjque segundo como pareçe / pero que pos em ell mays e menos segundo como lhe semelhou // E outrossy este achãno escripto em desuairadas guisas e sem hordenamento dereyto / porende o muy nobre Senhor rrey dom donjs mandou a mỹ meestre giraldo que conposesse e hordenasse hũu liuro ho mjlhor que e mỹ semelhasse em que conpillasse hordenamente todallas coussas que ssom contheudas em cada hũu destes liuros de suso dictos / E eu com ajuda de deos assy trelladey e hordeney todo per linguagem portugues o mjlhor que pude e entendy. E este liuro he partido em duas partes // A prjmeira he das coussas que conuẽe ao cauallo do tenpo em que naçe ataa o tenpo que lhe deytam freo e sella // A segunda he de todallas enfermidades que podem acaeçer aos cauallos da cabeça ataa os pees tam bem de doenças naturaaes como doutras acidentaaes que lhes podem aqueeçer // E este liuro contem per todo esto sateenta e sete capitollos.

O prjmeiro capitollo he quall deue de seer o cauallo que ha de geerar e da egoa em quanto he prenhe como lhe deuem a ffazer e da geeraçom e da naçença (Fl. 1) do cauallo e do tenpo em que anda com sa madre.

O segundo capitollo he do tenpo em que o deuem a filhar e com que e como. //

O iij° capitollo he de como deue estar liado no preseuall e como lhe deuem a fazer pera sse amansar majs asinha. //

O quarto capitollo he quaees deuem seer as prissoees pera prender os cauallos e de quantas gujssas.

[1] No pé da primeira pagina encontra-se escrita a seguinte nota em letra do seculo XV: «E pera ho escarno dos cascos filha hũu harratel de hunto de porco he meio arratel dacuerre he mea canada de vinho branco he hũua escudela de farrelo de trigo he meo harratel de .. trigo.

O quinto capjtollo he quall deue de seer a estada e ha manjadoira dos cauallos e dalgũuas coussas que conpre de lhes fazerem cada dia. //

O seisto capitollo he de quaees coussas deuem a comer os cauallos e quejandas deuem a seer as auguas que deuem a beber. //

O seitimo capitollo he dalgũuas oras em que deuem a guardar os cauallos que nom comam nem bebam. //

O oytavo capitollo he de quanto devem a çear os cauallos pellos tenpos do anno.

O nono capitollo he de que deuem a estar os cauallos cobertos segundo os tenpos que fforem.

O deçimo capitollo he de quando e como deuem a seer fferrados os cauallos. //

O vndeçimo capitollo he das naturas e das maneiras dos ffreos.

O duodeçimo capitollo he de como e quando prjmeiramente devem meter o freo ao cauallo. //

O terçeiro deçimo capitollo he de como deuem a emsignar os cauallos e como os deuem a fazer bõos.

O quarto deçimo capitollo he do tenpo em que deuem a esfauelar os cauallos e ho prouejto que lhes tem.

O quinto deçymo capitollo he dos tenpos em que deuem sangrar os cauallos quando ssom sãaos e de quaaes veas.

O seisto deçjmo capitollo he das conhocenças dos cauallos segundo as feituras que ouuerem. (Fl. 1 v.).

O septimo deçjmo capitollo he do trabalho e do exerçiçio dos cauallos.

Aquj se acabam os capitollos da primeira parte deste liuro e começamse os da segunda. //

O prjmeiro capitollo he da segunda parte e dalgũuas emfermjdades desnaturadas com que naçem os cauallos. //

O segundo capitollo he da frjura da cabeça do cauallo e chamomlhe mormo que ajnda nam corre. //

O terçeiro capitollo he de hũua door que chamam em latjm *chimorrea* e em nossa linguagem mormo depois que corre. //

O quarto capitollo he das doores dos olhos dos cauallos.

O qujnto capitollo he de hũa jnfirmjdade a que chamam mal de boca e em nossa linguagem trauagem.

O sexto capitollo he de hũua enfirmjdade que chamam em latjm *lampastus* e em nosa linguagem he magneira de trauagem. //

O septimo capitollo he de hũua jnfirmjdade que chamam em latjm *floncellos* e em nosa ljngoagem sapos. //

O oytauo capitollo he de hũua enfirmjdade que chamam em latym *barbulos* e nos lhe chamamos baruos. //

O nono capitollo he do mall da ljngoa que nos chamamos peeyra da ljngoa e doutros cajooes que acaeçem nas ljngoas dos cauallos. //

O deçimo capitollo he de hũua door que chamam em latjm *vinulas* e em nossa linguagem oljuas. //

O vndeçimo capitollo he que de hũua jnfirmjdade que chamam estrangullo. //

O duo deçjmo capitollo he de hũa jnfirmjdade que chamom adragunchos. //

O iij° deçimo capitollo he do adraguncho voadio. //

O quarto deçimo capitollo he de hũa emfirmjdade que chamam *anticora* e em nosa linguagem pode seer chamada // (Fl. 2).

O quinto deçimo capitollo he do agrauamento dos peytos que uem ao cauallo. //

O seisto deçimo capitollo he de hũua imfirmjdade que chamam em latim *morbus pulssiuus* e em nossa lingoagem polmoeyra. //

O seitimo deçimo capitollo he da sobegidõoe do sanguy e he dicta em linguagem outrossy. //

O oytauo deçimo capitollo he da ventosidade. //

O nono deçimo capitollo he do cauallo açeuadado que come mujto trijgo ou muyta ladella. //

O viçesimo capitollo he do cauallo aaugado per muito comer ou per muito beber ou do gram trabalho. //

O viçesimo prjmeiro capitollo he de *equoinfastico* e he do cauallo augoado que se faz quando chega queente e sũureento e leixãno estar sem trager e sem comer. //

O viçesimo segundo capitollo he pera engordar os cauallos.

O viçesimo terçio capitollo he de hũua jnfirmjdade que faz emmagreçer os cauallos e he dicta em latjm *esculmatus* e em nossa lingoagem dessocamento. //

O viçesimo quarto capitollo he de hũua enfermjdade que chamam em latjm *arrigiatura* e em nosa lingnagem enterimento. //

O viçesimo quinto capitollo he do retjmento do mejar do cauallo.

O viçesimo seisto capitollo he do jnchamento da natura do cauallo. //

O viçesimo septimo capitollo he de hũua emfermjdade e he dicta em latjm *espalliacia* e em nossa lingoagem polmão do calo das espadoas. //

O viçesimo oytavo capitollo he da jnfirmjdade que he dicta polmão do lonbo. //

O viçesimo nono capitollo he dos danamentos do espinhaço que vẽe per razom da seella ou da albarda e este capitollo he em geerall. //

O triçesimo capitollo he da sostra. (Fl. 2 v.).

O triçessimo primo capitollo he dos verrezes. //

O triçesimo segundo capitollo he do proydo do sangue sobeio e perde ende os cabellos. //

O triçessimo terçio capitollo he do derreamento das bestas. //

O triçessimo quarto capitollo he do espadoamento ou do eslomedramento dos cauallos. //

O triçessimo qujnto capitollo he das doores das pernas dos cauallos que lhes veem per algũuas ferjdas ou per algũus cajoões. //

O trjcesimo sexto capitollo he do jnchaço que sse faz aos cauallos nas coixas e nas pernas. //

O triçesimo septímo capitollo he de hũa jnfirmjdade que he dicta em latim *gedra* e em nossa lingoagem anafafes.

O triçesimo oytauo capitollo he de hũua door que chamam *sporuanus* em latim, e em nossa linguagem eyricoos e exaaguazes. //

O triçesimo nono capitollo he de hũua enfermjdade que chamam em latim *curba* e em nossa ljngoagem jnchaço da curva. //

O quadragesimo capitollo he de hũu jnchaço que se faz so os geolhos do cauallo. //

O quadragesimo prjmo capitollo he dos sobre ossos. //

O quadragesimo segundo capitollo he das encalçaduras dos cauallos.

O quadragesimo terçio capitollo he das ovas. //

O quadragesimo [quarto] capitollo he das greças.

O quadragesimo [quinto] capitollo he das quebraduras que se fazem aos cauallos antre as junturas dos pees e as vnhas. //

O quadragesimo seisto capitollo he dos ensartilhamentos que aveem aos cauallos. //

O quadragessimo setimo capitollo he das estrepaduras que aqueeçem aos cauallos nos geolhos ou nas outras junturas e nos outros logares das pernas. // (Fl. 3)

O quadragessimo oytauo capitollo he de hũua infirmjdade que he dicta em latjm *furina* e em nossa linguagem jnchaço duro que se faz na coroa da hunha hu se junta a carne com ella.

O quadragesimo nono capitollo he do *cançer*. //

O quinquagesimo capitollo he das fistollas. //

O quinquagesimo prjmeiro capitollo he da peeira que uem aos cauallos nos pees. //

O quinquagesimo segundo capitollo he do danamento que aquaeçe ao cauallo quando põoe hũua maão sobre ha outra. //

O quinquagesimo terçio capitollo he das esponlhas [1] que nacem aos cauallos. //

O qujnquagesimo quarto capitollo he das landoas. //

O qujnquagesimo qujnto capitollo he das sedas e das gretas que se fazem nas hunhas dos cauallos. //

O quinquagesimo seisto capitollo he das encrauaduras. //

O qujnquagesimo septimo capitollo he das encrauaduras que fumegam. //

O qujnquagesimo oytauo capitollo he de hũua infirmjdade que chamam em latjm *ficus* e em nossa lingoagem guavarro. //

O qujnquagesimo nono capitollo he do espolmamento das hunhas.

O sexagesimo capitollo he do mudamento das hunhas.

O sexagesimo prjmo capitollo he das hunas [2] cortas contra dentro ou contra fora como nom deuem. //

O primeiro capitollo he da egoa enquanto he prenhe e como lhe deuem a fazer e da geeraçom e da naçença do cauallo e do tenpo em que anda com sa madre. // primeiro. //

Deues a saber que estillo em latym tanto quer seer em nossa linguagem como cauallo que lançam aas egoas pera geerar. // E este cauallo deue de seer tall e assy guardado. // primeiramente deue de seer de boo linhagem e fremosso e bem feyto. E deue de (Fl. 3 v.) sseer bem pensado e bem guardado que nom caualguem em ell salluo poucas vezes por sollaz e de gujssa que sseja a proueyto do cauallo. // Ca auendo estas coussas todas deleitaria mays o cauallo em se chegar aa egoa e lançarlhe a mays semente e mays comprjdamente. // E por estas rrazooes geerasse ende o filho fremosso e mais grande e mais vallente. / E depois que souberes que a egoa conçebeo de tall cauallo faze de gujssa que a nom tragas muj grossa nem muj magra ca se for muy grosa apertara em ssy o fjlho polla mujta grosura e polla mujta humjdade

1 À margem em letra do fim ou meado do sec. XVI lê-se: *esponias*.

2 Evidentemente *hunhas*.

que auera em ssy e nom se poderam os nenbros dell estender quanto deuem e seerja ende mais pequeno e mais sumjdo./

Outrossy se er ffor muj magra nom podera dar tanto nutrjmento ao filho no ventre quanto conpre e auera hende de sayr fraco e magro e assy pareçe que a egoa deue de seer nem muy magra nem muj grossa e per esta gujssa a deuem a manteer.

Item deues a ssaber que a egoa des que conçeber nunca deue seer emçarrada em nem hũu logar de dia nem de noyte, e hu nom teuer de comer. Ca aqueeceria que estando encarrada poderia aver ffame ou sede em tall gujssa que perderia ende o ffilho e auelloya a deitar ante tenpo.//

E outrossy deues a ssaber que nom deue de seer sangrada ca pella sangrja tall mjngoa prenderia o ffilho andando no ventre que e perderia ca o sange he mantijmento da creatura, e per ell se gouerna emquanto no ventre anda.//

Outrossy deues a saber que lhe nom deuem dar gram trabalho nem deue de seer ferjda ca per cada hũua destas cousas se poderia perder o filho ca lhe poderjam quebrar os liamentos em que esta liado e mantheudo no lugar em que ffoy geerado e auerja (Fl. 4) de sair deste logar ante tenpo e asy sse perderja.//

E deues a ssaber que o cauallo deue de seer conçebydo e geerado em tall tenpo que possa naçer em tenpo dauondamento deruas// ca per esto a madre auera mais leite pollo paçer que avera auondosamente e gouernara o filho mjlhor e se bem criado e bem gouernado ffor as carnes e os nenbros seera todo mais fforte e mais conprido.//

E trabalha te que o tenpo em que naçer o cauallo que naça em logar de montes/ ca sobindo e desçendo per logares de montes as coixas e as pernas e as hunhas dell faransse mais ffortes e mjlhores.//

E ajnda em estes montes deue aver pedras e seixos ca se o cauallo desta naçença ffor criado em logares de montes e de pedras seera ende melhor e mais vssador e mais fforte nas pernas e nos pees e nas hunhas e nos outros nenbros.//

E ho filho deue a sigujr a madre conthinoadamente per boos logares cheos deruas e de paçeres ataa que venha a hydade de dous annos e nom mais.// Ca o cauallo naturallmente despois dous annos mouesse pera se juntar com as egoas.//

E assy averja que andando com sa madre ou com outra egoa poderja ende prender dapno per esta rrazom.// Pero aynda despollos dous annos o deuem trager hũu anno sem conpanha de hegoa em logares auondados deruas e de paçeres. Ca andando assy

pellos canpos e pello aar ameude auera per hy os menbros mays ffortes e mais grossos. E espeçiallmente as pernas e os pees e as hunhas. //

O segundo capitollo he do tenpo em que o deuem a ffilhar e com que e como. / ij.º

O cauallo deue de seer filhado primeiramente e preso em tenpo tenperado e nuujosso e que nom faça gram quentura ca pollo gram trabalho de (Fl. 4 v.) quando o prenderem se o tenpo ffor queente rreçebera hende dapno e deue de seer filhado e presso prjmeiramente com laço de corda grossa e forte e deue de seer de lãa porque he majs molle e majs doçe ca a do linho. // E depois que ffor preso metãlhe hũu cabresto bem ffeito na cabeça e tragãno em conpanhia com outro cauallo manso o melhor que poderem pera aquell logar hu ho ouuerem damansar e densignar. //

E sabe que o cauallo nunca deue de seer tomado nem preso ante de dous [1] anos / Ca prendendoo ou o metendo em soltas em quanto ffor mais nouo receberja per hy majs aginha dapno per que veeria a mancar. //

O terçeiro capitollo he de como deue estar liado no preseual e como lhe deuem a fazer pera se amanssar mais aginha. //

Deues saber que ha mester pera o cauallo seer mais asinha mansso destar presso de dous ramaaes no preseuell [2] em tall guisa que por sa braueza nom se possa tirar a hũa parte nem aa outra. //

E outro cauallo ou outra besta este senpre a par dell por se afazer com ell e por tal que mais seguramente se possa homem a ell chegar. // E deuẽno a tanger com as maãos muj mansamente per cada lugar e esffregarlhe com ellas a cabeça muj doçemente er tragerlhas muj mansamente per todo o corpo e estremadamente pellas pernas e pellas maãos e alçemlhas mujto amende e batam lhy em ellas como quem o quer ferrar. // E deues a saber que nom deuem fazer ao cauallo ataa que seia bem mansso nem hũua coussa esquiva nem que o mujto agraue.

---

[1] *Nom menos de dous* está na margem em letra do sec. xv cursiva.

[2] Nos logares anteriores vem *presevall.*

O quarto capitollo he quaees deuem ser as prisooes pera prender os cauallos e de quantas gujssas. // iiij capitollo.

As prisooes das bestas deuem seer fectas per tall guissa. // Prjmeiramente o cabresto deue de seer feyto de coyro grosso e forte pero que seia doçe. /

E deue de seer tall que lhe cayba na cabeça. / E deue de teer dous ramaaes (Fl. 5) per que estee presso ao preseuell assy como he dicto no capitollo dante deste. // E deue de teer booas soltas conpridas e bem feitas. // E em quanto ffor o cauallo nouo seiam de lãa e depois podẽnas fazer doutras cordas. // E outrossy nas pernas deue de teer hũua corda legada a de parte em cada perna. E esta prisam chamam arretall e deue estar de tal guissa liado que nom possa hir contra diante. E esto todo lhe fazem pera estar mais guardado e pera nom emmanqueçer estando mall preso e per outros cajooes que lhe aqueeçerjam.

O qujnto capitollo he quall deue seer a estada e manjadoira dos cauallos e dalgũuas coussas que conpre de lhes fazerem cada dia. // V.º capitollo. /

Deues a saber que a estada dos cavallos deue de seer tenperada e boa e deue de seer cada dia linpa do estrabo e de todo lixo. // E aa noyte façam-lhe boa cama da palha longa ou do feno e estrem lhe bem a estada pera folgar hy. //

E outrossy deues a saber que o cauallo deue de teer a manjadoira baixa antas maaos ataa hu elle possa a tanger com a boca por tall que estendendo o collo e a cabeça ameude pera filhar o que ha de comer xe lhe faça a cabeça e ho collo mais sotijs e mais ligeiros pollo bulljr e pollo trabalho que ende filhara mais se a manjadoira teuer baixa. E seera per hy mjlhor emfreado e majs fremosso. //

E ajnda digo se teuer a manjadoira baixa e as mãaos que engordara e cobrara per hy mais eno alcafar. E esto he porque pollo trabalho que filha de deante como dicto he fica majs ligeiro naquella parte. // E o mais do nutrjmento e do sangue e dos spritos vaylhe contra aas partes derradeiras. // E por que com ellas nom bulle tanto nem filha hy tam gram sofrjmento como de (Fl. 5 v.) diante conuem que se nom consuma hy tanto e que filhe hy mayor nudrjmento e mayor grosura. // E assy pareçe que mais engrosara ho cauallo no alcafar e nas partes derradeiras teendo a manjadoira e a estada baixa de deante. // E seera majs ligeiro na cabeça

e no collo e nas mãaos e majs descarregado e majs leue dos peytos. // E sabe outrossy que estando ho cauallo na estada tanto que ffor manhãa tiremlhe a cama e ponhamlhe ho almafaçe e ho mondill e alynpẽno muy bem e esfregẽno muito estremadamente nas coixas e nas pernas e nos trauadoiros assy como virem que lhe mester seera. // E depos esto leuẽno a beuer em pequeno passo e tello na auga frja corrente ou na salgada tambem a manhãa como aa nojte ataa os geolhos ou pouco majs quanto possam seer dous ratos ou tres do dia. / E esto se faz porque a frjura da auga doçe ou siquidoem daugoa do mar naturallmente secam e apertam e fazem exutas as mãaos e os pees do cauallo costrangendo os humores e as jnfirmjdades que deçem pera aquelles logares. // E quando tornarem ho cauallo pera a estada em nenhũa guissa nõ no metam no estrabo ataa que sejam as pernas bem ljnpas e bem emxutas da augoa ca mujtas vezes a quentura do estrabo se lhe acha as mãaos ou as pernas molhadas faz lhe enfirmjdades desuairadas assy como ouas e eyriçoos e greças e outras coussas muytas. //

O seisto capitollo he de quaaes coussas deuem a comer os cauallos e quejandas deuem a seer as augoas que deuem a beber.// VI capitollo. //

As coussas que os cauallos deuem a comer som estas // ffeno / e palha. / orgo. / auea. / e coussas semelhauees a estas que ssom seu comer e sa çea. //

E se ffor o cauallo nouo vse a comer (Fl. 6) erua e feno e orgo por que com estas coussas alargara mais e crecerlham os nenbros mays. E sse ja for de idade mais conprida coma palha e orgo tenperadamente. // Porque polla siquidade da palha ho cauallo emgrossa ligeiramente pero nom mujto. Mais tragesse em boas carnes e conujnhauees e seera mais forte e podera mjlhor trabalhar e mais seguramente. // E deues a saber que o cauallo nom deue de seer muj magro nem muj grosso ca se for muj groso e lhe derem gram trabalho poderja per hi morrer majs aginha /

E de mais quanto os cauallos som mais grossos tanto majs aginha emmanqueçem polla sobegidooem dos humores que lhes decem pera as pernas e pera as mãaos. // Outrossy se o cauallo for muj magro minguarlha per hy a força e a sijra e assy conuem de o tragerem senpre de boa carne de comeyos. // E sabe que o feno he cousa que emancha o cauallo e trageo bõo pera pareçer. // Outrossy des que o cauallo for de ydade conprjda coma ferraaes

ou prados pera se purgar e esto deue de seer hũa vez no anno no tenpo do verãao per espaço de hũu mes. // E quando esto comer este bem coberto e nom estee ao aar ca a freura destas heruas se bem coberto nom fosse ho faria ligeiramente arrefeecer de gujssa que lhe veerriam ende allgũuas enfermjdades. // Outrossy quando derem orgo ao cauallo pera cear aljnpẽlho muj bem e depois ponhãlho na manjadoira ca o poo da çeuada sooylhe a fazer tosse e dessequa o dentro no corpo. // E saby outrossy que [a] augua que beber o cauallo deue de seer molle e ja quanto salgada e toruenta e corrente pouco ou njmjgalha. //

E esto he porque a augua desta magneira polla mollidõoe e polla grossidade he majs caente e demajs grossa sustançia e engrossa per hy majs o cauallo e trageo majs rrefeito e majs (Fl. 7) carnudo. // E porende er entendy que auga frja e muj corrente nom pode mujto nudrjr nem emgrossar o cauallo. //

O septimo capitollo he dalgũuas oras em que deuem a gordar os cauallos que nom comham nem bebam. // VII C.º

Coussa proueitosa he ao cauallo de nom comer nem beber em quanto ffor muj queente mas devemlhe deytar no colo pano muj ligeiro e tragello pelo chãao muj mansso ataa que arrefeeça e depois tragelo muj bem e des que for frjo denlhy a comer e a beber se quiserem. //

Outrossy quando ho cauallo andar mui queente nom lhe dem a beber entrante aa pousada ca podia aaugar mujto aginha. // Outrossy he bem de nom caualgarem o cauallo ao serãao de gusjsa que o escaentem mujto ca nom poderia arrefeeçer senom tarde e perderia o sono e nom çearia tembem nem lhe prestarja tanto.

Oytauo capitollo he de quoanto deuem a çear os cauallos pellos tenpos do anno. // VIII cap.º //

Deues a saber que o cauallo deue çear no jnuerno seseenta presas de boo orgo e per toda a queentura quoreenta. // Pero podenlhe emader mays ou menos segundo como o cauallo ffor mayorou menor ou pollo trabalho que ouuer ou segundo como for comedor.

O nono capitollo he do que deuem a estar os cauallos cobertos segundo os tenpos que fforem. // IX cap.º

Os cauallos deuem assy estar cobertos no tenpo do jnuerno deuem a teer cobertas de lãa e de ljnho por estarem majs queentes. //

E no uerãao deuem a teer sollamente cobertas de linho por estarem nedeos e guardados das moscas.

O deçimo capitollo he de quando e como deuem a seer ferrados os cauallos, // X cap.º

Fferrados deuem seer os cauallos de taaes ferraduras que sejam rredondas assy como as hunhas e seiam os canellos dellas delgados e chãaos. / Ca se as ferraduras forem leues e bem fectas alçará per hy ho cauallo majs ligeiramente os pees. //

E nom façam as fferraduras diante mais anchas que as hunhas ca per esto vsarom mais as hunhas e faransse mais ffortes. E sabuda coussa he outrossy quanto ho cauallo ferrarem mais nouo tanto xe lhe faram as hunhas mais molles e mais quebrançosas. E se vsar dandar sem fferraduras em quanto for nouo teera per hy depois os cascos mays grandes e mais ffortes.

O vndecimo capitollo he das naturas e das maneiras dos ffreos. // XI. // capitollo . //

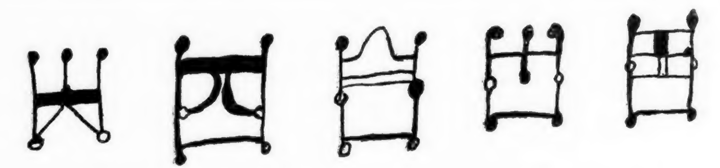
Os ffreos som de mujtas magneiras. Ha hy hũu freo que chamam de barra porque ha duas barras atrauesso e hũua a longo e he este ho mjlhor e mais ligeiro ca os outros.

Ha hy outro freo que chamam de meo mordimento e ha duas barras atraues e hũua ao longo partida per meo. //

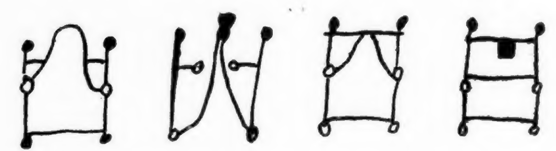
Ahy outras magneiras mujtas de freos que aqui sam feguradas e os nomes que ham. //

E saby que se o cauallo nom fezer bem com hũu freo deuemlhy a canbar outros. E des que lhe acharem algũu freo bõo nunca lho canbem nem no metam em boca doutra besta. // E cada hũu deue a esguardar o cauallo se he boquimolle ou que boca ouuer. // Ca segundo esto tall freo lhe deue a catar que seia mais aa vontade daquelle que em elle andar. //

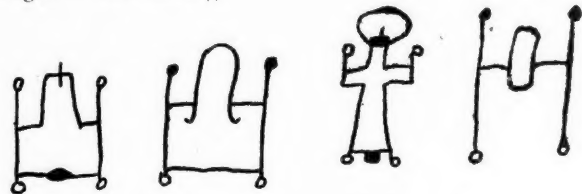
Estas ssom as feguras dos freos. //



Tarym de pollegar. // Tarym. // Freo dorgao. // Freo dũu pollegar. // Freo de barra. // (Fl. 8).



Ffreo corapto. // Ffreo garçom. // Ffreo vasconjll. // Ffreo dũu orgão e dũu esteo. //



Ffreo genete. // Ffreo de garçeta. // Ffreo genete. // Ffreo ffallsso. //

O duodeçimo capjtollo he de como e quando primeiramente deuem meter o ffreo ao cauallo. // XII cap.º //

Deues a saber quando primeiramente meteres o ffreo ao cauallo deue de seer ligeiro e doçe e que nom tolha delle espanto ca se doutra gujssa fosse poderja ende tornar boquimolle e deuẽno coçar mujtas vezes no dia ataa que seia mansso e se colher pauor do ffreo huntẽlho do mell e envolluãno em estopas. // E desque for husado do ffrreo deytemlhy saco ou pano ligeiro per dous dias e tragãno mansso pellos canpos. // E depois caualguem em elle hũ homem ligeiro em ousso con uara e sem esporas e tragao em muj pequeno passo e hũu homem ante ell e esto seia cada dia manhaa e serãao. //

E acabado dũu mes deytemlhy hũua sella ligeira e caualgem em ell muj passo e per logar chãao. //

O terçiodeçimo capitollo he de como deuem a ensinar os cauallos e como os deuem de fazer bõos. // XIII. //

Dicto he de como deuem filhar e amanssar o cauallo // agora digamos da guarda e da ensignança que lhy deuem a ffazer. // Prjmeiramente o cauallo deue senpre de teer na cabeça hũu cabresto de coiro grosso e molle com dous ramaaes leados no preseuall como de suso dicto he. Em no terçeiro capitollo. // E deue destar em soltas e sobre todo esto deue de teer legadas nas pernas hũuas cordas que chamam rretaaes. // E esto he por seer mais guardado e mais sãao nas pernas e por estar mais mansso. // E outrossy digo que o cauallo nõ no deuem de correr nen no trager a galope ataa que passe tres anos. E desally adiante corrã no hũa vez no dia sem esporas per careira longa e dereita nom muj dura nem muj molle. //

E desque for bem segurado de correr metãno em passo pequeno e depois em grande e depois em outro majs grande e deshy em pequeno. //

E depois remetãno hũu pouco a deestro e a seestro pero que o façam majs tirar ao deestro porque todollos cauallos naturallmente querem o seestro. // E depois que o remeteres segurẽno e metãno em bõo passo e nom lhe façam aquell dia mays mall e esto lhe façam duas vezes ou tres na ssomana e nomais. //

Pero nom lho deuem fazer nos dias canjcolares nem em outro tenpo mui destenperado. // E desque passar pellos quatro annos façãno saltar saltos pequenos. //

E desque er passar pellos çinquo anos façãno saltar saltos mays grandes pero cumunaaes ca dos saltos muj grandes sem mesura podesse ende perder o cauallo ou pode morrer. //

Outrossy digo que ao começo de mostrar o cauallo a fazer e a correr no fazer deuenlhe colher o freo pouco e pouco de gujssa que traga a cabeça colheita e nom per força. // (Fl. 8 v.).

E ao correr soltemlhe a rredea mais nom toda e parẽno mansamente ataa que passe per çinquo annos e nõ no coytem das esporas ca pella ventura tornarja ende rreuelador ou meçerja as sedas e se nom fezer bem com hũu freo metamlhe outro. // Outrossy he bõo ao cauallo de o caualgarem mansamente pella villa e fazerõno hjr ameude per hu jouuerem coiros e per hu esteuer mujta gente e per hu laurarem os ferreiros e os tonoeiros e per logar de feira e esto lhe fazem por seer mais seguro e que nom filhe mais espanto. // E se pella ventura se temer da primeira o

cauallo djr per estes logares taaes feirãno mall com hũua vara e nom com esporas. //

Pero quando mester ffor podẽno ferir com ellas mansamente e leuẽno per bem, ca se sse espantasse o cauallo e ho logo nom ferjssem senpre se despois espantaria. // E saluo todas estas coussas de suso dictas ha mester ho cauallo que caualguem em ell algũuas vezes no dia e desçam delle mansamente e esto he por tall que rreceba bem. //

E todas estas coussas de susso dictas seiam muj bem guardadas ataa que o cauallo seia yguall que lhe deuem a tirar os dentes.//

Outrossy digo que des que o cauallo passar çinquo annos deue de seer corrediço de grandes correres por tall que se mester ffor entenda que a de correr longe e corrãno algũuas vezes sobre seu freo e aas vezes a freo solto e algũuas vezes vse a correr com outros cauallos a par em carreira e outras fora de carreira tam bem longe como preto. //

O quarto deçimo capitollo he do tenpo em que deuem a esfauelar os cauallos e ho proueito que lhes tem.// XIIII.º

O cauallo deue de seer esfauelado des quatro anos adeante pero he mjlhor de o esfauelarem aos çjnquo anos e esto he por lhy nom naçerem outra vez os dentes. // E quando ho esfauellarem deuemlhy a tirar as fauellas e as paas da queixada de fundo da hũua parte e da outra e depois rrayam-lhe bem os cabos e as queixadas com hũu cojtello agudo e desy esfreguemlhas mujto com do sall e com do farello se o qujser. //

E o que lhe sacar os dentes (Fl.ª 9) guardelhe a queixada como lhe nom quebre. // E depois tres dias adeante tiremlhe a baruella ao ffreo e estopemlho e ponhamlhe do mell e metamlho. // E a cabo dũu mes tirenlhe as estopas e metamlhe a barbela e ataa que seja sãao lavemlhe cada dia as chagas com do vjnho. // E desque lhe desinchar a boca do esfauellamento caualguem em ell e non no trabalhem mujto no freo. // E deues a saber que o cauallo emgrossa mais desque he esfauelado e torna mais mansso e de mjlhores custumes. //

O qujnto deçimo capjtollo he dos tenpos em que deuem sangrar os cauallos quando ssom sãaos e de quaaes veas. // XV.º //

A sangrja dos cauallos deuesse assy de ffazer deuem a seer sangrados quatro vezes no anno na vea do collo custumada. //

Conuem a saber hũa vez no março.// E no Junho outra.// E no setembro outra.// E no dezenbro outra/ ou no Janeiro se fezer tenpo mais tenperado pera sangria e em cada hũua destas vezes tiremlhe sangue tenperadamente.// E deues a ssaber que o cauallo caualgado e guardado assy como desusso dicto he durara em sa força de vijnte e sete ataa trijnta annos.//

O sexto deçimo capitollo he das conheçenças dos cauallos segundo as feituras que ouuerem.// XVI.º//

Os cauallos podemse conhoçer em esta guissa segundo as feituras que ouuerem.// O cauallo deue a auer o corpo grande comunall e longo per tèrra.// E os nenbros rresponderem ao corpo conujnhauellmente.// E a cabeça deue de seer delgada e seca e longa.// E a boca grande e eslanhada.// E os narjzes grandes e grossos e bem abertos.// E os olhos grandes e alegres e pretos e a catadura dereita.// E as orelhas grandes e agudas.// E ho collo longo e delgado contra a cabeça.// E os cabellos bem nedeos.// E os lonbos grossos.// E o peyto grosso e rredondo.// E ho espinhaço curto.// E os lonbos grossos e rredondos.// E as costas grossas.// E so o uentre seer longo.// E os ylhaaes nom muj colheytos e pequenos.// E o alcafar longo e ancho.// E o rrabo grosso e os cabellos delle bem leiues.// E as coixas grosas e colheitas pera çima.// E as pernas seram grossas e dereitas e os trauadoiros nem muj longos nem muj grosos e seerem baruudos e nom muy dereytos.// E os pees e as hunhas grandes e anchas e cauadas.// E outrossy o cauallo deue de seer mais alto de tras ca deante assy como çeruo saluo que o collo del deue de seer muj alçado e mui leuantado dello peito açjma.// E digo mais que os nenbros deuemlhy bem a rresponder a todo tam bem em longo como em altura como em todallas outras coussas.// E saby que das collores dos cauallos o mjlhor he ho bayo craro e ho ruço cardeo solamente que em al aja boas feituras.// E o cauallo vall majs por seer frontinho e alazam dũa perna ou de duas.// E as feituras do cauallo podense mjlhor conhoçer seendo ho cauallo magro em comunal ca se muj grosso for encobrirlha algũuas das maas ffeituras que ouuer.// Aynda deues a ssaber que os cauallos ham algũuas naturas e propiedades em ssy segundo algũuas feituras que ham estremadas.//

Assy como se o cauallo tem o coiro hu sse junta a garganta com a cabeça muy ficado no osso./ Digo ca este cauallo he bõo pera lidar dell.//

E se o cauallo tem as queixadas grossas e ho collo curto e grosso nom pode seer bem enfreado. //

O cauallo que tem as orelhas grandes e (Fl. 10) pençás e os olhos cauados seera molle e pregujçoso. // E outrossy se tirarem o cauallo mujto e teso pello rrabo e depois leixarẽno quanto o assy mais ffortemente tirar e colher tanto mais viuo e mais ardido he. // E o caualo que ha os narjzes grandes e abertos e os olhos grandes naturallmente he ardido. // E o cauallo que ha a boca grande e eslanhada e as queixadas magras e delgadas e ho collo longo e contra a cabeça delgado este tall pode seer bem emfreado. // E o caualo que trage sempre o rabo bem metidiço e bem ficado antras coixas este tall seera sempre forte e soffredor e nom seera muj trijgoso, // E o caualo que tem a coixa longa e ancha e as anchas longas e tendudas, este seera muj corredor. //

O cauallo que tem as costas grossas como boy e ho ventre grande e ho espinhaço pando naturallmente seera sofredor de trabalho. // E o que tem as junturas das pernas e dos braços grossas deue de seer forte. // E o caualo que tem as hunhas todas brancas som maas e quebram ameude. //

E outrossy saby que se o caualo esta sobrelos pees jguaaes e dereitos e estremadamente sobre las mãaos e que nom alçe hũu mais que o outro nem anteponha, // tall cauallo tem todollos nenbros de dentro sãaos e firmes e os de fora outrossy. //

O seitimo deçimo capitollo he do trabalho e do eixerçiçio dos cauallos. // XVII. //

Deues a saber que todollos cauallos deuem a auer trabalho temperadamente em andar e em correr e em saltar ca ssom per hy mais saãos e mjlhores, (Fl. 10 v.) e mjlhor emsignados. // E guarda senpre o cavallo do gram trabalho nos dias canjcolares .s. em nos dias da gram queentura e do gram frio assy como no julho e no agosto e no janeiro e he bem dauer o cauallo em estes messes folga e boom pensamento e denlhe na quentura boa casa frja e linpa e de noyte cama ca mujtas vezes se o cauallo trabalha na gram quentura quebra lhy a çofra e desseca ataa que morre. // E outrossy se mujto trabalha no tenpo do gram frjo colhe hende cajom e perdesse mujtas vezes. //

Aquy sse acabam os capitollos da prjmeira parte deste liuro e começamse os da segunda. //

O prjmeiro capitollo da segunda parte he dalgũas enfirmjdades desnaturadas com que naçem os caualos. / I.

Aas vezes aqueeçe que o cauallo de ssa nacença naçe com seus nenbros desanaturadamente e esto he dicto segundo latim *de raro contingentibus*. // E outrossy pode seer chamado em latim *axstrum* e quer dizer em nossa linguagem marauilha que auem raramente. // Assy como veemos que o caualo naçe com sa queixada de juso majs longa ca a de suso. //

E aas vezes naçe com dous rrabos. // E aas vezes com hũu olho branco e com ho outro preto. // E hũu pequeno e outro grande. // E mujtas vezes hũu lomedro grande e outro pequeno. // E esto todo se faz segundo como sobeia ou myngua a materja da geeraçom. //

E outrossy naçem mujtas vezes os cauallos com as pernas tortas e vaugas. // E outrossy com as hunhas entradas dentro ou saydas por fora mais que nom deue. // E esto aqueeçe hu a materja da geeraçom ou o lugar em que se faz ssom em tall gujssa que nom pode a natura mais ffazer ca hu ella pode senpre faz o melhor. //

E por ende deues a saber que os cauallos que assy naçem como som desanaturados em feytura assy som desanaturados em manhas e em bondade ca a maa fegura do corpo mostra maldade nas outras coussas. // E deues a saber que a cura destas enfjrmidades taaes he se as podes trager aa tall feytura quall deuem a auer naturallmente per algũua arte ou per algũu engenho assy como ho caualo que tem dous rrabos talhem lhe hũu e as hunhas entradas pera dentro cada que ferrarem o caualo talhem lhe dellas de dentro. // E esto tantas vezes ataa que as tenha corregidas e assy lhe ffaçam de cada hũua das outras coussas como virem que lhe cõpre. //

O segundo capitollo he da friura da cabeça do caualo. / II. //

Hũua enfirmjdade vem aos cauallos que chamam friura da cabeça e chamamlhe em nossa linguagem mormo que nom corre ajnda mujto e fazlhe ynchar a cabeça e os olhos. // E esta enfermjdade se faz dalgũua materia fria que tem na cabeça. // e os sinaaes desta doença ssom taaes. / A cabeça e os olhos jnchados e lagrjmentos e os narjzes frjos e o baffo dos narjzes outro tall e os ylhaaes ferem mais ca deuem. // E o cauallo como e bebe

pouco e tosse e sternuda [1] a meude. // A cura desta doença he tall tenha ho caualo (Fl. 11 v.) coberta a cabeça de pano de laa e esfreguẽno a meude antre as orelhas com manteiga e esto lhe presta mujto. // Outrossy digo que lhe presta de filhar hũu pano de lynho metudo em olyo de loureyro e leguemlho no pollegar ou na barra do freo e façãno beber com ell. // E esto lhe ffaçam cada que ouuer a beuer e rrecebera ende o çellebro conforto e queentura e guareçera. // E outrossy per esta rrazom meesma lhe presta hũua erua que chamam sauina e cheira bem e deuemlha assy a legar no ffreo de guissa que a tenha na boca. Ainda hy ha outra meezjnha que lhe pode prestar façamlhe rreçeber o fumo do pano do ljnho quejmado pellos narjzes. //

Outrossy pera esto meesmo presta mujto o trijgo ou o çenteo cozido e meterẽno bem queente em hũu saco quall o poder sofrer e meterem dentro a cabeça do cauallo e leguemlho e leixeno assy estar e coma dell se qujser e em tanto tenha a cabeça bem coberta. // E algũus cozem com este çenteo que lhe assy põoe a saujna e os poeios e presta per y mays porque rreçebe ende o çelebro mays queentura e mays conforto. //

Pera esto meesmo deytemlhe nos narjzes do sabom frances e prestarlha e facamlho yr o mays alto que poderem. // Outrossy pera esto meesmo presta de filharem a manteiga e rreterẽna com ho olio do loureiro e meterẽna dentro nos narjzes do cauallo e abafaremlhe a cabeça e guardarẽno do frjo e darenlhe beueragem queente. // Ajnda hy ha outra meezjnha prouada per mujtas vezes (Fl. 12) pera esta infermjdade segundo o que diz Theuderiqui e nom he achada no lyuro que se chama de Jurdam de Calaura. // Ffilha a norça e talhaa com sas ffolhas e com seus rramos em pedaços de hũu palmo e malhaa antre duas pedras e metea em hũu saco e leixaa ir a ffundo e mjty dentro a cabeça do cauallo de gujssa que tanga a norça com a boca e com os narjzes e apertalhe o saco em çima em tall guissa que a nom possa comer e assy o leixa estar e polla quentura que o çelebro hende rreçebera desta erua desoluerssam os maaos humores e seeram ffora. // E esta meezjnha lhe façam duas ou tres vezes e achallaam prouada. // Aynda hy ha outra meezinha pera esto que pode seer o pestumeiro rremedio queymẽno em hũuas landoas que tem antre o colo e a cabeça hu sse sooẽ fazer as olyuas e queymẽno com hũu ferro

[1] Por cima escreveram em letra do tempo *espiro*.

que seia agudo ia que [1] e façamlhas queimas ja que altas. // E outrossy o podem queymar no meyogoo da fronte com hũu ferro rredondo e este queymar lhe fazem por tall que os humores frios que tem na cabeça se purguem per hy e por se confortar o çelebro. // E outros lhes metem aynda sedas nos peytos pera sse purgar per hy destes humores frjos. // E outrossy digo que he boo rremedio e prouado. //

O terçeiro capitollo de hũua door que chamam em latim *chimorrea* e em nosa linguagem mormo. // (Fl. 12 v.) III. /

Chimorrea he hũua enfermjdade que faz deytar ao caualo mujto pollos narjzes e he chamado em nossa lengoagem mormo que corre. // E esta jnfirmjdade sse faz de frjura que tem na cabeça de que sse faz ho outro mormo de susso dicto. // E desque lhe os humores frjos começam de correr pellos narjzes contjnoadamente chamomlhe *chimorrea.* / E aas vezes se faz esta jnfirmjdade que chamam adraguncho uoadjo de que depois falaremos ca lhy faz correr mujtos humores frios pellos narjzes. // E a cura pera esta doença de quall cousa quer que lhe venha seia tall cubranlhy a cabeça de pano de laa e tenhamlha bem queente e denlhe a comer coussas queentes e beberagees queentes. //

E aas vezes presta a esta jnfirmjdade de paçer o cauallo em eruas pequenas ca do amerger da cabeça e de tirar pellas eruas purgasse ende aas vezes o çellebro mais esto he rraramente ca o demais esta doẽnça nunca sse cura. //

Outrossy pera esto vall o fumo do ffeltro queymado ou do algodom velho se lho fezerem entrar pellos narjzses de gujssa que lhe vaa ao çellebro ca lhe desolue os humores que estam congellados de longo tenpo. // Outrossy lhe presta de lhe dejtarem a meude do sabom frances dentro nos narjzes e estas coussas lhe podem prestar algũuas vezes pero raramente segundo o que eu prouey. // E ainda digo quando ho caualo esta em (fl. 13) ponto de se perder desta chimorrea ou destrangulho ou demtapamento dos narjzes fazelhe esta meezjnha que se segue que he muj proueitossa pera estas doenças. // Ffilha a tona meyãa do vlmo que esta sobre augua e aljnpaa bem da codea de fora e inchy ende hũua ola noua com augua bem ljnpa que cobra as tonas e ferua tanto ataa que mjngue o meyo. //

[1] Esta palavra apparece tambem na fl. 15, etc.

Er jnchia outra vez dauga como da prjmeira e assy tres vezes per todo e de cada vez ferua ataa que mjngue a meyadade.// E aa terçeira coa todo per hũu mandill destamenha espremendo bem as tonas.// E guarda bem esta calda e quando quiseres filha duas colhares boas della.//

E hũua de lardo ou de manteiga e acaenta todo e lançalho tjbe pella garganta de gujsa que o troça.// E quando lho lançares alçalha cabeça com hũu freo pera çima o mais que poderes.// E quando lhe fezeres esta meezjnha trabalha que tenha o uentre vazio de comer e de beber.// E depois que lho fezeres este per tres oras que nom coma nem beba e guardenno entanto bem do frjo.// E esto lhe faze per tres djas cada dia hũua vez.//

O quarto capitollo he das doores dos olhos dos cauallos.// IIIJ.º//

Aqueeçe mujtas vezes que das jnfirmjdades de susso dictas ou doutras sobegidooes correm mujtos humores aos olhos do cauallo e fazemlhos chorar a meude.// E aas vezes xe lhe fazem em elles escuridõoe ou nuue per esta rrazom e aas vezes neuoa e pano grande de gujssa que nom pode ende veer e a isto chamam emfermjdade dos olhos (Fl. 13 v.) e esta jnfirmjdade podesse curar em esta gujssa.// Primeiramente se lhe os olhos choram faze tall emprasto.// Ffilha ho encenço redondo e longo e a almeçega e ho sanguy dragom e o bollo armeryco tanto dũu como doutro e mestura todo com clara douo como emprasto e põeno em çima dũu bragall ancho de quatro dedos e longo que abranga dũua trjncheira aa outra e rrayanlhe prjmeiro estes logares na cabeça quanto possa a tanger este pano e lavemlho com vjnho queente e ponhamlhe este enprasto ataa que prenda e chamamlhe os alueitares estrictorio e leixenlho trazer gram tenpo ca ha virtude de lhe fazer secar e rreteer as lagrjmas e tolherlhoas quando qujseres lygeiramente com auga queente e com azeite.//

Outrossy pera ho chorar dos olhos presta mujto de lhy quejmarem duas veas meestras que tem a par de as trjncheiras e quejmalhas conujnhauellmente ca este he o pestumeiro rremedio.// E se se fezer pano aa besta nos olhos quer seia velho quer nouo fazelhe esto.// Ffilha o casco da siba e ho saro da cuba e o salgema tanto dũu como do outro e fazy poo e peneyrao muj sotill e deytalho com hũa canella nos olhos duas vezes no dia.//

Outrossy pera esto filha o sall e ho esterco dos lagartos e moy todo esto muj sotill e deytalho outrossy nos olhos/

mas desta meezjnha lhe deyta chus pouca ca lhe danarja os olhos.

Outra meezjnha hy ha muy bõa o dente do porco montes torrado e muudo com o sall lançalho outrossy nos olhos e presta. // E saby que se o pano for velho ante que lhe [1] (Fl. 14) deitem estas meezjnhas de susso dictas deuemlhe a huntar ho olho dentro tres ou quatro vezes com emxulha de galinha. // E saby que diz Eogerjo que he bom rremedio pera ho pano dos olhos do cauallo se lhy deitarem a meude ho çumo da era terrestre [2] que hũua erua que jaze longa tenduda pollo chãao e tẽ nas folhas pequenas e rredondas. //

O qujnto capitollo he de hũa jmfirmjdade que chamam mall da boca e em nosa ljnguagem trauagem. // V.º /

Ffazensse aas vezes na boca do cauallo inchaços ou lamdoas longas em maneira damendoas e fazemxilhe dentro nas queixadas e apertalhas e fazenlhas jnchar de guyssa que as nom pode abrir nem comer com ellas como soee. / E aas vezes lhe jncha ho paadar tam sollamente e aas vezes toda a boca de guisa que nom ousa de tanger o que ha de comer e a esta jnfirmjdade chamam em latym mall da boca e em nossa linguagem trauagem e fazesse dalgũus humores que lhe correm aas queixadas. // A cura pode seer tall se teuer toda a boca jnchada sangrẽno cauallo das veas de sobela lingoa e desque deytar bem do sangue esfreguemlhe mujto o logar da sangrja com vjnagre ou com vjnho forte e com saro de cuba e com sall. // E sse per esta sangrja se estes jnchaços e estas landoas se nom desfezerem deytemlhe hũu ferro curuo sotill em ellas e alçamlhas pera çima e talhemlhas de rraiz e depois lavemlhe as chagas como dicto he. //

E se ffor ho paadar jnchado abramlha boca e (Fl. 14 v.) talhemlhas ao longo com boas lançoos agudas alty e esfreguemlha boca como dicto he. // E estas curas ssom todas booas. //

---

[1] No pé da fl. 14 encontra-se o seguinte em letra contemporanea: Pera o mormo toma o esterquo das põbas bem mudo e com ujnho branco o mais forte que achares e dao ao caualo em beberagem e lhe aproueita. / It toma folhas de couues e dentro metelhe unto que coma todo que se nõ pegue aos dentes e lhe presta.

[2] O original diz *carestre*.

O sexto capitollo he de hũua enfirmjdade que chamam em latim *lampastus* e em nossa ljnguagem maneira de trauagem. // VI.º //

Lampastus he hũua enfirmjdade que se faz ao cauallo na boca em çima da queixada de susso sobrellos dentes e sobre as gengiuas e fazesse de sobejydõoe de sangue e podesse assy conhoçer. // Pareçemlhy logo aquelles rregos que tem atrauessados pella boca inchados sobre os dentes ou yguaaes delles de guyssa que nom pode teer com elles aquello que come e caylhe da boca molhado. // E a cura pera esta jnfirmjdade he tall. // Se a jmfirmjdade ffor noua e com pouco jnchaço contalhe dos dentes dyanteiros ataa tres rregos e sangrao hy com hũu ferro que seia agudo ou lhe talha atraues de gujssa que deyte sanguy. // Outros o queimam nos dous rregos com hũu ferro queente e he todo boo e prouado. //

O septimo capitollo he de hũua jmfirmidade que chamam em latym *floncellos* e em nosa ljnguagem sapos. // VII.º — //

Ffazensse ao cauallo hũus jnchaços molles e pequenos e negros no meyogoo e fazenxjlhe dentro na boca no beiço contra os dentes queixaaes e chamamlhe em latym *floncellos* e em nossa ljnguagem sapos //. E esta jnfirmjdade se faz do comer derua frja ou de poo aspero que xe lhe aprende antre o beiço e a queixada. E a cura desto he tall. // Filha hũu fferro delgado reuolto na ponta jaque e agudo como ponta destillo e (Fl. 15) mjtio em meo do inchaço do sapo e tirao e rraylho com hũu cujtelo bem agudo de rraiz a redor em maneira danelle lançalho a longe e depois laualha boca com do vjnho e com do sall. //

O oytauo capitollo he de hũa jnfirmjdade que chamam em latym *barbulos* e em nossa ljnguagem lhe chamam baruos. // VIIIº //

Hũua doença vem ao caualo so a ljngoa como bicos de mama secos e he mayor que graao de trjgo e creçem e fazem ao cauallo que nom pode comer. //

Esta doença se faz dalgũu humor sobejo que corre pera arreigada da lingoa e chamamlhe em latym *barbulos* e em nossa ljnguagem barbos. // E a cura desta doença he tall mety per ell hũu

ferro delgado que tenha a ponta aguda e tornada e alça o pera çima e talha per fundo da rraiz com hũuas thisoyras. E assy lhe faze a quantos teuer. //

O nono capitollo he do mall da ljngoa que nos chamamos peeyra da lingoa e doutros cajõoes que aqueeçem nas ljngoas dos cauallos. // IX. //

Vem aos cauallos doenças nas ljngoas per muitas gujssas e fazenxelhe em ella chagas e rruymentos que ssom maos de curar e aas vezes xe lhe faz de quando sse em ella morde com os dentes. // E aas vezes do freo maao que lha rroe. // E aas vezes de hũua doença que chamam em latym *malum lingue* e em nossa linguagem peeyra da ljngoa. //

E sse vires que xe lhe dana a ljngoa muj mall do freo ou de mordidura em trauesso e que nom pode guareçer talhalha (Pl. 15 v.) ljngoa de gujssa que todo aquell danado vaa fora ca desque pera mall [1] para por marauilha nom pode doutra gujssa guareçer. // E saby que por talhares ao cauallo hũa peça da ljngoa nom lhe empeeçe mujto. // E se a chaga da ljngoa trauessa for pequena ou se ffor ao longo da ljngoa ainda que seia grande. // Ffazy tall vngoento. // Filha o mell bem vermelho e o alardo da carne do porco salgada. //

E hũua pouca de caall viua e de poo de pjmenta e faze de todo vngoento. //

E deste vngoento lhe vntem a chaga da lingoa duas vezes no dia e lauemlhas primeiro com ho vjnho queente. // E esto lhe façã ataa que xe lhe soldem as chagas da ljngoa e nom lhe metam freo ataa que seia guarjdo. //

E quando esta doença vem ao cauallo do mall da ljngoa que chamam peeira fazesse per esta guissa. //

Quando ho cauallo come allgũa coussa podre e corrupta geerasse ende sanguy corrupto e fazelhe esta doença na ljngoa. // E aas vezes xe lhe aprende doutro cauallo que esta door tem que esta com ell na cassa ca esta jnfirmjdade he tam corrupta em ssy que se aprende dũu ao outro. // E esta doença conhoçesse per taaes signaaes. // Tẹm a lyngoa esfolada. // E as veas de sob ella ennegreçem mujto e deyta como freyma podre pella boca. // E esta doença deçelhe aas vezes aos pees pollo sanguy corrupto que lhy

[1] Este passo deve estar corrompido.

pera alos corre e aas vezes do mao estrabo e desque esta doença tem nos pees nom pode estar ssobre elles e se lhe em elles durar (Fl. 16) mujto fazlhy desaprender a hunha dos machos. // E a cura desta doença he tall. // Tapenlhe bem a ujscosidade e a prodridooem que tem so a lingoa a esfreguemlha com duas colheres de ffellugem e hũua de sall e hũa cabeça dalhos todo malhado e mesturado e sangrẽno das veas do pescoço custumadas e tiremlhe mujto sangue. // E depois talhem lhy duas veas que tem so a lingoa ao traues de gujssa que corra dellas quanto sangue qujser. //

E pollo mall que ja teuer nos pees sangrẽno nos machos ou lhos furem com hũu ferro agudo queente e desabafa o com hũua legra antre os machos e ha hunha que possam per hy sayr os maaos baffos e guardalhe muito os pees de cousa lixosa e da auga e do trabalho e ponhanlhe nos pees enprasto de seuo e de farelo e de ujnagre e leguemlho queente a rredor com hũu pano e nom comha erua nem coma mujto. Ca estas duas coussas fazem sobeiar os humores que lhe seeria contrairo. // E saby que se lhy da a peeyra em huum pee e lhy nom acorrem logo xi lhy faz em todos. //

O deçimo capitollo he de hũa door que chamam em latym *vinnulas* e em nossa linguagem oliuas. // X. //

Vinolas ssom hũuas landoas que naçem antre a cabeça e ho collo do caualo de hũa parte e da outra so as trjncheiras e vãa creçendo da reyma e dos humores que lhe deçem da cabeça e apertamlhy o gorgomjllo de gujssa que adur pode comer e beuer e defolgar e som chamadas em nossa linguagem oljuas. //

E esta doença se faz dos humores que correm da cabeça como dicto he. // E ha cura desta doença he tall. // Quando vires que lhe jncham aquellas landoas tamanhas como ouos ou meores e que lhe apertam as arterjas da garganta filha hũu ferro (Fl. 16 v.) feruente agudo e queimalhas com elle per meyogoo ataa rraiz dellas tambem da hũa como da outra se ujres que lhe conpre. // Outrossy podes assy fazer abrj lhes ho coiro com hũa naualha e tiraas de rayz e desque lhas tirares inchalhe a chaga destopa linpa metuda na clara do ouo e legalha que lhe nom caya. // E depois er tirã lhas esta estopa ao terçer dia e laualhas chagas com ho vjnho queente cada dia duas e tres vezes e tenlhas senpre exutas e ljnpas e curalhas as como outras chagas. // E sabe que se logo nom acorreres a esta doença com estas coussas que logo mata ca aperta tanto as arterjas do corpo e da garganta que affoga os esprjtos e

nom pode o cauallo defollegar majs per força se deyta em terra e fere tanto com a cabeça que adur ou nunca sse ende erge. //

O vndeçimo capitollo he hũua jnfirmjdade que chamam estrangulho. // XI. //

Outrossy ha hy outras landoas que seem apar da cabeça do cauallo e jazem ende algũuas so a garganta. // E estas lhe jncham mujtas vezes e creçem pollos humores que correm da cabeça assy como dissemos das olljuas. // E esta doença he chamada em nossa linguagem estrangulho porque aperta e abaffa e ffazese dos humores frjos que correm pera aquelle logar e jncham e emgrosam e fazem jnchar a garganta ao cauallo de gujssa que aadur pode comer e beuer e defollegar. //

E a cura desta doença he tall. // Cobramlhe a cabeça com pelles de carneiros (Pl. 17) de gram laa ou com algũus panos de laa de gujssa que a tenha bem queente. // E se virem que lhe jncham aquelas landoas so a garganta mays qua deuem logo sem outra deteença metamlhe sedas conuinhaujs so a garganta e corranlhas manhaa e noyte des tres dias assy como ujrem que mjlhor seera. //

E se virem que per esto nom guarece e lhy nom desjncham estas landoas façamlhe tall rremedyo. / Talhemlhy o coyro sobre ellas e desareyguemlhas como oljuas e curemlhe depois a chaga assy como se curam as outras chagas e como dicto he no capitollo dante este. //

O duodeçjmo capitollo he da enfirmjdade que chamam adragunchos. // XII. //

Vem aos caualos hua jnfirmjdade no peyto e antre as pernas nas rreigadas das coixas e deçemlhe aas pernas e aos braços e faz lhas jnchar e rrebentar per muitos logares. // E esta jnfirmjdade chamam em latim *uermis* e em nosa linguagem adraguncho e fazemse estes adraguncho dumores maaos queentes e sobeios criados per longo tenpo e correm a hũua landoa que cada hũu cauallo tem naturallmente no peyto. // E outrossy corre a outra que tem antre as coixas a par de sa natura. //

E quando se dooe destas landoas per algũua rrazom correm os dictos humores pera ellas e jnchamlhos peytos e as coixas e jncham aquellas landoas e fazenxelhes gram door. //

E porque os humores som sobejos deçem pellas pernas e pellos braços e rrebentam per mujtos logares e fazem jmchaço e mujtas

chagas e muj feas com rrajzes de maa carne corronpuda e podre. // E a hy (Fl. 17 v.) algũus que ssom de pyor natura e outros que se podem curar mays aginha. //

E a cura dos adragunchos he tal. // quando vires que hincham aquellas duas landoas ao cauallo mays que deuem sabe que lhe querem vĩjr adragunchos. // E por ende conuem que o sangres logo da uea custumada antre o colo e a cabeça e em anballas coixas nas veas grossas que parecem de dentro. //

E esta sangrja lhe deuem a ffazer hũu dia despolo outro e de cada hũua dellas lhe tirem mujto sanguy e esto he por tall que se vazem per hy os humores sobejos. // E depos esto metamlhy hũuas cordas nos peytos ou nas coixas e corramlhas a meude por tall que sse purguem per hy os dictos humores e que lhe nom possam ffazer gram dapno. //

Pero saby que as cordas non nas deues a correr ataa terçer dia. // E desalj adiante correas menhãa e noyte tanto que ajam hy que fazer dous homẽes em correndoas e ante que lhas corram caualgem enno caualo hũu pouco e andem com elle a passo. //

E se os adragunchos nom mjnguarem pellas cordas e pollas sangrias e creçemlhos humores e inchamlhas coixas entom tiremlhos per esta guissa. // fendamlho coiro ao longo e da carne ataa que lhe pareça a landoa do adraguncho e metamlhe em ella hũu ferro agudo tornado de guissa que lha tirem toda de rrajz. // E desque lha assy tirarem as cabeças dos adragunchos enchamlha (Fl. 18) coua destopas molhadas em clara douo e leguemlha de guissa que nom caya e nom lhe bulam com ella ataa terçer dia e desaly aljnpenlha duas vezes no dia e ponhamlhe estopas com azeite e com clara douo todo mesturado. pero que lhe lauem ante a chaga com vjnho queente e desta cura hussem ata que seia guarjdo pero que lhe corram cada dia as cordas como dicto he. // E algũus lhe fazem assy por seer mais forte meezinha des que talham ho coiro e a carne das cabeças dos adragunchos metemlhe do rrosallgar muudo pesso de dous dinheiros ou tres muudo emburjlhado em algodom. // E desque ho adraguncho he comesto curalhe a chaga como dicto he. // E eu nom louuo esta cura que o rrosalgar he prijgosso hu quer que o põoe. // E saby desque arjncarem as cabeças aos adragunchos nom deuem a caualgar no caualo ataa tres dias. // E desally caualguem em ell cada dia e guardenno que nom coma erua. //

E outrossy o guardem que nom coma mujto qua a erua ou ho mujto comer acrecenta os humores. // E sabe que he boo de o pararem de noyte em lugar frjo qua a frjura naturallmente aperta os humores. // E se per todas estas cousas desusso dictas nom

guareçer delles queimaos com hũu ferro que tenha a cabeça rredonda e tamanha como ho adraguncho e quejmalhe com elle as cabeças dos adragunchos todas de rrajz E quejmalhe primeiro hũuas (Fl. 18 v.) veas que hy acharas no peyto trauessas. // Item. Pera esta door prestam estes nomes escpritos em feria quarta na lũa mjnguante em purgamjnho virgem e atados com hũa ljnha de moça virgem antre as orelhas da besta. E deueos de trazer IX dias. Em fim delles jrsse a hũu Rio corrente e deslegue o dicto escripto e deitẽno na augua e os nomes som estes. Terram vacua asses magna e manjc [1].

O terçeiro deçimo capitollo he do adraguncho voadio.// XIII.

Algũas vezes auem que sse faz aas bestas hũa doença que chamam adraguncho voadio e fazesse de sanguy corrupto e ssom hũas quebraduras pequenas e desuairadas maneiras. //

E fazesse especiallmente na cabeça e em outros lugares. // E fazelhy aas vezes jnchar a cabeça e deytar humores pellos narjzes. // E a esta doença chamam adraguncho voadio. // E a mester tall cura. // sangrẽno prjmeiramente nas veas de so as queixadas acustumadas e tiremlhe asaz do sangue. // E depois metamlhe cordas so a garganta. // E tanbem em correr as cordas como em caualgar no caualo e em darlhe de comer e na estada em que ha destar em todo lhe façam como de susso dicto he no primeiro capitollo dante este. // E se per ventura este adraguncho se tornar em chymorrea façamlhe como dicto he em seu capitollo. //

O quarto deçimo capitollo he de hũa jnfirmjdade que chamam *anticora* e em (Fl. 19) nossa linguagem pode seer chamada. // XIV.

Hũua landoa tem o caualo no peyto e aas vezes jnchalhy mujto pollos humores sobejos que lhe correm e fazeos decer aos braços e fazexilhy hũua infirmjdade que he chamada em latim *anticora* e quer dizer door que esta anto coraçom. // E quando lhe assy vires esta landoa mujto inchar trabalhate de lha tirares toda de rrajz assy como he dicto do adraguncho. // E outrossy lhe cura

---

[1] Este *item* foi traçado remotamente por alguem que o achou supersticioso.

a chaga desque lhe a landoa tjrares. // Mas em esta doença nom metas cordas ao cauallo nenno metas em cassa frja. //

O quinto deçjmo capitollo he do agrauamento dos peytos que uem aos cauallos. // XV.º //

Algũuas vezes auem que o peyto do cauallo he agrauado em tall gujssa que o embarga em seu andar e fazeo mais pesado. // E esta doença chamam carregamento dos peytos. // E fazesse de sanguy sobejo ou de trabalho sobeio ou de gram camjnho ou de gram carrega. // E a cura pera esto he tall. // Sangremno nas veas custumadas danballas partes do peyto e de pois ponhamlhe hũuas cordas no peyto ou lhe meta[m] coyros em senhas das espadoas e assy guareçera. // E digo que as cordas non nas deue trager se nom per quinze dias e corramlhas duas vezes no dia de lo terçer dia a diante. //

O seisto deçimo capitollo he de hũa enfirmjdade que chamam em latym *morbus pulssiuus* e em nossa linguagem polmoeira. // XVI. // (Fl. 19 v.)

Hũua infirmjdade ha hy que uem ao cauallo apar do bofe e entapalhy os logares perque deue a defolgar de guissa que adur pode defollegar pollo grande entapamento e fazeo soprar pellos narjzes e feremlhos ylhaaes muyto ameude. // E esta doença he chamada em latym *morbus pulsiuus* e em nossa linguagem polmoeira. // E fazese esta doença dalgũu humor que entapa as veas e os logares per hu deuem a defolgar dapar do boffe. // E faze muj ligeiramente ao cauallo muj gordo do gram trabalho ca pollo gram trabalho e desagujsado rretesse e aqueeçelhe a enxũda e a grusura e rretesse e desoluesse e corrilhe pera aquell logar e tapalhe as arterjas e as veas dapar do boffe de gujssa que nom pode defolgar. //

E coalhaxilhy mujtas vezes aquella grosura naquell lugar e fazlhe gram dapno. // E a cura desta doença he tall. // Primeiramente fazelhy coussas queentes pera delijr aquella grosura que tem colhada apar do boffe pellas veas e pellas arterjas e correra e mouerssa ende. //

E porende lhe fazem hũua beueragem tall. //

Ffilha os crauos girofres e a noz mozcada. E o galingal e hũua semente que chamam cardamomo e a batafaluga e os comjnhos e a grãa do fuuncho tanto dũu como do outro e da graam do

funcho em mayor cantidade e moam todo e destenperẽno com boom vjnho e com hũu pouco daçafrom e deytemlhe das gemas dos ouos tantas como de todo o all e mesturem todo muj bem e deliãno (Fol. 20) em tall guissa que o possa beuer ligeiramente.// E deytem esta confeyçom em hũu corno de boy e lançẽna com elle na boca do cauallo per duas ou tres vezes de gujssa que o troça todo e fazelhy teer a cabeça alçada sem freo ho mjlhor que poderes de guissa que lhe desça esta beueragem a fundo. // E depois tragãno em pequeno passo pella rredea ou caualgem em ell passamente por tall que aquella meezjnha passe bem pollo corpo e rreçebãna bem os nenbros e nonna volua pella boca. // E estê hũu dia e hũa noyte que nom coma nem beba por tall que nom seja embargada a meezjnha da sa virtude per rrazom do comer ou do beuer. // E em outro dia denlhy erua verde a comer quall a poderem achar ou senon folhas de canas por tall que sse tenpere a queentura desta meezjnha ia que pella frjura da erua que comer. //

E se a dicta enfermjdade for noua curasse per estas coussas que dictas som. // E se for antijga non sse pode curar senom mui rraramente. //

Pero podelhe fazer tall cura que em prestumeiro rremedio quejmemlhe os ylhaaes com fferros conujnhauees feruentes com duas ljnhas trauessas em maneira de cruz. // E esto lhe fazem por tall que pello apertamento do fogo lhe mjngue ho ferjr dos ylhaaes e demajs talhem lhy as ventaas dos narjzes ao longo por tall que possa mylhor desfollegar. //

O seitimo deçimo capitollo he da sobegidooem do sanguy he dicta em linguagem proido. // XVII.

Hũua jnfirmjdade vem ao cauallo nas queixadas e no collo e no rrabo e coçasse mujto e (Fl. 20 v.) chamamlhe proydo e esto se faz de sangue sobejo e fazlhe perder os cabellos. // A cura desta infirmjdade he tall. // Samgrẽno na vea do pescoço acustumada e tiremlhe bõa peça de sanguy. E depois filhem ho eixofre e ho sal e ho sarro da cuba tanto dũu como doutro e moam todo e mesturẽno com vinagre e com azeite e façam ende como vngoento e vntẽno com ell duas vezes ou tres no dia nos lugares hu ouuer o proydo. // Outrossy pera esto he bom ho vjnagre mesturado com ourjna de menjno e com amago de cidra costall e vntẽno como dicto he. // E pera esto he outrossy bõo de filharem as fezes do ouro muudas e ho vjnagre bem forte e ho azeite e amasarem todo e vntarẽno ende assy como dicto he. //

O oytauo deçimo capitollo he da uentosidade.// XVIII.º//

Vem hũua door ao cauallo dentro no corpo que o faz mujtas vezes inchar. // E outrossy lhe faz firjr e inchar os jlhaaes e esta doença he chamada ventosidade. // E fazesse ao cauallo quando uem queente e tem os poros e as veas abertas e dalho vento e traspasao. // E esta doença ho atormenta mujtas vezes mall. // E ha cura desta door he tal. // Ffilhem hũua canella bem grossa longa dũu palmo e vntẽna com· azejte e metamlha pollo sesso e jasça dentro a moor parte e leguemlha com ho rrabo e com hũu pano ou com hũua corda de gujssa que nom possa sayr senom quando lha quiserem tirar. // E caualguem em ell logo sem deteença e tragãno per montes e per emfestas passamente (Fl. 21) e ande coberto e untemlhe primeiro os ylhaaes com azeite. //

E esto todo lhe fazem porque jra aquecendo e consumjrsa a uentosidade e deytara muita da que trouxer no uentre per aquella canella do fundo. // E denlhe a comer coussas queentes e o orgo e boa palha e feno e demlhe a beuer auga cozida com vjnho e com grãa de funcho e aas uezes auga tiba ja quanto mesturada com farjnha de trijgo e leixemlhy ante aver gram sede por tall que a beua de boamente e estê sempre em logar bem queente e usse estas coussas ataa que seia bem guarjdo. //

O nono deçimo capitollo he do cauallo açeuadado que come mujto trijgo ou mujta ladella. // XIX. //

Ay hũua door que sse faz ao cauallo no corpo do mujto comer da çeuada e inchalho vẹntre e ho estamago e fazemxelhe todo muj duro e em quanto ha esta doença tem os ylhaas inchados. // E o caualo que ha esta doença çhamamlhe açeuadado e adur pode estar erjudo que se nom deyte em terra. //

E esta doença se faz do mujto comer do trjgo ou do çenteo ou da ladella. // E a cura desta door he tal. // Ffilha as maluas e o gigante e a parjtarja que chamam alfauega de cooura e a mercurjall e a erua das viollas e do farello do trijgo e cozãnas em auga e depois filhem a calda coada e deytemlhe do mell e do sall e do azeite e mesturem bem todo e deytem esta calda queente em hũu folle de coyro que tenha hũa canella legada como christell[1] saluo que seja bem grosa e metamlha per seu fundo e dey-

[1] Xp'stell.

temlhe esta calda nas trjpas. // E quando lha deytarem tenha as maaos baixas e os (Fl. 21 v.) pees altos e desque lha deitarem tiremlha canella e tapemlho fondo com tomentos ou com panos. // E ffilhem hũu paao dous homeens hũu dũua parte e outro da outra e tragamlho per sso o ventre premendo das mãaos contra as pernas. // E desque esto sofrer hũa boa peça caualgem em ell e tragãno passo per outeiros ataa que esterque e deyte aquella calda e ho esterquo maao que em ssy trouxer e assy se quedará esta door. //

O ujçesimo capitollo he do cauallo augado per mujto comer ou per mujto beuer ou do gram trabalho.// XX.//

Ahy outra doença que vem ao caualo per mujto comer ou per mujto beuer e aas vezes lhe vem do gram trabalho sem mesura e chamamlhe em nossa ljnguagem augoamento. // E a rrazom porque se faz he esta ca per mujto comer acreçentasse o sangue e os humores sobeiamente e decemlhy pellas coixas e pellas pernas e enbargalhe ho andar. // E aas vezes ho fazem çopegar dũu pee e aas vezes de dous e aas vezes de todos. // E quando vay moue as coixas muj pesadamente depos sy e nom se pode dobrar nem voluer senom a grandes penas. // E outrossy do gram trabalho aqueeçe que o sangue e os humores mouemse e desoluemsse e deçemlhy pellas pernas e chegamlhy muito aginha aos pees e aas hunhas se lhy çedo nom acorrerem. // E esta emfirmjdade aperta grauemente ho caualo mujtas vezes pollo sangue e pollos humores que lhe assy correm como dicto he. // E a cura desta enfirmjdade he tall se o caualo ffor grosso e de ydade conprjda tanto que lhe esta doença virem denlhy a beuer quanto quiser e depois (Fl. 22) mezjnhẽno danballas trjncheiras e danballas coixas das veas acustumadas e tiremlhe mujto sanguy e des hy metãno em auga frja corrente ataa ho uentre. E asy o tenham hy a meude e nom lhe leixem comer nem beber ataa que seia liure. // E se o cauallo ffor nouo ou magro nom lhe dem de beuer como dicto he mas tenhãno com o freo e leguemlha cabeça bem alta de gujssa que a tenha estenduda contra ho aar o majs que poder. // E des y estralhe dos seixos sob elle assy como cama tamanhos como homem pode filhar com sa mão e seiam estrados de gujssa que tenha os pees sobre elles. // E esto lhe fazem porque nom podera estar sobre estes seixos rredondos e mouersa a meude e estenderssam os neruos e os nenbros de guissa que perderam aquelle pesamento. // E cobrãno dũa coberta molhada na auga e guardẽno que nom coma

nem beua salvo se qujser beuer vjnho puro e nõno tirem ao sol per nẽnhũua guissa e esto lhe façam ataa que seia saão. // E sabe que esta jnfirmjdade nom empeeçe aos cauallos nouos mas prestalhes por que lhes engrossam as pernas e fazemse rrefeytas pollos humores que lhes hy deçem. // E outrossy deues a saber que algũus proençaaes curam esta doença per tall gujssa. // Cozem ho orgo na auga e metẽno em peças de pano legado queente e desferrãno cauallo de todollos pees e metemlho sob elles e coma dell se qujser. //

O vjçessimo primo (Fl. 22 v.) capitollo he de *equo imfastico* e e do cavalo aagoado que se faz quando chega queente e suurento e leyxãno estar sem trager e sem comer. // XXI. //

Outra enfirmjdade ha hy que vem ao cauallo algũas vezes que jncha dela e algũas vezes que nom e he como magneira dauga esta se faz ao cauallo quando vem queente suurento e ho leixam estar e nom lhe dam a comer nem no tragem e entra o uento per ell e fazeo inchar e ha hy vezes que lhe choram os olhos e esta door chama ho meestre que fez este livro *enfasticom* e nos chamamos agoa. // E a cura desta doença he tal. // Assy como mujtas vezes ey exprjmentado. // Primeiramente deuem parar o cavallo que ouuer esta door em logar queente. // Des y filhem ferros e pedras muitas queentes e metãnas so o ventre do cauallo em terra em gujssa que non tangam os pees ca o quejmarom. // Des y filhem pano de boa laa bem grosso tam grande que cobra o cauallo todo e feyra pollo chão de toda parte. // Outrossy ffilhem a agoa que feruer e deytẽna pouca e pouca per aquellas pedras que jazem ja sob elle vermelhas e bem queentes em tall guissa que todo ho fumo que sayr daquellas pedras entre e corra pelo corpo do cauallo ata que todo o corpo e os nenbros lhe suem. // E des y ẽvoluãno bem e çilhem aquell pano desta coberta e estê assy com elle ataa que a suur seia sumjda toda delle e tolheyta depois filhem da manteiga queente conujnhauellmente ou do azeite ou do olyo e esfreguemlhe com el per mujtas vezes no dia as pernas e os braços. // Ou façam feruer as palhas do trijgo e as rrestes dos alhos e as maluas e a cijnza todo ensenbra na agoa. // (Fl. 23). E com auga destas coussas sobredictas assy queente que veiam que o cavallo a pode sofrer caldegemlhy com ella mujto as pernas e os braços e mais os neruos, e o cauallo estê senpre em logar queente e coma coussas queentes ataa que seia tornado a seu estado. //

O uiçesimo segundo capitollo he pera engordar os cauallos. // XXII. //

Pera engrossar os cavallos filhem a carne dos cagados e façãna bem cozer na auga e tirem ende bem o çumo dessa carne e pois mete ende o çumo na auga meesma em que feruco e metamlhy do farello do trijgo e dẽyno a beuer ao cauallo e vsemlha a dar a meude · s · cada dia hũa vez e emgordara muito. // Pera esto outrossy som boas as fauas cozidas e salgarẽnas e isto he prouado. //

O ujçesimo terçio capjtollo he de hũa enfirmjdade que faz ẽmagreçer os cauallos e he dicta em latim *esculmatus* e em nossa limguagem dessecamento. // XXIII. //

A hy hũa enfirmjdade que se faz aos cauallos que os faz dessequar e emmagreçer e fazlhes cheirar ho esterco como domem e pyor. // E ssooẽse ende a fazer ao cauallo vermees vermelhos ou brancos. E esta doença sse faz ao caualo da gram magridade e de pouco comer e de grande esqueentamento feito ameude de gujssa que o cauallo nom pode emgrossar nem filhar carnes. // Aquesta enfirmjdade chamam em latim *sculmatus* e em nossa linguagem dessecamento. // E a cura desta doença he tal. // Deuem a dar ao cauallo cousas frjas e humedas tenperadamente pera lhe tirar o desecamento do corpo e pera a tornar mays humido. // E depois (Fl. 23 v.) façamlhe hũa decouçon tall. // Ffilha a erua das viollas. // E a parjtarja que chamam em nossa linguagem alfauega de cooura. / E ho gigante. / E as ffolhas do salgueiro. // E as maluas. E coze todo emsenbra e mesturalhes hũu pouco de farelo dorjo. // E depois que estas coussas todas fforem cozidas coẽnas per hũua estamenha e filhem a calda e metam em ela hũua bõa peça de manteiga e da cassia fistola outro tanto. // E deytem esta calda assy tenperada pello fundo do cauallo com hũu cristell feito assy como dicto he no capitollo do cauallo açeuadado. // E ssaby que o cauallo deue a teer esta calda que lhe deytares ho mays que sse poder ffazer ca enquanto a hy mais teuer em tanto tornara ende mais humedo nas trjpas e no corpo. // E depois façam lhe hũa beueragem tall. // Ffilhem as gemas dos ouos. / E ho olyo viollado. // E ho açafrom mesturado todo com bõo vjnho branco pero que seia tanto das gemas dos ouos como de todo o all e mesturem todo bem e metãno em hũu corno de boy e dẽyno a beuer duas ou tres vezes cheo ao cauallo pela maneira que ffoy dicto no

capitollo da polmoeira. // E pera esto meesmo presta se o cauallo que ouuer esta doença esteuer soo em hũu estrabo per dous ou per tres dias que nom coma [1] nem (Fl. 24) beua e depois demlhe a comer a lardo do porco salgado ca polla gram fame e polo sal do lardo comeloa de bõamente. // E des que o comer quer mujto quer pouco denlhe a beuer da auga queente mesturada com da farjnha do orjo e beua ende quanta qujser. // E des y cauallguem em ell muj passo e tragãno ataa que lançe do ventre aquello que comeo. E des que assy vazar o uentre e as trjpas denlhy algũuas coussas conujnhauẽes e vijnra ligeiramente a seu estado. //

E antre todallas outras coussas que comer que lhe melhor seera denlhe a comer o trjgo bem ljnpo cozjdo com sal e denlhe duas ou tres pressas delle a ora e assy lho dem duas vezes no dia ante que beua. // E este trijgo tall assy cozjdo crja e nudre o corpo do caualo tanto que pode mujto emgrosar e muy ligejramente. //

O uiçesimo quarto capitollo he de hũa enfirmjdade que chamam em latym *arrigiatura* e em nossa ljnguagem entirimento. // XXIIIJº. //

Outra infirmjdade se faz ao caualo no uentre que faz rroncar as trjpas e demais fazeo a meude estercar raro como auga. E deste estercar a tal vazalho ventre de tall gujssa que se lhe nom sobcorrerem com meezjnha aadur lhe ficará no ventre njmjgalha de quanto comer que o nom deyte todo fora per seu fondo e ysto lhe vem mujtas vezes quando come a çeuada sobeia e isto lhe corre ao estamago e pois nom esterca assy como deue e des y caualgem logo em ell. // E algũuas vezes lhauem quando come a çeuada e lhe dam logo a beuer. // E outrossy se lhe dam a beuer (Fl. 24 v.) emquanto he mujto queente e mujtas vezes lhe vem do grande inchamento do corpo quando ha algũuas doores pello grande jnchamento do uentre vemlhe fluxo honde o caualo torna fraco que adur pode estar sobrelas pernas. // E esta door chamam em latim *arrigiatura* e nos jntirjmento. //

E a cura desta door he tall quando virem o cauallo dejtar longe duas vezes ou tres seu esterco e a agoa e a çeuada mestu-

---

[1] Na margem desta folha encontra-se lançado o seguinte apontamento: Vejo se aho domingo a hũa ora do dia 29 de outubro tres dias por andar do dia de todolos santos de 1600 anos e segundou bespora da bespora de natal as 11 oras do qual prosedeo o costumado. . . . .

rada todo come cruu. E entom ssem detardar tolhamlha sella e o freo e leixēno andar solto paçendo e nōno mouam pera nelhur sem sa vontade ataa que uejam que ja assy nom esnua. Ca se o mouem anaçaxilhy o uentre e as trjpas e esnuara porem mayormente e com a erua verde ca esta lhe seera bōa e prestalhy mujto porque o esnijamento faz emfraqueçer o estamago do cauallo e ha erua he bōa de moer no estamago. // E depos esto guardēno bem que nom beba ca auga lhe fary acreçentar a door. // Aquesto lhe façam ata que torne em sa força e algũuas vezes daquesta door auga ho caualo. // E aquell façam assy como he dicto no capitollo do augamento sobredicto.

O ujçesimo quinto capitollo he do rretijmento do mejar do caualo. // XXV.º //

Outra door vem dentro no corpo do caualo quando anda e nōno leixam megar e por este retijmento lhe vem muj gram door jnchalhe a uexjga e aduz gram door ao corpo do cauallo e grandes entorcimentos e de mujtas magneiras e pero sem nem hũu jnchaço apar (Fl. 25) da natura do caualo. // E aaqueste constrange com jlhaaes mujto ao cauallo que ha esta door e he dicta retijmento do meiar. // Contra as coussas dictas eu as prouey per mujtas vezes estas meezjnhas adiante escriptas. // Ffilha o cardo beeyto e cretano marjnho e parjtarja que chamam alfauega de cooura e as rraizes do espargo e da gil barbeira tanto dũua como da outra e feruam todas conujnhauellmente na auga e ponhã lhe estas heruas queentes apar de sa natura e leguemlhas com hũa faixa ancha sobrelo espinhaço assy como virem que mjlhor seera e aquesto lhe façam o mais ameude que poderem. E aquellas eruas meesmas tanto que forem frjas aqueentennas outras vezes e depois ponhamlhas em esse meesmo logar. //

A esta coussa meesma vall asaz se a verga do cauallo que a door ha ffor tirada com mãaos huntadas dollio. // E depois esfreguemlha bem conujnhauellmente com olio queente e dysy pisarem da pimenta e dos alhos e metamlho dentro no fundo da natura com o dedo meendjnho. //

A esta door meesma presta mujto se o meterem solto com hũua egoa pello estrabo ca pello moujmento que auera contra a egoa per força meyara logo e seera guarjdo. // E saby que este pestumeiro rremedio da egoa he boom contra cada hũas doores e aproueita mujto porque ha vontade do chegamento ou do ajuntamento da egoa esforça muito as virtudes do corpo e conffortasse

e aujuasse mujto a compleixom do cauallo. // E sabe quando ho caualo nom pode mejar e torna trjste e jnchamlhe as jnguas e esta em prjgoo de morte.

O ujçesimo seisto capitollo he do jnchamento da natura do cauallo. // XXVI. // (Fl. 25 v.)

A hy hũua jnfirmjdade que se faz aos cauallos e fazelhes ynchar sa natura e arredor della antre as coixas. // E esta doença se faz de mujtos humores grossos e sobejos que per aly correm e fazesse estremadamente no tenpo do verãao porque entom come a erua verde que he humeda e ho tenpo he humedo //. E por estas duas coussas creçem mais os humores e correm aaquell lugar e fazemlhe gram door. //

E aas vezes auem que do gram trabalho e da gram carrega caaemlhe as tripas no fole dos conpanhooes per esta guissa. quebralhy hũa pelle em que se teem as trjpas que chamam em latim *sifac* e caaẽ per aly naquel fole e esta doença he muj prijgossa ao caualo. // E quando assy quebra esta pelle pode esta doença seer chamada quebradura. // E quando se faz dos humores se jncham pello ventre pode seer solho er pode seer chamado jmchaço de natura como dicto he. //

E a cura desta doença he tall. // Ffilha o ujnagre muj fforte e a greda branca muuda e mestura todo tanto ataa que se faça como massa molle e mesturalhe hũu pouco de sall bem muudo. // E desta massa tal vnta duas vezes no dja conpridamente a uerga e os folles dos conpanhooes. // E quandolhe poseres hũua tolhelhe a outra. // E pera esto vall mujto outrossy se parares o caualo na vea da auga bem corrente de gujssa que lhe dey per aquel lugar do jnchaço.//

Outrossy presta pera este inchaço que se faz dos humores se filharem as fauas muudas e cozerẽnas e deytaremlhes do vnto nouo do porco e poeremlhas assy queentes sobre aquel (Fl. 26) jnchaço e legaremlhas o melhor que poderem. // Outrossy sabe que se o jnchaço dos conpanhooes ffor da quebradura da pele como dicto he nom ha outra cura se nom esta deuẽno a crastar e tiraremlhe ho conpanhom da parte honde quebrou a pele ou anbos se quiserem. //

E desy voluamlhe as tripas dentro o mjlhor que poderem. // E desy cosamlhe aquella pele per hu quebrou. E des y quemmemlha com hũu fferro feruente ancho e queymemlha toda arredor conujnhavelmente. // E des y curemlhe a outra chaga do fole assy como a curam aos outros caualos crastados. //

O ujçesimo seitimo capitollo he de hũa emfirmjdade que he dicta em latym *espallatia* e em nossa ljnguagem polmom do calo das espadoas. // XXVII. //

Hũa jnfirmjdade se faz nas espadoas ao caualo e fazlhe inchaço e fazlhe como calo de carne sobre as espadoas des que aquelle jnchaço he velho. E esta doença se faz da gram carrega ou do mujto trager da sella aturadamente. // E esta doença chamam em latim *espallacia* e em nossa linguagem polmom das espadoas. / E a cura desta doença he tal. // Se ujres que aquelle jnçhaço he muj duro filha as maluas e as couues malhadas / e a parjtaria que chamam alfauega de cooura e a alosna. / e o gigante e malha todo com hunto e cozio e põe-lho depois naquell jnchaço duro ante que o talhem. // E depois ffazeo talhar e deytalhe do re[s]algar ca com esto se pode curar muj bem. //

O ujçesimo oytauo capitollo he da jnfirmjdade que he dicta polmom do lonbo. // XXVIII°. //

Ffazesse aas vezes ao caualo no lonbo hũa doença e ffazlhe grandes jnchaços e aaçima geerasse carne (Fl. 26 v.) podre. // E esta doença se faz do gram premjmento da sela ou da gram carrega sobrellas espadoas des que aquele inchaço e desque enuelheçe geerasse carne podre e corrupta. // E aas vezes apodreçe a par dos ossos dentro e rronpe ho coiro e deyta ende vrmo ou auga. // E esta doença chamam em latim *pulmo* e em nossa linguagem polmom do lonbo.// E a cura desta doença he tall. // Talhemlhe aquell polmom e aquell dapnamento todo arredor da rraiz e arrinquemlho. // E aquesto ffecto er talhemlhe da outra prodidõoe o majs que poderem de gujssa que fique a chaga sem ella. // E depois ponhamlhe em çima da estopa e da clara do ouo per tres dias mudandolha cada dia hũa uez. // E depois pensemlhy da chaga ata que seia soldada como pensam da chaga da sostra. // Outra cura hy ha melhor pera esta doença e majs ligeira e esto he se lhe deytarem o rrosalgar ca o nom talharom tanto nem lhe farom tam gram door ca o rrosalgar matara ligeiramente o polmõ. // E este rrosalgar lhe deuem a poer assy como he dicto em no capitollo dos adragunchos. // Outrossy sabe que ha hy outro rremedio mais conprjdo pera esto. // Filha a coobra e talhalhe a cabeça e ho rrabo quatro dedos em traues de cada parte e faze postas da outra do meyo e mjtias em hũ espeto e asaas sobrelas brasas ataa que saya dellas a grosura e que sse derretam. //

E desta grosura tall em quanto assy caae queente destillem della no polmom do espjnhaço do cavalo ahj hu virem que he (Fl. 27) mais rreigado e mais corrupto e mais podre. // E saby por çerto que esta meezjnha destrue e mata o polmom em hũu dia maraujlhosamente mas guardate que lhe nom dejtes dela em logar sãao. //

O ujçesimo nono capitolo dos danamentos do espinhaço que veem per rrazom da sella ou da albarda e este capitolo he em geerall. // XXIX. //

Ffazensse mujtos dapnamentos ao caualo no espinhaço aas vezes polla gram carrega e aas vezes pollo muito trager da sela. // E aas vezes se lhe fazem enpollas pequenas e jnchaços cheos de sanguy e de vrmo e rronpesse ho coiro e a carne e ficam chagas ffeytas grandes ou pequenas. // E a todo esto tal chamam dapnamento do espinhaço. E quanto estes danamentos taaes mais chegam aos ossos do espinhaço tanto ssom mais prijgoosos. // E a cura desta doença he tall. //

Quando vires o caualo jnchar em algũu logar do espinhaço fazio reer muj bem e põlhe hũu enprasto de farjnha de trijgo e de clara douo e hũu pano de ljnho em çjma e nom lho tolhaes rrigamente. // E quando lho tolheres se ujres que tem vurmo furaao com hũa lançaao em logar baixo que possa deytar quanto tem e vntalho algũuas vezes con do unto pera deytar mjlhor. //

E saby que em todollos lugares escoirados que quiseres soldar deues a deitar ho poo da murta seca ou do lentisco ou da galha ou do çanbarco. // E o que mais vall pera soldar e pera encoirar he ho poo ffeito da cal e do mell. // Pero ante que deites estes poos taaes laua o logar com do vjnho queente. //

Outrossy o poo das cascas das (Fl. 27 v.) auellãas com azejte mesturado faz naçer o cabello. //

Saby que o sal e ho vinagre se os poseres em quaees quer jnchaços que os faz logo apremer. //

O trjçesimo capitollo he da sostra. // XXX. //

Ffazesse hũa jnfirmjdade ao caualo no espinhaço e nas costas e fazlhe rronper o coiro e caualhe aas vezes a tanto o costado que lhe pareçem os ossos. // E no meoo daquell cauamento ante que abra tem hũa hunha rredonda fecta de carne podre e corrupta com rraizes bem arreigadas. // E depois que lhe esta deita-

rem ffora per fforça das meezjnhas fica emtom aquell cauamento fecto como dicto he. // E esta doença se faz mujtas vezes do trazer da sella mujto aficado com gram trabalho e outrossy se faz da gram carrega. //

E saby que esta doença chamam em latym *cornu* porque endurenta o coíro como corno e em nossa linguagem sostra. // E a cura desta doença mais cumunall he tal. //

Logo no começo rrayãna a rredor e depois ponham lho vnto velho e a çijnsa amasada e se lhe mesturarem das couues pisadas valera majs e ponhamlho em çima da sostra emquanto tem a hunha e leguemlha e fazendolho algũuas vezes ffaramlhe deytar a hunha.//

E pera esto meesmo vall a escabiosa e ho maluajsco se lho poserem todo molhado com hunto velho e leguemlha outrossy. // E esso meesmo lhe fara a çijnsa amasada com ho azeite queente se lho poserem. // E outro tanto lhe vallera a fellugem amasada com (Fl. 28) azeite e com o sall se lha poserem algũuas vezes. // E pera esto presta outrossy ho esterco do homem posto emçima. // E sabe que lhe nom deues de deixar a sela saluo pouco ca se lha muíto husares fara o majs inchar. //

E se lha deitares algũu pouco ajudarlhr a desarejgar a hunha. // E tanto que a hunha for desarreigada e fora enchamlha a chaga destopa picada meuda ou de tascos e de call viua pero que lhe laues primeiramente a chaga com vjnho queente ou com ourjna. // E esto lhe faze duas vezes no dia ataa que a chaga seia soldada. // Pero guardate que lhe nom ponhas peso ataa que a carne seia yguada com o coyro. //

E deues a saber que esta doença he prijgossa e estremadamente quando jncha a besta em algũu lugar a par do espinhaço. // E ante que desinche deytãlha sella mujto aturada ou gram peso e se sse entom fezer sostra muito areígada aqueeçe que ante que lha tirem morre ende a besta ou vem a prijgoo. // E por ende fazem algũus assy e he muj bem quando vẽe tal jnchaço fazem alfinjna aa sela no bardom en dereito daquell jnchaço por tall que lho nom tanga. //

Ajnda (Fl. 28 v.) ha hy outra cura pera a sostra. Ffilha a codea do queijo bem grosso e seia grossa e seia mays ancha ca o logar da sostra e chega a ao fogo ataa que se derreta e põeno assy queente sobrela sostra e leixalha teer e esto lhe ffaçam duas vezes no dia ataa que xe lhe lhe desarreigue a hunha. // E se nom poderes escusar de caualgar ponlhe hũa tona de queïjo mais delgada jaque e queente como dicto he e ponlha em çjma da sostra e legalha · ligeiramente e lançalha sela com sa alfenjna e vayte com

Deos. // E des que lançar a hunha jnchilha a chaga destopas e fazilhy como dicto he. //

O trjçesimo prjmo capitollo he dos verrezes. // XXXI. //

Ffazesse hũa jnfirmjdade aos cauallos no espinhaço e ssom como jnchaços e escoyramentos e fazense da sella e da gram carrega ou de sobegidõoe do sanguy. // E esta doença chamam em latim *crabuncollos* e em nossa ljnguagem verezes. // E a cura pera esta doença he tal. // Deuem a rreer aquel jnchaço muy bem arredor e poeremlhe cada dia da cal viua com do mell. //

Ou deuem amassar a cal e ho mell tostarem todo e fazerem ende poo e lançaremlho em çjma ataa que seia bem soldada lauandolhe prjmeiramente a chaga com do vjnho queente. //

E algũus hy ha em mentres estes (Fl. 29) jnchaços ssom pequenos que lhes nom fazem senom raẽnos e escarnãnos e pooẽlhes do sal dentro e lauãnos algũuas vezes com da ourjna e asy guareçem.

O triçesimo secundo capitollo he do proydo do sanguy sobejo e perde ende os cabellos. // XXXII. //

Auem mujtas vezes aos cauallos proydo apar do pescoço e em outros lugares e fazlhe algũas chagas e perde ende os cabellos em mujtos logares. // E se esta doença nom curam voluosse em tjnha ou em sarna grande. //

E esta doença se faz de sanguy podre ou sobejo ou cõrrupto e chamamlhe em nossa ljnguagem proydo. // E a cura desta doença he tall. // Se lhe sobeja sanguy sangrẽno logo no começo e vntem todos aquelles lugares hu ha proydo daquell sanguy queente. //

E ao terçer dia lauẽno com decoada queente fecta da cijnza do orjo queymado e com vinagre ou com dauga salgada. //

E em outro dia vnta o deste vngoento. // Ffilha o ujnagre e ho amago da cidra costal e ho azeite e as fezes do ouro. E o vnto velho salgado e amassa todo e ponlho hu ouuer o proydo per algũuas vezes e saara. //

O triçesimo terçio capitollo he do derreamento das bestas. // XXXIII. //

Hũua jnfirmjdade veem aas bestas nos rrijs e nos lonbos e apertaas em tall gujssa que (Fl. 29 v.) nom podem estar sobre las pernas. //

E esta doença se faz de mujtos humores sobejos. // E aas vezes da gram carrega que trage no espinhaço como nom deue. // Honde aqueeçe que o caualo nom se pode bem ajudar dos nenbros derradeiros nem alçar as pernas e as coixas como deue. // E esta doença chamam em latym *maleferuga* e em nossa ljnguagem derreamento. // E a cura pera esta doença he tal. rrayamlhe muy bem os lonbos e os rrijs. // E des y ponhamlhe hũu enprasto apertador assy fecto. //

Ffilhẽno pez e rretãno e deytẽno sobre hũa pelle tam grande como os lonbos e filhem ho bolo almenjco e o pez grego e o galbano que he hũua goma e ho ençenço e a almeçega e ho sangue dragom e malhem todo e deytẽno per çjma daquell pez assy rretudo e estendam todo o melhor que poderem sobre aquella pelle e ponhamlho em çjma dos lonbos e dos rrijs e nom lha tolham ataa que senom desoprenda de seu. //

Outro enprasto ha hy mays fforte. // Ffilha o sal da mayor que he hũua erua que semelha borragem e ho bono almerjco que he hũa terra vermelha e ho galbano e armonieco que ssom gomas que fedem e o pez grego e a almeçega e o ençenço e o sanguy dragom (Fl. 30) e ho sangue fresco do cauallo e seia tanta da almeçega e do ençenço e do pez grego como de todalas outras cousas e amasa todo com claras douos em boa cantidade e ponhamlho em çima dos lonbos e dos rrijs assy como dicto he do outro enprasto. //

Outrossy saby que o pestumeiro rremedyo pera esto he deuemlhe quejmar os lonbos e os rrijs com ferro conuenhauel feruente e façamlhe mujtas queimas ao longo e dellas ao traues dũa parte aa outra e assy pode guareçer. //

E sabe que os enprastos de susso dictos soldam os rrijs e secam os humores e adoçãnos neruos. // E ho ffogo seca fortemente e aperta assy cada hũua destas coussas ou os enprastos ou ho ffogo podem mujto prestar pera esta doença. //

O triçesimo quarto capitollo he do espadoamento ou do eslomedramento dos caualos. // XXXIIII.º //

Ffazesse mujtas vezes aos cavalos hũu danamento quando lhe saae os quadrijs ou os giolhos ou as espadoas de seu logar. //

E esto xe lhe faz per queeda ou per escorregamento ou per ferjda ou per algũu cajom e esta doença he dicta em nossa ljnguagem espadoamento ou eslomedramento. // E a cura pera esto he tall. // Ffaçamlhe hũu enprasto tall pera lhe apertar e conffortar

os nenbros. // Ffilhem o pez e ho ençenço e almeçega e ho sanguy dragom e o bolo armenjco, e o poo da murta seca e ho pez seia mais ca todo o all e rretãno e mesturem todo esto al com el, e ponhamlho queente quall ho poder sofrer sobrela espadoa ou sobre ho lugar (Fl. 30 v.) honde se mais sjntir. //

E ante que se este enprasto coalhe estendalhe per çima das estopas meudas. //

Outrossy pera esto presta se lhe meterem no logar sintido sedas em cruz e lhas correrem cada dia delo terçer dia adeante ca sse liuraram per hy os humores que naturallmente correm ao logar da door. // E saby que o pestumeiro rremedio pera esta doença he tall. // Queimẽno cauallo no lomedro ou no lugar em que se sentir com fferros feruentes conuenhauees pera esto e queymẽno ao longo e ao traues em magneira destrella. // E esto lhe ffazem porque ho fogo naturallmente seca e aperta os humores e conforta o logar em que o pooem. //

O trjçesimo qujnto capitolo he das doores das pernas dos caualos que lhes vẽe per algũuas fferjdas ou per algũus cajooes. // XXXV.º //

Muytas vezes aqueeçe cajom nas pernas do cauallo de couçe doutra besta ou de ferjda ou dalgũu estrepe que lhe entra per ella. // E esta doença chamam em latỹm *lesiofalcis* e em nossa linguagem ferjda da perna. // E a cura desta doença he tall. // Se o jnchaço ffor de danamento ou de ferjda rrayamlhe todo muj bem. // E desy ffilha a losna. // E alfauega da cooura que chamam parjtarja. / E o gigante e malha todo com hunto velho de porco em boa cantidade e deytalhe do mell e do azejte e da farjnha do trijgo e faze todo feruer e meixio todo ataa que seia coyto e ponlho assy queente sobrelo lo (Fl. 31) gar tenperadamente e legalho e assy lho põe tres ou quatro vezes ou majs se conprir e tolherlha a door e adoçarlha os neruos. // E pera esto he boom outrossy. // O çumo da alosna e do aaypo, e da çera e do hunto velho tanto de hũu como de outro e hũu pouco de vjnho branco e dazeite e deytalhe da farjnha do trijgo e cozer todo e meixello bem e poerlho queente assy como dicto he da outra meezjnha. // Outrossy presta pera esto o çumo dalosna e do aypo mesturado com azeite e com manteiga e deytarlhe da farjnha do trijgo e cozer todo er poerlho como ja pareçe. // E se este dapnamento ffor dalgũu paao ou dalgũua espinha que xe lhe meta per ela e lhy vem a jnchar

rrayamlhe aquell jnchaço como dicto he. // E ponhamlhe tres cabeças de lagartas malhadas em çima. //

Outrossy lhe presta pera esto a rrajz da canavea e da erua tunjz se as malharem com manteiga e lhas poserem. // Outrossy lhe prestaram as lesmezes malhadas com manteiga e coytas se lhas poserem em çima. // Ca estas meezjnhas todas am virtude daljnpar as chagas e tirar ende espinhas ou que quer que jasca dentro. // E depois que todo ffor tirado curẽna chaga como outras. //

E se pella ventura se naquell lugar fezer vurmo furẽno em fundo delle com hũa lancoo e depois que for liure curẽno como as outras chagas. (Fl. 31 v.).

E se pela ventura se desto fezer sobre osso queyma o com fferro feruente conujnhauelmente. //

O trjçesimo sexto capitollo he dos jnchaços que se faz aos cauallos nas coixas e nas pernas. // XXXVI. //

Ffazense aos cauallos mujtos jnchaços e desuairados nas coixas e nas pernas e de mujtas gujssas segundo como pareçe per partes nos capitollos que sse seguem. //

O trjçesimo septimo capitollo he de hũa jnfirmjdade que he dicta em latym *gedra* e em nossa linguagem anafafes. // XXXVII. //

Mujtas vezes vem ao caualo hũua jnfirmydade nas pernas e nos geolhos e fazexelhe jnchaço tamanho como noz ou mayor e fazexjlhe tanbem de dentro como de fora e ffazesse mujtas vezes aos cavalos nouos e aos muj gordos do gram trabalho ca se lhy soluem os humores e correm pera as pernas e pera os giolhos e apanham se hy e fazensse estes inchaços. // E aas vezes se fazem do estrabo. //

E esta doença chamam em latim quandosse faz nas pernas *lardas* e quandosse faz nos geolhos *gallas* e *gedra* e em nossa ljnguagem anafafes. // E a cura desta doença seia tall quando lhe vires estes jnchaços queyma o e elles em longo e enuiais [1] com fferros feruentes o mjlhor que poderes. // E filha a bosta do boy e mesturaa com azeite e ponlha em çima das quejma (Fl. 32) duras hũua vez e no mais. //

---

1 Envés

E desy prendy ho cauallo em tall gujssa que sse nom coma em estas quejmaduras por coussa do mundo ca chegarja ataa os neruos com proydo. // E outrossy o guarda que se nom esfregue com os pees nem com outra coussa dura. E guarda o nõ no tanga lixo nem auga e pōelhe cada dia nas quejmaduras do azeite queente e esto lhe fazy per qujnze dias. // E des que lhe cayr o coiro das queymaduras o que se faz de noue dias ou dez adiante parēno cada dia na auga frja corrente della menhãa ataa terça. // E outrossy o parem em ela aa vespera e tenhãno hy gram peça e cada que o tirarem dauga deytem lhe do poo da teira ou da çijnza dos feeitos e esto lhe façam ataa que as chagas sejam soldadas e saby que auga frja e corrente aperta os humores. // E o fogo desequa e aperta e conforta. // E porem saby que he muj bom rremedio. // E cada que quejmares a besta em qual parte quer do corpo guardaa nom se coma ca chegarja aos neruos e aos ossos e destruyrsia. //

O triçesimo ojtauo capitollo he de hũa enfermjdade que he dicta em latim *sparuanus* e em nossa linguagem eyriçoos e exaaguazes. // XXXVIII°. //

Hũua jnfirmjdade se faz sobrelo giolho do cauallo e aas vezes sob elle e fazlhe jnchaço em hũua vea que chamam meestra ou fontenela e faz (Fl. 32 v.) lhe per hy correr os humores per aquell jnchaço e fazeo çopegar. E esta doença chamam em latim *sparuanos* e em nossa ljnguagem exaarguazes eyriçoos. // E a cura pera esta doença he tal. // leguemlhy aquella vea meestra hũu pouco açjma do jnchaço e sangra logo aquella vea antre ho legamento e ho jnchaço e tiremlhe dela mujto sanguy // e depois quejmemlhos jnchaços com ferro feruente em longo e em viaes e pensemlhe das queimaduras como dicto he das outras quejmas. //

O trjçesimo nono capitolo he dũa enfirmjdade que chamam em latjm *curba* e em nossa ljnguagem jnchaço da curva. // XXXIX. //

Ffazesse hũa jnfirmjdade aos cauallos so o geolho da parte de dentro e fazlhe jnchar o neruo meestre que jaz so a curva e fazlho asanhar e danar. // E porque o corpo todo sade sõfrer sobre este neruo faze çopegar o caualo per força. // E esta doença se faz quando caualgam o caualo mays nouo ca deuem. // Er fazesse aas vezes da gram carrega ou do gram trabalho e esta doença chamam em latym *curba* e em nossa linguagem jnchaço de curua. // E a cura desta doença he tall. //

Quando vires que aquell neruo meestre em que esta este jnchaço se começa dencuruar do geolho jndo contra os pees e dengrosar mais ca deue entom mujto agjnha fazeo queymar naquell jnchaço ao longo e en vjaes e seiam as quejmaduras espessas e bem fejtas e des y façamlhe todallas outras coussas assy como dicto he no capitollo dos anafafes. // E saby cada que ouueres de quejmar o caualo nas pernas senpre ho deues de quejmar em longo e en ujaes como naçem os cabelos e cubrirssa per hy mjlhor delles depois ca se lhas fezessem em trauesso e se pella ventura o fogo (Fl. 33) tanger algũu neruo nom lhe enpeeçera tanto. //

O quadragesimo capitollo he dũu jnchaço que se faz so os geolhos do caualo. // R.[ta] //

Outrossy se faz hũa doença ao caualo so o geolho arredor das junturas dos ossos do geolho de cada hũu lado e fazexelhe jnchaço tamanho como auellãa e aas vezes mayor ou meyor apertalhe tanto a juntura que o faz çopegar. // E esta doença se faz ao caualo caualgado mais nouo que deue e do gram trabalho e da gram carrega. //

E esta doença chamam em latim *espinela jarrety* e em nossa linguagem espinha do jarete. // E a cura desta doença he tal. // Queymemlhe aquestes jnçhaços com ferros feruentes em longo e em viaes o melhor que poderem. // E desy façamlhe como dicto he de susso nos outros capitollos em que manda queymar. // E deues a saber sem esqueeçimento que o fogo he o pestumeiro rremedio de todallas enfirmjdades dos cauallos. // E outrossy deues a saber que todallas queimaduras deuemsse de fazer ja que altas por tal que depois nom faça mester de lho outra vez o fogo poer. //

O Rj capitollo he dos sobre ossos. // Rj. //

Ffazense aos cauallos nas pernas hũuas doenças e jncham e endureçem e fazemxelhes mujtas vezes de ferjda ou de topadura em coussa dura e correm hy os humores polla door da ferjda e jncha e endureçe e esta door he chamada em nossa linguagem sobrosso. // E a cura desta doença he tall. // Deues a saber que todollos sobre ossos se começam em hũa cousa dura como calo. // E porem quando vires aqueste jnchaço tal ja duro e de calo rrayamlho logo todo arredor e bem de rraiz de gujssa que nom fiquy hy rem (Fl. 33 v.) e depois pensemlhe da chaga como das outras. // E se este jnchaço for nouo e molle façamlhe estes rreme-

dios que se seguem. // Ffilha as çimas da alosna e da parjtarja que he alfauega de cooura. // E do aaypo e do gigante e malha todo com hunto velho de porco e cozy todo e ponlho queente em çima da chaga quall o poder sofrer e ligalho o melhor que poderes ca saby que este enprasto presta mujto pera todollos jnchaços das pernas que se fazem de ferjdas ou de topaduras. // Pera esto meesmo presta se filharem a rraiz do maluaysco e a do lirjo e a do baruasco malhadas com do unto e depois coytas e poerẽnas em hũu pano como enprasto e legaremlhas e este he bõo rremedio se lho fezerem a meude. // Outrossy presta pera esto a çebola asada e malhada com as mjnhocas da lama e mesturemlhe do azeyte e cozerẽno e poeremlho queente duas ou tres vezes. // E se aquell jnchaço for ja que como velho e duro rrayãno muj bem como dicto he e sayalho sangue e depois deytemlhy do poo do sal e da pijmenta mesturado tanto dũu como do outro e leguemlho em çima com hũu pano bem fortemente e tenha o ataa terçer dia e entom huntemlho com da manteyga. // E saby ajnda que he bõo pera o sobreosso de rreerem bem o logar e poeremlhe em çjma hũu ouo assado duro sem casca e legaremlho ffortemente e assy ataa tres dias e mudemlho ho ouo duas vezes no dia ou mais se mester ffor. //

E outrossy presta pera esto ho esterco das cabras mesturado com a farjnha do orjo e com vinagre muj fforte e amasado e coyto e poeremlho em çima como he enprastado. // E se lhe este jnchaço nom myngua e se faz sobroso queymaao em ell ca este he o pestumeiro rremedio. // (Fl. 34).

O Rij capitollo he das emcalçaduras dos caualos. // Rii.

Aqueçe mujtas vezes que o caualo andando teso ou em correndo ou per algũu cajom feresse e encalçasse com as ferraduras das pernas nos neruos das maãos. // E aas vezes algũua outra besta o encalça e fere nos neruos das pernas. Mas esto he prjgoo nas mãaos. //

E de tall ferjda ou encalçadura se sente mujtas e mujtas vezes o neruo que chamam meestre em que he toda a força do braço ou do nenbro em que está e colhe jnchaço e asanhamento e çopega ende o cavalo. // E esto se faz pelos cajooes de suso dictos. // E chamamlhe em latim *atinctio neruj* e em nosa linguagem encalçadura. //

E a cura desta doença he tall. // Quando vires o neruo assy ferjdo e jnchado pela rrazom sobre dicta sangra o caualo mujto

aginha na vea custumada de sobre o geolho da parte de dentro e asy lhe tirar os humores que lhe nom corram aaquelle jnchaço. // E depois fazelhe este enprasto que se segue ca he bom pera o sanhamento e pera o jnchaço dos neruos. // Ffilha a alforua e a ljnhaça e a tormentjna que he hũa goma liquida E a rrayz do maluaisco e malha todo com vnto velho de porco e cozio e põelho queente sobre o neruo jnchado e legalho o mjlhor que poderes e rrenoualho todo duas vezes no dia pero que deuem ante arraer o logar hu see ho jnchaço. // E se a encalçadura for noua em outro dia çarafenlha e deytara o sangui podre. E depois ponhamlhe em çima hũu galo fendudo per meo (Fl. 34 v.) com suas tripas e desafogarlhoa. //

E se a encalça ffor de mujtos dias. / Ffilha duas colheradas de lardo e duas de fellugem e hũa de sall e hũu taraço de vjnagre e das estopas picadas e faze todo feruer e ponlho em çima queente como enprasto e esto rrenoua a meude ataa que desinche. //

Outrossy pera esto he boo a çebola asada malhada com as mjnhocas e com as lezmes e com a manteiga e cozy todo tanto ataa que se faça como jngoento. E vntemlhe tres vezes no dia o neruo jnchado pero que seia ante rraudo. // E se pella ventura a encalçadura ffor muy velha sangrẽno da vea acustumada que he antre a juntura e ho pee da parte de dentro e depois façamlhe as meezjnhas desusso dictas. // E se em fazendolhe estas cousas todas non guareçe rrayamlhe o lugar jnchado e ponhamlhe hũu enprasto apertador em çjma do neruo de clara douo e do poo do sanguy dragom e do bolo armenjco e da galha e da almeçega e do encenço e legalho em çjma com hũu pano fortemente e nom lho tolhas ataa que xe lhe desaprenda e vntalhe emtanto os neruos a rredor com ho jngoento de susso dicto. // E se lhe todas estas coussas nom prestarem queymao com fferros feruentes o mjlhor que poderes ca este he o pestumeiro rremedyo. // (Fl. 35)

O Riij capitollo he das ouas. //

Ffazensse ao caualo hũus jnchaços apar das junturas dos pees aas vezes naturallmente e aas vezes per caiom. // E ffazensselhe a meude quando o metem com as pernas molhadas no estrabo. // E aas vezes se fazem ao caualo nouo do gram trabalho. // E estes jnchaços chamam em latim *gallas* e em nossa linguagem ouas. // E a cura pera esto he tall. // Algũus as talham ou lhes deytam [1]

[1] Está escrito por erro: deytatam.

poos corrosiuos. Mais esto he prijgoo ca lhe tornam outra vez. // Mas façanlhe esto que he prouado parẽno caualo que teuer as ouas na auga frja corrente ataa os geolhos manhãa e noyte e mingoarlham pela frivra da auga que as apertara. // E depois quemmenno ao longo per aly per hu as teuer e arredor e nunca lhe depois creçeram mays mjnguarlham e pensemlhe destas quejmaduras como das outras. //

O Riiij.º capitollo he das greças. //

Ffazesse hũua door ao cauallo nas junturas dos pees e rronpemlhe o coiro e a carne ao longo e ao traues e deyta per hy vurmo ou augoa e esto se faz da sobegidõoe dos humores que correm pera aquell lugar e de o meter no estrabo molhado. //

E a esta doença chamam em latym *grapas* e em nossa ljnguagem greças. // E a cura pera elas he tall. // Tiremlhe todollos cabellos daquell logar aas thisoiras ou com hũua mezjnha que (Fl. 35 v.) chamam psilotro que se faz de cal e dazarneffe feruudos em auga e se lhe desta auga queente vntarem aquell logar dara dara (*sic*) os cabellos ligeiramente. // E depois lauemlhy estas greças com ho caldo das maluas e do farello e do seuo do carneiro e depois malhem todo e ponhamlho em çima. //

E dessy er façamlhe vnguento de seuo de carneiro e de çera e vntẽno ende a meude lauandolhe prjmeiro as greças com do vjnho fforte e queente e guardẽno cavallo da auga e do lixo ataa que sejam soldadas e depois que forem soldadas sangrẽno nas veas detrallas coixas. // E depois aalgũus dias queimẽno em ellas o melhor que poderem. // Pero saby que esta doença curasse muito adur conprjdamente como conuem.

O Rb capitollo he das quebraduras que se fazem aos cauallos antre as juntas dos pees e as hunas. //

Ffazensse outrossy aos cauallos hũuas quebraduras antras junturas dos pees e das hunas e fazem lhy em ellas proydo e queentura. // E esto se lhe faz de o meterem molhado no estrabo e nom no tragerem ante. // E esta doença chamam em latim *crepacias* e em nossa linguagem quebraduras. // E a cura pera esta doença he tal em toda como a das greças saluo que nom am por que o sangrem nem conpre de o queymarem. // Outrossy lhe podem fazer esto. // Ffilha a fillugem e o azimlaure e ho azarnefe e o mell e moy todo e mesturao (Fl. 36) todo com ho mell e fazeo feruer ataa

que se faça como vnguento e huntalhe hende as quebraduras duas vezes no dia e aguardao do lixo e esta meezjnha he muj booa. //

Pero laualhas ante que o vntes com vjnho queente ou com ourjna de moço. // E outrossy lhe presta pera esto de o pararem na auga frja corrente manhãa e noyte. // E outrossy lhe pode prestar auga salgada se o hy teuerem. //

O Rbj capitollo he dos emsartilhamentos que aucem aos cauallos.

Aqueeçe mujtas vezes per caiom aos cauallos que sse ensartilham nas pernas ou nos braços de ferjda ou descorregamento ou de poer ho pee torto e chamam lhe em latym *escortiliadura* e em nossa linguagem emsartilhadura. // E a cura pera esto he tall. // Filhem ho farello e ho vjnagre muj fforte e ho seuo do carneiro e façam todo feruer mujto e ponhamlho no lugar emsartilhado queente e leguemlho com hũu pano e rrenouemlho duas vezes no dia. //.

E se o lugar ffor jnchado filha a alforua e a linhaça e as alhas palhas e faze todo feruer e põelho em çima e legalho. e algũus hy ha que o sangram nas pernas ou nos braços hu he emsartilhado e pode prestar e se per cayom do ensartilhamento lhe saae algũu osso de seu logar alçemlhe o pee saao alty e leguemlho no rrabo por tall que sse fiquy sobrelo pee doente ca enpremendosse sobre ell tornara a seu logar //. E outrossy lhe presta de o tragerem per logar de montes seu passo pera se premer sobre ell que se torne a seu logar pero ante que lhe esto façam ponhamlhe ante a meezinha de susso dicta da alforua e da linhaça pera lhe amolleçer os nerues. //

Pero saby que mujtas vezes se desencasa hũu osso do outro em tall gujssa que nunca hy pode tornar por coussa que lhe façam e fazexelhe hũu jnchaço em çima e aquy nom lhe pode prestar saluo o postumeiro rremedyo ·s· de o queimarem em este logar o melhor que poderem. //

O Rbij capitollo he das estrepaduras que aqueeçem aos cauallos nos geolhos ou nas outras junturas e nos outros logares das pernas. //

Algũuas vezes auem que se mete algũa espjnha ou estaca ou algũa cousa tal ao cauallo no geolho ou em algum logar das pernas ou dos braços jnchalhe ende todo o nembro e asanhaxilhy o neruo de guyssa que o faz çopegar. //

E esto podem chamar estrepadura do braço. // E a cura pera esto he tal rrayãno todo arredor e filhem tres cabeças de lagartos e pisẽnas e ponhamlhas em çima da chaga legadas com hũu pano. // E outrossy val pera esto a rrayz da canauee. // E a rrayz da erua tunjz malhadas e liadas em çjma com huum pano. //

Outrossy ffazem as lezmezes malhadas com manteiga e coytas e postas (Fl. 37) em çima e poeremlhas a meude. //

E estes tres rremedios de susso dictos ssom boos porque ham virtude de tirar as espinhas e as estacas e ho lixo de dentro da carne pera ffora e des que a chaga for liure curaa como as outras chagas. // E se depois ficar algũu jnchaço põelhy hũu enprasto da losna e de parjtarja e de gigante e de maluaysco e de farjnha e de mell malhado todo e poendolho todo em çima. //

E esto er pode prestar ao jnchaço quallquer de ferjda ou dalgũu cajom. //

O Rbiij.º capitollo he de hũua jnfirmjdade que he dicta em latym *furjna* e em nossa ljnguagem inchaço duro que se faz na coroa da unha hu se junta a carne com ella. //

Hũua doença sse faz ao cauallo antre a juntura do pee e ha hunha na coroa do pee e no começo faze hũu jnchaço e como calos de carne dura. // E esto se faz de topadura dalgũa coussa riga e da maa solta e se lhe nom acorrerem çedo fazelhy sobre osso. // E a cura pera esto estremadamente des que emuelheçer he tall como a do sobre osso. //

O Rix capitollo he do cançer.

Ffazesse hũua jnfirmjdade ao cauallo a par das junturas dos pees e na coroa do pee ou nos braços ou nas pernas em algũu logar que o come muito e lhe geera conrronpimento. // E fazesse dalgũu (Fl. 37 v.) humor melancolico. // E he chamada esta jnfirmjdade em latim e em nossa linguage cançer. // E ha cura della he tal. // Ffilha do çumo das rrayzes das abroteas peso de trijnta dinheiros nouos e da cal vjua peso de vijnte dinheiros e do poo do azanafe peso de dez dinheiros e moy todo e mesturao e amasao com o çumo dicto e metio em hũua rrodoma de barro e tapalha boca e metia em hũu fogo e jasça hy tanto ataa que aquelles poos seiam bem torrados dentro e filha este poo e deita dell cada dia no cançer ataa que o mate lauandolho prjmeiro com do vjnho queente ou com do vjnagre e des que o cançer for morto e ficar

a carne viua e saa e jnchar arredor ja que he bõo signall e çara entom a chaga com a clara do ouo e com as outras coussas con que sse curam as chagas. //

Outrossy presta pera esto o esterquo do homem torrado com o sarro da cuba. // Aynda hy ha outra meezjnha majs fforte pera esto. // Ffilha os alhos e a pijmenta e hũua rrajz que chamam piretro e jaque do hunto velho do porco e malha todo e põeno em çima do cançer e legalho bem e renouallho cada dia duas vezes ata que seia guarjdo e depois cura a chaga como as outras. // E sabe que o poo das rrayzes das abroteas he mays forte pera esto (Fl. 38) ca todal!as cousas de suso dictas. // E sabe que estes poos fortes ssom muj boos pera os logares hu nom ousamos a talhar nem a poer fogo. // E sabe que se sse comer o caualo no cãçer com a boca façam poo do linho caneue e deytemlho ataa que seia saão. // E deues a saber que o cançer senpre se cura com coussas fortes. //

O L.ta capitollo he das fistollas.

Fazesse hũa chaga ao cauallo em algũus logares e he larga em fundo pela carne que se la dentro come e conrronpe e estreyta na boca em çima como veemos que jaz mujtas vezes ho mal solapado e quebram em çima olhos estreytos. // E esta doença se faz dalgũa chaga velha mal pensada em que se geera algũu conrronpimento que come a carne e os ossos. // E esta doença chamam em latim e em nossa ljnguagem fistolla. //

E a cura pera esta doença he tal. // Abranlha boca da fistola e amatẽlha com ho poo das rraizes das abroteas ou com outros poos mays fortes assy como ante dicto he do cançer ca tal pode seer a cura dũu como do outro saluo que a fistola ha mester as vezes coussas majs ffortes e por esso lhe põoe algũus ho rrosalgar quando vẽe que lhe conpre. // E des que a fistola ffor morta curalha chaga como as outras. //

O Lj capitollo he da peeira que vem aos caualos nos pees. // (Fl. 38 v.).

Ffazesse hũua doença aos caualos nos pees a que chamam peeira e nom falo aqui dela porque he dicto conprjdamente no capjtolo da peeira da lingoa que he ho nono capitollo da segunda parte deste liuro. //

O Lij capitollo he do danamento que aqueeçe ao caualo quando poem hũa mãao sobre ha outra. //

Auem mujtas vezes hũua doença ao caualo na coixa do pee que he o logar dantra hunha e a carne viua e fazlhe aly quebrar a carne e deytar e se emuelheçer e nom for bem pensada fazesse hy cançer. // E esta doença se faz quando ho cauallo põe hũua mãao muj riga sobre a outra. // E esta doença chamam em latim *superpositura pedis* e em nossa linguagem sobrepoymento dũua mãao sobre a outra. //

E a cura pera esta doença he tall.

Tanto que se aly chagar talhalhe tanto da hunha com a legra arredor da chaga de gujssa que fiquy a chaga descoberta e que se nom prema a hunha sobre a carne ujua ca o premjmento da hunha sobre a carne ujua nom leixa soldar a chaga. //

E este fecto lauemlha chaga com do vjnho forte e eixuguemlha a meude e guareçera ou lhe curem a chaga como as outras chagas com coussas que solde e guardēno da auga e de lixo. // Outrossy pode prestar pera esto se o trosqujarem naquell logar e poeremlhe em çjma hũua peça de coiro de touçinho e leguemlho e depois dejtenlhe per tres dias do poo do sal torrado e da filugem todo mesturado. / Ou lhe ponham hũu enprasto de çera e de pez e de seuo de carneiro e leguemlho em (Fl. 39) çima e guardēno da auga e de sse comer e se lhe sayr carne fora ponhamlhe do poo da rapadura do corno do çeruo ou do boy mesturado com do sabom velho e legalho e consumjrlhaa. // E se sse per uentura hy fezer fistola per maao pensamento curēna como dicto he no capitollo da fistola. //

O Liij capitollo he das esponlhas que naçem aos cauallos. //

Ffazesse hũua doença ao cauallo apar da juntura do pe ou em outro lugar e fazesilhe hũa sobegidõe de carne com graaos per çima e nom tem hy coiro nem cabelo e esto xe lhe faz dumores sobejos que lhe correm aaquelle lugar. // E esta doença chamam em latim *morus* e em nossa ljnguagem espunlha. // E a cura desta doença he tall talhemlha toda de rraiz per fundo e rrayamlha de gujssa que fiquy todo achaado com o coiro e depois se nom ffor logar de neruos queymēno com ferros feruentes o melhor que poderem de guyssa que lhe queymem as rraizes. // E se ffor em logar de neruos nõ no queimem mas ponhamlhe o rosalgar ataa que

lhe matem as rrayzes e lhe cayam. // E depois façamlhe esta meezjnha pera soldar a chaga. // Ffilha a cal viua e ho mell e mestura todo e cozeo no fogo em hũu testo e fazy ende poo e dejtemlho ataa que seia soldada e lauemlho prjmeiro com vjnho queente. // E sabe que adur ou nunca naçem cabellos em este logar. //

O Liiij.º cap.º he das landoas. // (Fl. 39 v.)

Ffazensse hũus jnchaços ao caualo do sangue sobeio na carne mole a par do coiro e chamamlhe em latim *turtas* e em nossa linguagem landoas. E a cura desta doença he tal talhalhe ho coiro em meo do jnchaço e metamlhe per hy hũua palheta de madeiro e mouamlhe com ella os humores e depois espremanlha feramente e desy queimemlha carne dentro com hũu ferro feruente ancho de gujssa que lhe nom queimem o coiro. // E a cabo de sete dias er queimemlho outra vez e façamlho com gram guarda. //

O Lb [1] capitolo he das sedas e das gretas que sse fazem nas hunhas dos cauallos. //

Ataaqui he dicto das doores das pernas. // Agora se segue das doores das hunhas. Honde sabe que ha hy hũua doença que se faz ao cauallo que lhe fende as hunhas per meo e começalhe na coroa da vnha e vay pera fundo ao longo e aas vezes xe lhe chega a fundo da hunha e lança vurmo e vay contra o tenpão da hunha e esta doença chamamlhe seda. // E a cura pera esta doença he tal catemlhe as rayzes contra o tanpão a par da coroa da hunha e cauemlhe com hũa legra antre a hunha e a carne ata que cheguem ao vjuo da carne e que saya ho sangue. //

E depois filha hũua coobra e talhalhe o rrabo e a cabeça e cozãna outra em azejte ata que se delja a carne dela e se faça como vnguento e deste hungoento lhe hunta cada dia a seda aly hu ffoy legrada a hunha ata que seia a seda morta e lhe venha melhor hunha e guardao senpre dauga e do lixo e de comer erua. // E sabe que eu aprendy de hũu freire que se fenderem a fferradura pello lume em dereito da (Fl. 40) seda e juntarẽna das canellas antre os machos e ferrarem ende o cauallo que teuer a seda per meo da hunha soldarlhaa e quanto mais andar mays cedo gua-

[1] Por erro está *Rb*.

rjra. // Outros hy ha que lhe fazem esta meezjnha legramlhe a hunha como dicto he e queimamlhe aquella chaga e depois deytamlhe do poo das rrayzes das abroteas ou doutro fforte pera lhe matar a seda e depois huntamlha com vnguento dalmeçega e dençenço e de seuo de carneiro e de çera e este vnguento lhe ponham ata que xi lhe solde a carne e ha unha. Pero o mjlhor hunguento que pode seer pera esto he o da coobra que desuso dixy. //

O Lbj [1] capitolo he das encrauaduras. //

Ffazese ao caualo hũa jnfirmjdade per cayom do crauo quando o ferram e fazesse em mujtas gujssas. // Aas vezes ho crauo chaga e da dano ao tenpão dentro e aas [vezes] ho chaga antre o tenpão e a unha e aas vezes no vivo da hunha. // E a prjmeira de todas he mais prijgosa ca o tempão he tenrro e per elle se crja a hunha e ell tem as rrajzes. // E esta doença chamam em latim *inclauatura* e em nossa ljnguagem encrauadura.

E a cura desta doença he tal, se o tenpão for dapnado descobramlha chaga com hũu ferro conujnhauel agudo e rrigo dè contra a sola da hunha e talhemlhy tanto da hunha arredor da chaga ata que lhe cheguem a ffundo da chaga da encrauadura e tangamlha e aljnpemlha e descobramlha e cauemlhe tanto da hunha arredor da chaga em tall gujssa que quando poser a mãao em terra que se nom fique em nẽhua parte sobre ha encrauadura ca lhe darja contrairo pera soldar a chaga e pera creçer a hunha. // E aquesto fecto (Fl. 40 v.) enchanlhe a chaga com estopa mjuda picada com clara douo e curemlhe a chaga com sall muudo e com ho poo da galha e do lentisco e tenhamlha senpre bem linpa. // E a encrauadura que nom tange o tenpão e passa per antre elle e a hunha como he dicto he nom he tam prijgosa. //

E a cura pera ella he tal descobralhe bem a chaga ao longo da hunha e desabafalhe bem a encrauadura e depois laualha chaga com do vjnagre ou com do vjnho queente e jnchilha de sal e põelhe em cima da estopa molhada no vinagre e leguemlhe a mãao com algũu pano e catemlha duas vezes no dia. // E se a emcrauadura ffor que tanga ao ujuo da hunha façãlhe assy como a esta que ora dicta he e tenhaa senpre bem ljnpa. //

E sabe que todalas encrauaduras que nom danam o tenpão dentro podemsse curar ligeiramente se as abrjrem e aljnparem e

[1] Está *Rbj*.

deitaremlhes na chaga do seuo ou da çera ou do azeite feruente e do sal muudo com ho sarro da cuba ou da fellugem e do azeite.

E sabe que ante que abras e escaues a enclauadura ou estrepadura de pao ou de crauo ou doutra cousa que xe lhe meta pela mãao que ante lhe deues poer hũu enprasto de maluas de maluaysco e de farello e de seuo coyto todo em vjnagre ou em vjnho e poeremlho queente como o poder sofrer da manhaa ataa noyte. // E este enprasto amansa a door e abre os poros. E amolenta a hunha pera se talhar mjlhor. // (Fl. 41).

O Lbij capitollo he das encrauaduras que fumegam e das empedraduras. //

Deues a saber que algũuas vezes aqueeçe que nom descobre bem a enclauadura e colhe vurmo e lixo e faz camjnho antre a hunha e a carne e fumega em çima da hunha polla podrjdõoe que la chega e quebra na coroa da hunha e deyta per hy vurmo e lixo.// E esta chaga per que assy deyta curalha com hunguento de almeçega e dençenço e de çera e de seuo de carneiro e tenlhe senpre a chaga bem enxuta. // Pero que a encrauadura donde esto vem voluy a ela e abrya ataa que chegues ao fundo e pensa della como dicto he e esta cura he perfeita. // E sabe que algũuas vezes se dana ho caualo na sola da mãao por algũa pedra em que a poem duramente e nom entra dentro como crauo mas apodrentalha mãao e chamonlhe latumadura ou empedradura. // E a cura pera esto he tall. Aljnpemlha bem e talhemlhe em çima dela do tanpão e desabafemlha e ponhamlhe as maluas e os farelos e a parjtarja e ho seuo do carneiro todo coyto e ponhamlho em çima como enprasto. //

O Lbiijº capjtolo he de hũua jnfirmjdade que chamam em latim *ficus* e em nossa ljnguagem gauarro. //

Auem algũuas vezes que ssc dana a mãao do caualo em fundo por algũu ferro ou osso ou outra coussa que xe lhe per ella mete ataa o tenpão. E muitas vezes aqueeçe se lhe desta chaga nom pensarem bem e abrjremlha e desabafaremlha que vem ende a cayom ca (Fl. 41 v.) lhe naçe hũua carne de dentro pela chaga porque acha per hu creçe quanto pode pera fora. //

E depois do aprjmjmento da mãao sobre aquella carne aladalha e atortalha assy como figo pasado e assy a trage. // E por

esto chamam a esta doença em latjm *ficus* e em nossa ljnguagem gauarro. //

E a cura desta doença he tal talhemlhy da hunha e cauem tanto arredor da chaga que lha descobram bem e que fiquy bõo espaço antre a carne e a hunha arredor. // E depois talhemlhy aquela carne pella rrajz toda de fundo e depois ponhamlhe em çima da esponga do mar e leguemlha bem e apertenlha e comerlha as rrajzes do gauarro se lhe fiquarem e senom teueres esponja do mar lançalhe do poo das rrajzes das abroteas. // E depois que as rraizes fforem mortas curemlhe a chaga assy como as outras e lauemlha e tenhamlha enxuta e ljnpa. //

E deues a ssaber que nunca deuem a poer fogo em este logar ca rreçeberia o tenpão gram caiom do fogo porque he tenrro se o queimassem. //

O Lix capitollo he do espalmamento das hunhas. //

Algũuas vezes aqueeçe que se o caualo he augado e dell nom pensam como deuem que lhe correm tantos humores aos pees que o agrauam mujto e ho fazem çopegar. //

E algũus chamam a esta doença espalmamento porque o faz despear nas palmas. //

E a cura desta doença he tall cauemlhe em çjma da hunha (Fl. 42) legra da parte de diante tanto que rronpa hũa vea grande do pee que uem a esse logar e deyte tanto sangue dela que semelhe que torna fraco e se çopegar das mãaos ou dos pees façamlho outrossy em eles e desque lhe tirarem o sanguy enchamlhy a chaga de sal muudo e ponhamlhy em çjma da estopa molhada no vinagre e leguemlha mãao em çima com hũu pano e assy este ata outro dia. // E depois deytemlhy na chaga do poo da galha e da murta e do lentisco duas vezes no dia e lauemlhe ante a chaga com do vjnho e tenhamlha bem ljnpa. //

O Lx capitollo do mudamento das hunhas. //

Algũuas vezes per negligençia e per maao pensso tantos humores correm aos pees do cauallo que xe lhe metem antre as hunhas e ho tanpãao e envelheçelhe e fazemlhe dentro desaprender a hunha do tenpãao e fazem camjnho per hu possam sayr e assy per fforça lhe fazem mudar a hunha e esto se faz do augamento do caualo se ffor mal pensado assy como dicto he no capitollo dante este. // E aas vezes se faz mujto agjnha pollos humores

mujtos que lhe correm aquel lugar a aas vezes xe lhe muda pouco e pouco pollos poucos humores que lhe entram e mudando esta hunha velha e naçendo outra noua depos ella. //

E esta doença chamam mudamento das hunhas. // E a cura pera esto he talhemlhe a hunha velha com a legra arredor hu sse junta com ha hunha (Fl. 42 v.) nova por nom enbargar a noua pera sayr e desy toma duas partes de seuo de carneiro e a terça parte de çera e retty todo com hũu pouco dazeite e faze ende jngoento e deste jngoento queente hunta a hunha duas vezes no dia e faralhe creçer e naçer a hunha mujto aginha. //

E esto he quando a hunha muda pouco e pouco. // E 'se a hunha se muda mujto agjnha e logo cae fazelhe esto. //

Ffilha o pez grego e o ençenço e almeçega e o sanguy dragom e o bolo armenjco e o galbano que he hũua goma que fede e faze poo daquelo que se pode fazer e mestura todo com dous tanto seuo de carneiro e com a terça parte da çera e rrety o pez e a çera e olio e tulhyo de sobre ho fogo e mesturalho all todo e deste enprasto põe em hũu pano de bragall e põelho em çima do tenpãao e cercalho ende todo e assy ho tenha e tolhylho duas vezes no dia e laualho tanpão com vjnagre forte queente ou com vjnho queente e depois er ponhamlhy seu enprasto. // E porque o caualo nom pode estar sobrellos pees em quanto esta doença ouuer he bem de lhe fazerem boa cama de palha longa pera folgar em ella. // E se o caualo nom poder estar sobre os pees filhem quatro varas de bragall e metamlhas per sso o ventre e leguemlhe os cabos com boas cordas da hũa parte e da outra em logar alto e alçem tanto (Fl. 43) o pano que se sofra sobrel iaque pero que tenha os pees leuemente ssobre terra e rreçeba ajuda de sse sofrer no pano e esto lhe podem fazer em quallquer doença em que nom poder estar. // E des que a hunha ffor creçuda filha o poo da galha e do exofre e do sall e faze todo feruer em vjnagre forte e daqueste vjnagre laua a hunha e ho pee todo e depois legalha em çjma com hũu pano e assy lho faze duas vezes no dia. //

O Lxj capitollo he das hunhas tortas contra dentro ou contra fora como nom deuem. //

Mujtas vezes teem os cauallos as hunhas tortas e sesgas contra fora ou contra dentro da naçença assy como dicto he ou de maao ferrar. // E a cura pera esto he de o fferrarem a meude e corregamlhas ao cujtello o melhor que poderem. // E saby que presta

ao cauallo de lhe fazerem senpre mais as hunhas de contra fora e de seerem outrossy as ferraduras contra ffora majs grossas. //

Aqui se acaba hũu liuro de aluejtarja que treladou e hordenou mestre Giraldo fisico do nobre senhor rrey dom donjs (Fl. 43 v.) per seu mandado na çjdade de Lixboa na era da encarnaçõ de Jhesu Christo mjll iij.ᶜ xviij.º (1318) anos.

Este hunguento he pera as encalçaduras dos cauallos. //

Item tomaras çinquo vaquas louras e hunto uelho tamanho como hũu ouo e meteloas em hũa bueta e se as vacas nom fforem mortas leuarlheas outro tanto do hunto e depois que as vacas louras forem tódas mortas pisaras todo ho unto e ellas bem e desque ffor bem pisado tornaloas a boeta. //

Este he o rregimento de fazer ho jngoento. //

Esta magneira teeras em curar ho cauallo. // Item tomaras hũa naualha e rrapaloas muj bem e grasarloas ao longo do neruo e emtom tomaras sal e ujnagre e fregeo muj bem e entom lauao com dauga e enxugao com hũu panno e entom tomaras do dicto vngoento tamanho como hũua auellãa e huntao com elle e esfregao com a mãao per espaço de mea ora. E desy meteo na casa e leixao estar despois de tres dias toma ho sall e fazelhe como de prjmeiro. E esto lhe faze em noue dias tres vezes. // (Fl. 44).

Esta meezjnha he pera o sobre osso. //

Item. Tomaras duas cebollas e asallasas e tomarás hũua das çebollas com hũu pano assy queente como say do fogo e poellas sobre ho sobre osso e pelalhe ho cabelo com a mãao e deshy toma hũu pao dauelleira e esmatraca o lhe bem o sobre osso he entom toma hũa lançeta e alançetaloas muj bem todo o sobre osso. // E entom toma a çeruda duas pernas della e hũa de sal e pisa todo muj bem e poendea ssobre ho sobre osso e he atadeo bem com hũu pano e estee per espaço de hũa ora. // E pasada a ora tiradelho e nom cures majs delle senom quando o leuares a beber trazeo polla auga. // E guardeo nom se coma e elle seguro seera de seu. //

Esta he a meezjnha pera os adragunchos.

Item. Pera os adragunchos tomaras os bichos [1] das cabeças dos cardos peteeiros. // E seiom çinquo e metelos na casca de hũa noz com hũa tira de pano cruu e sobre esto ata hũa ljnha de moça ou doutra que seia virgem e legalo ao collo do caualo ou aas comas e põelho a hũa sesta feira ante de sol saido e diras tres vezes ho (Fl. 44 v.) pater noster e aue maria á onrra de Deos e se lho poseres a sesta feira sangraloas hũa vez e se lho poseres em outro dia sangraloas tres na rauoa, e tanto que estes bichos morrerem logo sera sãao e se naçerem estes adragunchos antre a hunha e ho cabelo nom lhe façom esta meezjnha que nom prestará. //

Estes nomes ssom boos pera a door da rrayua ou pera outras quaaesquer mordeduras de peçonha e an se descpreuer em hũa taça ou vasso ou escudella da parte de dentro e desfazellas com auga e dallas a beber ao que ffor mordido ou que teuer a door, e se a nom poder beber beba a outrem em seu nome. // E assy lhe prestarom. E os nomes ssom estes // Poro // pota // noell // nebeta // nosay // mosay // paracritus [2] //

DEO GRACIAS. //

---

[1] Bicos.

[2] A margem de letra cursiva do seculo xv, de má leitura, lê-se ainda: «A cruz djse pilatos maleytas as tu jasus dise jasus no hey mais todo aquelle que as ouver hesas palavras lhi seruem qua mais a 1.ª

E pera dor das maleytas ho milho matyaluor encomendo a deus noso senhor he a santa marya do recamador he a san pedrro de quadejra he a sua benta barua he a sua beyta capa ysto he ho que eu vos venho pedir he rrogar que me quytes estas maleytas he esta m[aleita] he esta maleytam he esta cortam he esta ter[çam]»

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

A procissão da Candeya, em Guimarães, no seculo XVIII

«He hum dos antigos, e celebres costumes desta nobre Villa a procissão, que neste dia, vespora do Espirito Sancto, faz a Camara, por voto, chamada da *Candeya,* q̃ he hum andor todo de cera, da qual fabricadas muitas flores, e enganosos fructos, servem de adôrno á circunferencia de huma esfera, em que se englóba a quantidade de varas de rolo, que dizem ser a medida, que da Villa se tomou no tempo da peste, sobre o qual globo serve de remate hum ramo de oliveira em que se vê hũa põba, tudo de cera, como figuras da Senhora da Oliveira, e do Espirito Sancto, em cujo festejo faz a Camara aquelle andor todos os annos a todo o custo, ao qual vai conduzir o Reverendo Cabido com as Communidades, e Camara para a Real Collegiada, em cujo padrão se benze muita quantidade de paens miudos, que o Senado com os Ministros de justiça distribuem geralmente ao povo, que delles se aproveita com muita fé para mordeduras de caens danados. Mandou o Senado hum taboleiro destes paens a S. A. que vendo a procissão, e advertindo as circunstancias do voto della, em abono daquelle antigo, e devoto costume fez grande acceitação da offerta com plenas demonstraçoens de agrádo, tanto por fazer honra aos Vereadores, como por ser motivo do seu gosto tudo aquillo, que fomenta a devoção dos fieis para o culto de Deos, e gratificação dos divinos favores, que tanto reluz naquella maravilhosa Candeya».

Guimaraens Agradecido. Segunda parte do *Applauso Metrico,* dado á luz por Thadeu Luis Antonio Lopes, p. 43.

II

A lenda de Santo Amador

«*Secular*. — Tambem ouvi dizer, que tinhão notaveis effeytos as Missas que vulgarmente se chamão de Santo Amador. Sabeis, Padre, alguma couza neste particular?

Religioso. — Não sey mais do que, o que refere o nosso George Cardozo no *Agiologio* (a 27 de Março, let. A.) Em Monsanto (diz elle), nos confins do Bispado da Guarda, houve nos tempos antigos hum Ermitão Santo, por nome Amador, o qual vivia na Ermida de S. Pedro de Vir-acorça. Este sahindo huma tarde dos exercicios da Oração, e olhando para o Ceo, vio o alvoroço, e festa, com que os demonios levavão pelos ares huma criança (e quiçà seus pays indignados, como às vezes costumão, a darião aos demonios). E pondo-se em Oração, pedio a Deos não consentisse, que aquelles seus inimigos fizessem escarnio da creatura feyta á sua imagem. Logo lha largàrao aos seus pés: e Amador a offereceo a Deos no Altar de S. Pedro: e Deos prevenio que viesse huma corça a dar-lhe leyte todos os dias. Deste modo se creou, até que andando o tempo, veyo a ser Sacerdote: e o dito Amador o ajudava à Missa; e nas suas mãos morreo dando lhe o Santissimo Viatico. E o Sacerdote depois se mandou enterrar com elle: e hoje em dia descanção os seus ossos no dito lugar, com muyta veneração: e servem os pòs da sua sepultura contra maleytas, e para destruir a lagarta, e o pulgão, de que as terras são infestadas. Por conselho deste Santo Ermitão disse o Sacerdote certo numero de Missas pela alma do pay do mesmo Sacerdote, que o Ermitão vio penar no Purgatorio».

Padre Manuel Bernardes, *Pam partido em pequeninos*, tomo II. Lisboa 1726, p. 153.

III

O S. João na Amieira

«Na ultima digressão que fiz pelo Alto Alemtejo encontrei uma novidade em objecto de devoção popular, cujo conhecimento não deixará de interessar ás senhoras que desejam estar nas boas

graças do Baptista; d'esse santo Precursor, que no deserto comia gafanhotos, e que perdeu a cabeça pelo capricho de uma mulher.

Ha encorporado no velho castello da Amieira, actual cemiterio da pequena povoação, uma capella insignificante, por onde passa quem quer ver internamente as paredes do derrocado monumento de D. Dinis.

Serve de capella do cemiterio, e é dedicada a S. João Baptista, tendo sobre a porta uma cruz de Malta, e umas poucas letras.

Visitando o castello, ao entrar no humilde santuario, notei um cheiro intenso de morrão mal apagado. que envenenava o ambiente. Depois vi dispostos em linha, no chão, um grande numero de candieiros de diversos tamanhos e feitios, e na parede muitas candeias de folha, umas penduradas em pregos, outras suspendidas de alguns buracos que por ali havia.

Explicaram-me então que as moças da Amieira todas as noites faziam ali a novena de S. João; a qual consiste em irem, antes da ceia, em pequenos grupos, ajoelhar perante a imagem do santo casamenteiro, e fazer-lhe em silencio a sua oração, tendo previamente accendido cada uma o candieiro ou a candeia que comsigo levam, e deixam ficar ardendo na capella, até que o azeite se extingue.

E com effeito; á noite, tive occasião de verificar como era vistosa esta illuminação, e crescido o numero das môças da Amieira, quando, castigado pelos accidentes de uma jornada de oito leguas em carro alemtejano, e ainda afogueado dos raios que um sol furioso dardejara naquelle dia contra a humanidade, fui sentar-me nos degraus esboroados da escadaria da capellinha, a ver passar os pequenos grupos femininos.

Acrescentarei que a Amieira passa por ser uma das terras em que ha menos celibatarios; sem duvida porque o Baptista, agradecido ás suas formosas devotas, se digna abrandar os corações mais empedernidos».

A Perola. Semanario literario, publicado em Elvas; n.º 1, de 28 de julho de 1890.

IV

Uma usança portalegrense

«Nesta cidade (Portalegre) quando morre uma criança, reunem-se em casa dos paes os parentes, e vizinhos com elles mais intimamente relacionados, e ahi *solemnizam* o facto, velando até

a madrugada, e sendo-lhes offerecida uma refeição, mais ou menos abundante conforme os meios dos donos da casa, ou pelo menos vinho ou aguardente.

Entreteem-se em conversações divertidas e por vezes licenciosas, jogam-se *jogos de prendas*, contam-se contos de bruxas e fadas, ás vezes canta-se, e, até que os accommette o somno, celebram por este modo o que elles chamam *anjinho* (ha *anjinho* na rua de tal — dizem), incommodando os demais vizinhos, que não tomam parte nestas *orgias funebres*.

O cadaverzinho, collocado numa especie de eça, a cuja cabeceira está um crucifixo, e alumiado pela luz bruxuleante de um candieiro ou de uma candeia, está presente durante o pagode (*sic*) nocturno, em que se affronta insolitamente a lugubre majestade da morte, e em que o amor paternal succumbe quasi sempre na luta com o uso tradicional e hereditario.

Não haverá tal ou qual analogia entre o festim funebre do troglodita do periodo paleolithico, e a extraordinaria usança portalegrense do seculo XIX?»

O Atheneu. Revista de sciencias, artes e letras, publicada em Portalegre; n.º 3, de 1 de fevereiro de 1888.

V

Chegada do Cuco

«Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. No dia 14 de março de 1843 appareceram nas esquinas de Villa Nova de Famalicão editaes orlados de tinta verde, annunciando que ás duas horas da tarde do dia 21 do mesmo mês, e segundo o costume, o cuco visitaria os habitantes da villa, com toda a sua numerosa comitiva; e que nesse mesmo dia pelas tres horas da tarde subiria ao ar uma grande machina na qual iriam 2:000 cucos, porção destinada para a villa e freguesias circumvizinhas. Os editaes eram datados do Palacio Magistral.

E com effeito no dia marcado, logo de manhã, entraram a apparecer varios individuos mascarados, annunciando como postilhões a vinda do cuco, e apregoando a sua breve apparição. Ás tres da tarde appareceu o cuco; vinha em um carrinho descoberto, puxado por um insignificante jumento e acompanhado de quinze individuos mascarados e vestidos exquisitamente. Parou o prestito no largo da villa, e então subiu aos ares o balão; porem o vento

não permittiu a ascensão aerostatica. Tudo isto vinha acompanhado da competente musica. O cuco vinha de cabelleira de rabicho com a sua competente armação».

As Cabeças Fallantes, jornal satyrico, de instrucção e recreio; n.º 9, do 2.º anno, Porto 1872. Cf. *Trad. pop. de Portugal*, de Leite de Vasconcellos, pag. 147 e 148.

VI

Sortilegios

«Ao pé da antiga casa da Companhia (em Miragaia, Porto), numa porta baixa de casa terrea, bateu a senhora Angelica. A porta foi aberta por uma velha inqualificavel, indefinivel, mistura de todos os animaes repulsivos desde a santopéa até á cegonha. Era a senhora Escolastica, benzedeira, adivinha, mulher sábia, que praticava com o invisivel por meio da peneira e das cartas.

—Venha com Deus, devota de Nosso Senhor. Já sei ao que vem.

—Já? Louvado seja Deus.

—A Rosinha não quer casar.

—Nem á mão de Deus padre... Aqui anda feitiço. Queria que vocemecê me dissesse se o filho do retroseiro, que se chama José, será o manfarrico que faz doudejar a cabeça da rapariga.

—Vamos a isso—disse a senhora Escolastica carregando duas vezes de simonte a venta esquerda, que parecia um mexilhão aberto, e folheando um surrado baralho de cartas.

A senhora Escolastica benzeu-se, e pronunciou a seguinte oração, pondo as cartas em quatro montes, benzidas tambem:

«*São Cypriano, bispo e arcebispo fostes, sete annos no mar andastes, na vossa divina graça vos sustentastes, sete sortes pela vossa divina esposa botastes, no fim vos declarastes. Declarae-me aqui se a Rosinha anda de namoro com o José, filho do retroseiro*».

E, depois, voltando-se, com ar sibylino e tragico, para Angelica:

—Rosa é a dama de ouros; o José é o rei de ouros. Aqui sae Rosa com o sete de espadas, que é uma paixão de alma. Aqui está o José voltado para ella de corpo e pensamento, que é o valete de ouros. Sae-lhe aqui outro homem, que é seu irmão; mas ella vira-lhe as costas, e dá-lhe más palavras, que é o cinco

de espadas. No meio d'isto, sae-lhe aqui lagrimas, que é o cinco de copas, e a espadilha o affirma. Seu irmão aqui está com o sete de copas, que quer dizer comidas e bebidas, e ella vira-se para o sete de paus que é um gosto grande, e o seis de paus pela porta da rua. Aqui está a dama de espadas, que é uma mulher de má lingua, por causa de uns dinheiros grandes, que é o dois de ouros, vê? ella amanhã sae por caminhos; aqui está o dois de espadas, e aqui está o az de ouros que é a igreja, e o quatro de paus que é a tumba... valha-me Deus!...

A senhora Angelica, côr de cidra, benzeu-se. Dito isto, a senhora Escolastica repetiu a miraculosa operação, e descobriu uma *novidade*. Novidade é uma carreira de cartas sem figuras. A novidade era a confirmação do quatro de paus, e um certo az de copas, cuja significação a benzedeira disse ao ouvido de Angelica, que fez uma careta, e persignou-se. Careta aquella, discreta leitora, que eu tambem fiz quando me contaram esta pavorosa historia.

Feito isto, as cartas foram substituidas pela peneira.

A senhora Escolastica, versada nos dois ramos de sortilegio, pôs de perfil a peneira, e metteu-lhe um Senhor crucificado, umas contas, e tres vintens em prata. Depois cravou em um dos lados os bicos de uma tesoura fechada, e outra tesoura do outro lado. Feito isto, com grandes tregeitos, e grave attenção da senhora Angelica, que murmurava o credo em cruz, disse a benzedeira:

— «*Peneira, tu que peneiras? Pão para toda a christandade. Pelo poder de Deus peço-te que me digas se a Rosinha ha de casar com o senhor Antonio; se tiver de casar, vira-te para a direita, e se não vira-te para a esquerda*».

A peneira oscillou alguns segundos, e ficou voltada para a esquerda.

A pobre Angelica deixou pender o beiço inferior, que ha quatro annos lhe tocava a ponta do nariz! Estava profundamente triste e aterrada! O seu olho esquerdo falou da abundancia do coração. Uma lagrima, côr de agua-pé, rolou-lhe preguiçosa nas verrugas da face.

— Sabe o que mais, senhora Angelica? — disse Escolastica, commovida, e atufando a pitada na fossa anfractuosa da venta direita — sabe o que mais?... vamos *prender* a rapariga.

— Isso será cousa de escrupulo, e eu tenho medo que Deus me castigue.

— Agora castiga... Ha de ensinar ao seu irmão esta oração: «*São Marcos te marque, São Manso te amanse, os quatro Evan-*

gelistas te batam á porta do teu coração, Santissima Trindade te confirme na minha vontade, para que nem na cama, nem na mesa, nem no lar, sem mim, não possas estar, rir e falar, e já, e já, e já com todo o pacto».— Esta oração ha de seu irmão dizê-la, e quando disser *com todo o pacto* ha de dar tres vezes com o pé direito no chão. Passados nove dias, em que eu hei de rezar a novena das almas, e ouvir as vozes, appareça vocemecê por cá, e veremos se é preciso trazer roupa d'ella para a defumarmos nos quatro cantos com o fogareiro de São Cypriano».

Camillo Castello Branco, *A Filha do Arcediago*, pp. 19 a 22.

VII

Das festas que houve na villa de Vianna em maio de 1609, pela trasladação dos restos mortaes de D. Frei Bartholomeu dos Martyres

(Excerptos)

Folias. — «E porque não ouvesse silencio, que he enemigo de alegria, avia nas praças principaes, & polos postos mais publicos da villa diversos ternos de charamellas & muytas trombetas & atabales: & polas ruas corrião a hũa parte luzidas encamizadas, & avia muytas carreyras: por outra soavão alegres follias, musica popular e rispida, que descanta com atambor, & entoa ao som de instrumentos grosseiros, mas pera gente junta e de terreiro he bem festival».

Jogos de cannas. — «Ficou a manham grande ao Povo. Não na quizerão perder, os que o querião alegrar. Deu logo vista pola villa hũa grande quadrilha de cavaleyros vestidos à Mourisca de ricas marlotas, varias nas sedas, nas cores, & nos feitios, sobre camisas Mouriscas lavradas de muyto aljofre, & lançados encima fermosos terçados de prata. As marlotas semeadas de peças d'ouro, & as toucas, de pedraria que se fazia bem conhecer com a luz & reverberação do Sol. Hião de dous em dous com muytos cavallos a destro diante, que levavão lacayos bem apessoados, vestidos tambem à Mourisca de grandes pelotões de diversas cores lustrosos & bem guarnecidos. Era vista que levava os olhos cada cavallo por sy, sendo todos de preço, a riqueza de jaezes, de mochillas, & caparazões bordados d'ouro, & aljofre, a diffe-

rença de nominas, & cordões, & boçaes de prata, as invenções de ouro & prata que se mostravão em freyos, & cabeçadas, em estribeiras, & esporas que parecia levarem junto todo o melhor que disto avia no reyno. Alegrava, & era espectaculo particular o brio, & soberba dos cavallos que fazia persuadir a quem os olhava, que se entendião, & hião vangloriando nos arreyos, & em serem quasi a melhor parte daquella festa. Nesta ordem forão fazer reverencia à porta principal da nossa Igreja, & dali passarão ao campo que atraz dissemos, que fica entre o Convento & a hermida de Nossa Senhora da Penha, o qual estava jà cercado de hum grande quadro de palanques que fazião fermosa vista em paramentos de seda & infinidade de gente que não occupava só os palanques, mas enchia a praça, que ficou muy capaz. Assi como hião entrando, forão passando a carreira todos: logo só dividirão em duas quadrilhas ficando Capitão de hũa Francisco Pereira de Britiandos de illustre & antigo sangue Portuguez: & da outra Dom Gonçallo Correa Sottomayor, fidalgo de Galiza, que com a nobreza da geração ajuntava gentil disposição de pessoa: & começarão hum jogo de canas muy quente & apresurado, & com tanto ar, & concerto & destreza jugado, que sem se enxergar descuydo, nem aver desastre, ou perigo durou hum grande espaço. E sendo despartidos ficàrão escaramuçando, & acabàrão correndo outras carreiras, que parecião incansaveis, porque mudando muytos cavallos que sintião o trabalho, elles sòs mostravão que então começavão».

....

Invenções e danças. — «Começou a sahir a Procissão por esta ordem. Hião diante alguns ternos de trombetas & hum de charamellas tocando a miude, & apoz elles ordenadamente toda a diversidade de invenções que comummente acompanhão nas cidades & villas mayores as procissões de Corpus Christi, que estão repartidas pelos officios mecanicos. Logo seguião hum numero grande de danças que tomavão grande espaço de terra, & todas tinhão muyto que ver por riqueza de vestidos & joyas de ouro e pedraria, & por variedade da invenção de cada hũa, & dos instrumentos a que dançavão».

....

A Figura da Fama. — «No couce de todas caminhava com passo vagaroso hum grande & gentil mancebo sobre hum poderoso cavallo ruço pombo, ricamente ajaezado, vestia ao antigo hũas rou-

pas largas de hũa seda acatasolada que fazia varias cores com bordaduras de ouro: na cabeça hum grande turbante com muytas joyas de pedraria bem postas: na mão direita em hũa comprida haste um grande guião de seda branca franjada douro, & nelle bordado o escudo das armas & devisa da Ordem de São Domingos, atravessado de hũa Cruz florida das mesmas cores, & semeadas por elle & polas orlas muitas estrellas, hũas brancas em campo negro, outra ao revez: & outras, meadas de branco & preto com os campos igualmente revezados. Parecia esta figura ser representação da Fama, porque hia toda cercada de azas, hũas muyto estendidas que lhe sahião das espaldas, outras curtas na cabeça, & nos pés, todas variadas de diversidade de cores, prometendo celebrar com seus effeitos esta festa, & divulgar a devação & grandeza della por todos os fins da terra: o que dava a entender tocando de quando em quando hũa trombeta bastarda que na haste do guião levava atravessada».

....

Bandeiras dos officios. — «Seguião a Fama todas as bandeiras dos officios mecanicos, acompanhadas dos officiaes delles vestidos de festa, & enfeitados com seus castellos & insignias nas mãos guarnecidas de muytos pendões entre ramalhetes & flores».

....

Folias. — «Por este espaço que tomavão as bandeiras, & cruzes, corrião muytas follias que alegravão & espertavão com estrondo dos instrumentos & das vozes & bayles».

....

Figuras. — «Era a ultima Cruz a da Igreja Matriz, & logo a pouca distancia della caminhava com passo grave hum autorizado velho vestido a uso antigo dos Hebreus: & na companhia mostrava ser Loth sobrinho de Abrahão, porque o acompanhavão duas donzellas muyto moças & de bom parecer, & quanto podia ser louçãs no trajo Hebreu, levadas cada hũa de mão por um Anjo. Detraz seguião dous feyos monstros do inferno carregado cada hum com hũa temerosa maquina que representava em torres muralha & baluartes hũa populosa cidade, & erão feitas por tal artificio que cada hũa tomava toda a rua, & parecia intoleravel carga para hũa só pessoa: assi davão muito espanto com a grandeza & feitio, & com outro artificio que era irem lançando de sy espesso fumo negro & medonho & nelle envoltas muytas faiscas

de fogo, & a espaços labaredas vivas & azuladas de enxofre, que causavão pavor, & mostravão ser as que abrazàrão as infames cidades naquellas maquinas representadas. Seguia com algũa distancia hum grande & veneravel velho de fermosas & alvas cãs, acompanhado de hum moço de rosto varonil & boa disposição & de dous que parecião criados: os trajos do velho e do moço semelhantes ao de Loth no feitio, mas aventajados em preço & lustre. Mostravão no geito, & nos instrumentos que levavão, ser figuras de Abrahão & de seu filho Isac significando o caminho que fizerão pay & filho ao monte pera o sacrificio mandado, & não executado, mas trocado em outro».

. . . .

Invenções de danças. — «Daqui tornarão a correr peças de festa, que parecerão melhor com a differença das passadas: entrarão dous fermosos andores em que vinhão num S. Iacinto, noutro S. Gonçalo... Entre hum & outro alegravão os olhos & as orelhas quatro curiosas invenções de danças. Hũa de tres Cirnes quanto podia ser bem arremedados & vistosos, que dançavão com tres donzellas muyto louçãs. Outra de tres Ninfas vestidas de modo que os antigos pintavão as dos bosques, que chama a poesia Oreades. Hũas & outras dançavão por excellencia, & estas juntavão à estranheza do habito vozes suavissimas, com que hião cantando ao som de instrumentos bem acordados que levavão nas mãos. As outras duas erão hũa de mininos iguaes todos de corpo & bom parecer vestidos à Mourisca muyto destros & ligeiros que parecia muyto bem: a outra de Siganas que só tinha novidade na variedade & graça de custosos vestidos, & na riqueza de cadeas & outras peças de ouro que ajuntàrão sobre suas grandes trunfas».

. . . .

Representações. — «A lugares, onde avia largueza de sitio, estavão a ponto representaçoens devotas de figuras vivas, que alegràrão os ouvintes com a sustancia de boa poesia, & com a graça da pronunciação. Em outras partes ouve passos ao Divino, mudos pera fazer differença, mas tambem figurados que no silencio dizião muyto. Acompanhavãose com altares por estremo bem ornados. Por todas as ruas se sentião suavissimos perfumes de todas as composiçoens, & cheyros, que a India cria».

Frei Luis de Sousa, *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*, tomo II, pp. 420–441.

VIII

Amuletos (Seculo XVIII)

O olho de vibora. A unha da grã-besta

....

«*Criada.* — Tanto me sinto namorada de suas prendas, que para sinal do meu amor, aqui lhe dou a deste annél, que tinha na mayor estimação, porque mo deu hum Clerigo meu conhecido, que por sinal ficou sem elle.

Escrevente. — Não descubramos as faltas do nosso proximo: fallemos no que nos importa: e que pedra he esta, que tem no meyo?

Criada. — Não he pedra; he hum olho de vibora, que serve para muita cousa.

Escrevente. — E o que para mais me servirá, daqui em diante, será para testimunha, de que V. m. me poz os olhos; e amor, que chega a dar o filho, ainda que esteja como uma vibora, não poderá dar olhado; pois este olho me preserva de todo o ar, que não seja o ar da sua graça. Mas, Senhora, já que eu tenho mãos de harpîa para pegar nestes mimos, desejara nesta occasião ter unhas de grã besta, para remunerar estas offertas; porque me dizem, que tambem tem huma virtude nunca vista para huns achaques, que nunca se entendem».

....

Governo do Mundo em secco, pelo Dr. Manuel Joseph de Paiva, tomo 1, fl. 71.

IX

Serração da Velha

«A nossa estampa figura a serração de uma velha encerrada em um cortiço. Que terrivel execução será esta?! Que horrendo crime commetteria a triste velha, para soffrer tão cruel castigo? Será porventura alguma bruxa, alguma endemoninhada feiticeira, que o terrivel tribunal da inquisição castigue?! A nossa sensibilidade exige o exame.

Por este conhecemos que nenhum susto ha, pois que tudo é illusão — e que o engano substituiu felizmente a realidade. É hoje o dia quarta feira, que serra a quaresma pelo meio — e eis a allusão da velha.

Este costume, talvez ainda anterior á muito celebrada era dos Affonsinos, da *serração da velha*, esteve já em grande voga, de que ainda hoje temos muitos vestigios. Em que epoca ella nasceu não o sabemos, pelas pequenas noções que temos d'aquella era.

Sabemos, porem, que em a noite da sobredita quarta feira se faz esta ridicula festança, sendo em muitas partes levada uma velha, ou boneco que a figure, ás costas de gallegos lorpas, ha pouco vindos da sua terrinha, que, cubiçosos de ver a novidade,



carregam voluntarios com o peso, para depois serem, com outros que levam escadas, bancos e tamboretes, apupados com grande surriada.

Sabemos que uma alluvião de gaiatos acompanha o cortiço com estrondosa gritaria, e tocando musica, capaz de espantar quantos lobos ha, ao destemperado som de todos os chocalhos, tachos e caldeirões velhos que puderam encontrar.

Sabemos tambem que a velha é um symbolo da quaresma, e neste symbolo encontramos um solido fundamento, que nos mostra que o jejum, a que os fieis são obrigados neste sagrado tempo, sobe á mais remota antiguidade; podendo justamente affirmar-se que, se não é de instituição divina, pelo menos é de instituição apostolica, porque os mais antigos concilios e os santos padres proximos áquelle tempo, já muito o elogiam e recommendam, sem que notem quando foi a sua instituição.

A serração da velha raras vezes se celebra entre nós, na epoca presente; porem, quando isso tem logar, é sempre acompanhada de danças, sem, comtudo, excluirem alguns figurões caricatos, como os que representa a nossa gravura, apesar de contar avultada porção de idade.

Ainda ha poucos annos se distinguiam nesta diversão os operarios da cordoaria, que percorriam a capital a pé, a cavallo, e em carros vistosamente preparados, precedidos de uma banda de musica, dançando na frente das moradas das pessoas de alta categoria, e mesmo do paço dos nossos reis.

Estes, bem como quasi todos os nossos costumes patriarchaes, estão inteiramente esquecidos».

Jardim Litterario. Semanario de instrucção e recreio: n.º 14, Lisboa 1848. — Sobre a origem d'este costume, vid. Adolfo Coelho, *Renascença*, Porto 1878, p. 10.

X

Encantos amatorios

«Imaginárão nossos Avós hum erro, que em algumas partes tem chegado aos nossos dias, crerão pois, que havia meios seguros para obrigar a huma pessoa que amasse. Estes meios empregavão-se de duas sortes, e tinhão dois nomes. Huns erão encantos, e outros feitiços. Os primeiros pedião muito apparato. Armava-se hum altar ornado á roda de hum frontal. Queimava-se nelle incenso macho, e outros perfumes. A huma pequena estatua de cêra, que se punha sobre o Altar, se pegavão seis pontas de fita de tres côres diversas, e fazendo andar a figura tres vezes á roda do mesmo altar, se davão tres nós em duas pontas de fita, que tivessem a mesma côr, dizendo-se que se davão nós no Amor. O numero de tres foi sempre muito valído nesta casta de parvoices. Além desta figura havia outra de barro, e no tempo que com o fogo se endurecia huma, e se derretia a outra, conjurava-se o objecto amado, para que sentisse as mesmas alterações, endurecendo-se para todos os outros, e derretendo-se, ou pelo encantador, ou pela pessoa, por cuja intenção se praticava o encanto. Punha-se sobre o altar huma torta. Queimava-se louro com certos betumes odoriferos, e dizia-se, que o Amante ardia no mesmo incendio, em que aquellas materias se inflammavão. Finalmente tirando-se as cinzas do altar, as lançava o Amante em hum rio,

atirando com ellas para traz das costas, sem que nesta acção se voltasse, pertendendo-se, que estas cinzas erão as que fazião maior effeito nas victorias dos corações rebeldes. Quando a cinza se accendia por si mesma sobre o altar, era hum sinal infalivel de bom successo do encanto. Todas estas ceremonias se acompanhavão de hum formulario de preces, muitas vezes repetidas, com as quaes se pedia a ternura do objecto por quem ellas se fazião».

....

As Variedades, periodico do anno de 1802, Lisboa, n.º IV, p. 40.

XI

Apodo geographico

Os naturaes de Friellas parece que se zangavam antigamente quando lhes perguntavam «se conheciam o Padre Julião». É o que se deprehende d'este dialogo, da comedia de Antonio Joaquim de Carvalho, *A Ribeira do Peixe:*

«*Olaia.*—Eu não nasci em Matta, nasci em Friellas.

Pascoal.—Em Friellas! Por isso Vm.ce logo me cheirou a mantéo, botas e camarões formosos.

Olaia.—Eu nunca fui Frialeira de venda, que se o fora, davalhe c'uma bota n'alma.

Pascoal.—Diga-me, *conheceu lá o Padre Julião?*

Olaia.—Conheci lá uma groza de Diabos que o levem. (*Vai-se irada*)».

XII

Trova popularizada

No volume II d'esta *Revista,* p. 343, procurei demonstrar que não era popular, mas sim popularizada, a conhecida trova:

No ventre da Virgem bella
Encarnou Jesus por graça,
Entrou e saiu por ella
Como o sol pela vidraça.

Hoje vou provar que, se não a trova, ao menos a tão brilhante interpretação da virgindade immaculada de Maria, pertence ao Padre Manuel Bernardes. Na obra do insigne oratoriano, *Pam partido em pequeninos,* tomo I, § 5.º, p. 33, lê-se:

«E Christo nosso Salvador ao sahir da clausura do Sagrado ventre da Senhora, não necessitava de que as portas della se abrissem: sahio assim como o rayo do Sol penetra a vidraça, sem esta se quebrar, nem abrir, antes ficando mais fermosa e resplandecente».

XIII

Pregões lisbonenses

1) Na *Collecção de obras dramaticas,* de Antonio Joaquim de Carvalho (Lisboa, na Impressão Regia, 1813), ha referencias a varios pregões lisbonenses. Eis algumas d'essas referencias, que veem na comedia *A Ribeira do Peixe ou a Peixeira virtuosa:*

A p. 10:
A Scena deve representar a Ribeira Nova... Se houver commodo esteja entre os Bastidores huma Preta com celha de mexilhões, limpando-os. Tambem podem apparecer de passagem hum Maltez apregoando alfeloa, e jarzelim, e hum vendedor de agoa, com bilha e copo, apregoando, e outro apregoando sigarros.

A p. 16:
Damazia (regateira).— Quem quer Pescadas do alto? *(Em alta voz de pregão).*
Andreza (regateira).— Quem quer Gorazes saltando. *(O mesmo).*
Pantaleôa (regateira).— Ora Chixarros, Chixarros. *(O mesmo).*

A p. 18:
Andreza.— Quem quer gorazes doirados? *(Pregoando).*
Damazia.— Quem quer Chixarros para açar, ó Freguezes. *(O mesmo).*

A p. 23:
Andreza.— Ora Pescadas, Pescadas. *(Pregoando).*
Damazia.— Quem quer bom e barato.
Andreza.— Ó Freguezes, quem quer peixe de manteiga.

A p. 107:

Albertino.— Sim: eu quero servir o Amor, eu quero ser moço de cego: eu gritarei: «Folhinhas novas para este anno que vem, e Reportorios». (*Gritando*).

2) No tomo II da obra *Poemas Lyricos de hum natural de Lisboa* encontra-se, a p. 159, a seguinte referencia aos pregões de Lisboa, no ultimo quartel do seculo XVIII:

«A modo que aborreço já a Côrte.
. . . .
. . . .
«Que direi do tropel das carruagens?
Do nocturno pregão do vil Gallego?
Do Marujo servil, que anda com peixe?
Do çujo Carvoeiro, da choquenta
Vendedora de tripas emmólhadas?
Há pregão pelas ruas mais temivel,
Que o urro bronco de selvagem fera».

XIV

As taboinhas das almas

«Houve em Lisboa (nos fins do seculo XVI) um pintor de pouco vulto, chamado Luiz Alvres de Andrade. Era tão lembrado das almas do purgatorio, que lhe attribuem a invenção de as haver representado com as mãos postas entre chammas, fazendo grande numero d'estas pinturas em taboinhas, com o pedido de um P. N. e uma A. M. pelas almas, e mandou pendurar estes paineis em todos os logares e praças publicas do reino. E parece que isto durou muito tempo antes de passar para os azulejos, porquanto nos lembra ter lido n'algum dos nossos escriptores antigos, assim em ar de comparação proverbial — *raço como uma taboinha das almas*».

A. da Silva Tullio, na *Revista Universal Lisbonense*, tomo III, p. 337.

XV

Comparações populares alemtejanas

Depois de eu haver publicado em folheto (da *Collecção de Silva Vieira*, Esposende 1892) setecentas comparações populares alemtejanas, recolhi as que passo a dar á estampa:

1. Ajoujado como cão de caça.
2. Amarello como a epidemia.
3. Aos pares como os frades.
4. Assim esperem as lebres, como eu espero.
5. Azul e verde, que é como ranho em parede.
6. Bom como trigo de Prioste.
7. Calado como um melão (*ironica*).
8. Carrega como um macho beirão.
9. Chato como um kágado.
10. Cheio como um ouriço.
11. Chora como carranca de chafariz.

12–14. Come como sarna; — como um passarinho; — como uma abibe.

15–20. Como Pilatos no Credo; — como torto em travessa; — como ovelha entre lobos; como quem come gallinha; — como quem quer couves; — como passinhos de anjo em procissão.

21. Contente como gato com sardinha.
22. Duro como um seixo.
23. É como os alcatruzes, uns para baixo, outros para cima.
24. É como o alforge do Remoacho, entra por cima e sae por baixo.
25. É como o cura de Povos, lá os faz, lá os baptiza.
26. É como o enxoval do careca, tudo se foi em toucas.
27. É como o gato de Portalegre, que ficou com o dinheiro e tornou a pelle.
28. É como S. Benedito, não come, não bebe, e anda gordito.
29. É como o santo milagroso, faz mais do que lhe pedem.
30. É como a tia Annica, quanto mais se lava, mais bonita fica.
31. É do tempo das adagas.

32. Entende tanto d'isto, como eu de lagar de azeite.
33. Esperto como um defunto (*ironica*).
34. Está como o rato na palha.
35. Estourou como uma peça.
36. Faltou como um negro.
37. Faz mais estragos que uma toupeira numa horta.
38-39. Firme como banco de ferrador; — como lan de kagado (*ironica*).
40. Foge como da peste.
41-42. Forte como bronze; — como Samsão.
43. Gasta-se como canella.
44-45. Gordo como um Bertholdo; — como um tonel.
46. Ha mais dias do que *lingoariças*.
47. Honrada como as estrellas.
48. Importa-se-me tanto d'isso como da primeira camisa que vesti.
49. Ligeiro como uma seta.
50-51. Magro como um caniço; — como um espeto.
52. Maior que a roda de um carro.
53-54. Mais alto que a torre da igreja; — do que a torre da Sé.
55. Mais bom que *ó* quem sabe.
56. Mais bonita que a rainha.
57. Mais bruto que um soldado.
58. Mais conhecido que gato ruivo.
59-62. Mais velho que a Sé de Braga; — que a arruda; — que andar a pé; — que a sarna.
63. Manso como um borrego.
64-67. Mente como um judeu; — como um sapateiro; — como um lacaio; — como um pagão.
68. Mudo como um peixe.
69-71. Não vale um tremoço; — dois caracoes; — uma ponta de cigarro.
72. Necessita d'isso, como de pão para a boca.
73. Recolhida como uma freira.
74. Resona como um porco.
75. Rijo como canellos velhos.
76-76. Sabe mais que as cobras; — que o que lhe ensinaram.
78. Sêco como um carapau.
79. Tão bom é o diabo como sua mãe.
80. Tão certo como chover albardas (*ironica*).
81. Tem mais manha que sete raposas.
82. Tem mais tretas do que letras.

83. Tem mais chagas que um burro chamisseiro.
84. Tem mais saber que a justiça de Veiros.
85. Tanto como a grossura de um bacalhau.
86. Tornará como o Maio por Lagos.
87-89. Trabalha como um mouro;—como um negro;—como um macho.
90. Traidor como Judas.
91. Triste como um adro.
92. Tratou-o como um cão.
93. Vale mais que o rei.
94. Vale tanto como nada.
95. Ufano como um gallo.
96. Vae-se como cesto roto.
97. Veremos... como dizia o cego.
98. Vermelho como um bretão.
99. Vira-se como a folha do alamo.
100. Vivo como azougue.

XVI

Crenças e superstições alemtejanas

A erysipela tem tres dias para *entrar*, tres dias para *estar* e tres dias para *secar*.

O doente da erysipela não deve ver-se ao espelho, porque o aço d'este faz mal á doença. Se houver espelhos no quarto do doente, devem voltar-se para a parede ou cobrir-se com um pano.

É crença que no dia de Santa Catharina (25 de novembro), ou no dia de Santa Barbara (4 de dezembro), ou no dia de Santa Luzia (13 de dezembro), ha de haver chuva ou nebrina.

É crença que, contra o diabo, é bom rezarem-se cem Ave-Marias no dia da Senhora da Encarnação, e terminar com estes versos:

Ao valle de Josaphat irás,
E a minh'alma encontrarás,
E desta sorte lhe dirás:
Arreda de mim, Satanaz,
C'o a minh'alma não arremetterás,
Que eu em dia de Santa Maria de Março
Cem Ave-Marias rezei,
Cem vezes me ajoelhei,
Cem vezes me alevantei,
Cem vezes me persignei,
E cem vezes disse Amen.

A envide deve deixar-se maior á criança do sexo masculino, do que á criança do sexo feminino.

Fica mal baptizada a criança, se o padrinho e a madrinha são namorados ao tempo do baptismo.

Se a criança chorar ao receber a agua do baptismo, ha de ser feliz na vida.

As crianças ao morrerem vão directamente para o ceu, onde pedem, primeiro pelos padrinhos e depois pelos paes.

Não se deve tocar com os dedos nos bocadinhos de *pedra d'era*, que se mettem em bolsinhas e se dependuram do pescoço das crianças, porque perdem essas pedrinhas a virtude que teem; deve-se pegar nellas com um papelinho.

Contra *as luadas*, dependuram ao pescoço das crianças uma bolsinha contendo uma pequena cruz feita de pau da aroeira. Uma referencia a esta superstição (recolhida em Elvas):

Dêxáste morrer o tê filho da lua,
C'o pau d'aroêra na rua!

Um pedacinho de pelle de cobra, mettido no livro do estudo, faz com que se não esqueça a lição.

É mau, depois do casamento, voltando da igreja, encontrar-se um enterro, e deve-se tomar logo por outra rua.

Quem dorme á luz da lua, acorda com cara de negra.

No dia de quinta feira da Ascenção alguns lavradores distribuem aos pobres leite de cabras, para não dar a sarna na cabrada.

O suor de pés não deve *tirar-se*, porque é sinal de saude.

Contra a sarna é bom, na segunda feira da Paschoela, ir a qualquer ribeira a *passar as aguas*.

XVII

S. Gonçalo de Amarante

«No dia 10 de janeiro, em que se celebra a festa de S. Gonçalo d'Amarante, costumavão os officios de latoeiro e corrieiro da cidade do Porto fazer huma grande festividade áquelle santo, que era o seu orago, na igreja da Sé da mesma cidade. Depois da festa, e de tarde formava-se hum leilão de fogaças e outros objectos fóra da porta principal, a que concorria immensa multidão de gente. Então as raparigas solteiras, e as viuvas que pretendião

noivo, entravão em grandes ranchos pela igreja dentro, e em frente do altar do santo se punhão a dançar e a cantar todas em côro:

Casai-me, casai-me,
São Gonçalinho,
Que hei de resar-vos,
Amigo santinho.

E isto se passava dentro da igreja cathedral de huma cidade populosa e civilisada; e o consentião o bispo e o cabido!

Mas se na igreja cathedral se dava em expectaculo público scena tão indecente, na de S. Domingos a mesma se dava indecentissima, por que a esta igreja concorrião todas as regateiras, principalmente as da Ribeira, e outras mulheres da mais baixa qualidade. As danças e as cantigas erão as mesmas; porém tal era a descompostura das acções, e a algazarra das vozes e alaridos, que as acompanhavão, que por indecorosas se terião no meio de hum arraial, quanto mais dentro de hum templo sagrado!

A tal ponto chegou o escandalo destas scenas vergonhosas, que por fim foi prohibida a abertura da igreja depois da festa da manhãa!»

O Archivo Popular. Semanario Pintoresco: n.º 6, de sabbado 8 de fevereiro de 1840.

XVIII

Exorcismos

«No dia 3 de Março passava-se huma ceremonia assaz ridicula na igreja de S. Bento da cidade do Porto. No altar collateral da direita, de hora em hora, estava hum frade rezando os exorcismos e orações de levantamento da excommunhão; no fim das quaes sahia pela igreja abaixo batendo com humas varinhas de marmelleiro presas na extremidade de huma comprida canna, em as pessoas, que de joelhos querião receber esta ceremonia. E como quasi sempre os frades se demandassem hum pouco, deo isso logar a algumas scenas indecentes, sendo por fim necessario ir huma guarda de policia para a igreja, pois os frades não quizerão nunca quebrar por si, deixando de fazer a ceremonia».

Ibidem. N.º 11, de sabbado 14 de março de 1840.

XIX

Usos antigos nos casamentos em Portugal

«Nos casamentos usavão as antigas mulheres portuguezas, principalmente as da provincia do Minho, não sahirem da casa de seus pais para a de seus esposos, senão como violentadas: os seus parentes fazião a ceremonia de puxarem por ella para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva hum moço, que levava a roca cheia de linho, e o fuso. No tempo de João de Barros, que floreceo pelos annos de 1549, ainda permanecia quasi geral este costume; porque a noiva, quando sahia da casa de seus pais, diz elle na discripção do Minho, chorava muito, dando assim a entender saudosa, que se apartava da sua companhia contra vontade. Tambem costumavão, quando sabião que alguma moça estava contratada para casar, juntarem-se as visinhas e parentas d'ella, e fiarem á porfia huma noite até pela manhãa, a que chamavão o serão da noiva, e assim chegavão a fiar muitas varas de panno para o seu enxoval. Desta sorte ajudavão huns aos outros para o dote das filhas, e no dia da boda fazião grandes festas e banquetes».

Ibidem. N.º 42, de sabbado 19 de outubro de 1839.

XX

Capa-rôta

«Presenceei, ha dias, um facto, que me encheu de completa indignação.

Era um pobre homem, rodeado da immensa *phalange gaiata*, que o insultava e apupava sem dó, nem consciencia; no meio de uma rua das mais publicas d'esta cidade; sem que o infeliz pudesse desembaraçar-se dos phariseos, que o rodeavam.

Uns puxavam-lhe pelas abas da casaca; outros o fustigavam com varas; outros vedavam-lhe a passagem; e outros, finalmente, o insultavam com o grito de *capa-rôta*.

Já os meus leitores provavelmente adivinharam que este pobre homem havia sido padrinho de um recem-nascido.

É verdade. Pessimo e antigo costume é, na cidade de Elvas, cercar o *exercito do pé descalço* o padrinho do baptisado, pedin-

do-lhe á má cara amendoas ou dinheiro. Se elle não satisfaz immediatamente ao tão *justo* pedido, pode preparar-se para ouvir palavras indecentes, e os gritos de *capa-rôta*.

Nem só nos baptisados se dá caso tão vergonhoso; nas vodas tambem succede o mesmo.

Quando os noivos acabam de ser ligados pelo indissoluvel nó matrimonial, no seu transito para casa sentem a tal *cohorte* em redor de si.

Peço, pois, a quem competir, em nome de todos os elvenses, se digne reprimir taes abusos, que notavelmente offendem a decencia e moral publica».

O Tirocinio Litterario, periodico elvense; n.º 4, de 15 de dezembro de 1860.

XXI

Taboa de abusos que se achou á Mãi do velho de Romulares

Sonhar com carne de porco........	Sinal de morte.
Sonhar com ouro.................	São fezes.
Sonhar com uvas brancas.........	São lagrimas.
Sonhar com uvas pretas..........	São cartas.
Sonhar com ovos................	São mexericos.
Sonhar que cahio um dente........	Que morre parente.
Sonhar com pretos, e touros.......	He casamento.
Sonhar com peixe fresco..........	He banquete.
Sonhar com aves................	São penas.
Sonhar com dinheiro.............	He ter hospedes.
Sonhar que pessoa viva está morta	He sinal de vida.
Sonhar com carvão..............	He ter dinheiro.

Almocreve de Petas, parte XLVI, de 1 de março de 1798.

XXII

Continuação dos ridiculos abusos, com que foi criada a Mãi do velho de Romulares, pelas velhas do seu tempo

Agouros por cousas inesperadas

Morar em casas de canto..........	Infelicidades.
Em casas de esquina.............	Fortuna.
Quando a candêa faz morrão......	Sinal de vento.

Quando a luz espirra.............	Vem dinheiro a casa.
Quando o bocado cahe da boca....	Alguem quer fallar e não pode.
Vidro estalado...................	Má noticia.
Vinho entornado na meza..........	Sinal de alegria.
Azeite entornado.................	Sinal de tristeza para o dono.
Pão que tem tocas por dentro.....	Tem a alma da padeira.
Mulher e marido do mesmo nome..	Não se lográo.
Nascer implicado................	Sinal de ditoso.

Agouros pelos sinaes do corpo

Ter bico de cabello na testa.......	Ha de ser viuvo.
Chave de mão larga.............	Ha de ser liberal.
Orelha pegada..................	Ha de ser rico.
Altura grande do nariz ao beiço....	Ha de chegar á velhice.
Unha com pinta vermelha.........	Sinal de mentira.
Dentes ralos....................	Sinal de chocalheiro.

Agouros por animaes

Pulga na palma da mão esquerda...	Está alguem a dizer mal.
Dita na palma da mão direita......	Está alguem a dizer bem.
Cantar a coruja defronte da janella	Morte de noute.
Quando os gatos arranhão a esquina da porta......................	He presente.
Quando entra em casa bisouro loiro	Traz ouro.
Quando entra bisouro negro.......	Máo agouro.
Quando entra mosca varegeira.....	Presentes de carnes.
Rato atravessando o caminho......	Sinal de desgraça.
Cão a uivar....................	Doença em quem ouve.
Gallo que canta fora de horas......	Sinal infausto, e he comido com arroz ao outro dia.
Porco morto em minguante........	Encolhe na panella.
Gatos brincando................	Vento Nordeste.
Passaros catando-se.............	Sinal d'agoa.
Espirros de bode................	Sinal de bom tempo.
Matar andorinhas...............	Perde a fortuna.
Matar cobra....................	Tudo vai para traz.
Crear pombos, e deixar de os crear	Pobreza na casa.
Mão que mata toupeira...........	Tira dores.

Pulga em fato novo...............	Ha de seo dono rompello.
Piolho em fato novo..............	Não se logra seu dono delle.
Borboleta na luz..................	Boas novas.

Agouros pelas acções

Comer tromba de porco...........	Faz quebrar a louça.
Queimar papeis..................	Molhar a cama.
Cortar unhas á noite.............	Gasta a vista.
Beber agua de noute, sem a bater bem primeiro, porque está dormindo........................	Faz dores.
Beber a escuma do vinho..........	Faz flatos.
Vestir, ou calçar do avesso........	São dadivas.
Saltar por cima..................	Enguiça.
Espada á cabeceira..............	Livra de bruxas.
Calções sobre a massa............	Alevéda.
Fallar só........................	He fallar com o Demo.
Quem balha com a sombra........	Nunca casa.
Dar soluços, quando se falla em alguem	Morre cedo em quem se falla.
Beber agoa juntamente com outro..	Sinal de ser compadre.
Comer canto.....................	He para casar cedo.
Entornar sal.....................	Sinal de bulhas.
Espada dada por mulher..........	Pendencia na rua.
Dar agulhas.....................	Inimizades.
Dar contas......................	Apartamentos.
Dar lenços......................	Despedida.
Dar alfinetes.....................	São amores.
Dar maçã partida................	Discordia.
Dar maçã inteira................	Amizade.
Quem dá, e toma................	Nasce-lhe huma corcova.

Almocreve de Petas, partes XLVII a XLIX, de 9, 21 e 26 de março de 1798.

XXII

As rendeiras de Peniche

«Duas feições peculiares caracterizam a habitação das rendeiras, como succede em quasi todas as casas, que servem de campo a essa batalha incessante travada entre o trabalho improbo das

obreiras e a pobreza, vencida n'um dia, e revivendo n'outro mais acerba e mais ameaçadora para a peleja. Essas duas feições, residem nos utensilios do trabalho, e nos symbolos da devoção. A um lado os instrumentos d'este martyrio prolongado, que se chama trabalho, que extingue pouco a pouco a vida sob color de a conservar. Ao outro lado os symbolos da esperança e da fé, a consolação religiosa fallando ao coração pela lingoagem das fórmas em que a arte representa grosseiramente a figura humana de Christo, e debuxou o rosto piedoso e resignado dos seus bemaventurados. D'um lado os tratos do corpo, do outro a luz que irradia do ceo sobre a alma. A um lado a vida real, a vida das tribulações: do outro a existencia ideal, a poesia divina que o povo sabe comprehender entre todas as poesias — a religião.

Defronte da porta que dá entrada para o sanctuario das rendas, abre-se uma janella soffrivelmente rasgada, que inunda a casa de luz, e desenha n'um fundo longinquo o mar, quasi sempre encrespado, sobre que deslisam, ou se debatem, ao sabor dos ventos, as embarcações dos pescadores. Á parte esquerda da janella ha uma commoda que tem atravessado tres gerações, e que parece ensoberbecer-se ainda com a robustez de sua fabrica, e com o brilho especular que as rendeiras lhe mantem, a custo de grandes esforços, e de muita cera dispendida. Esta commoda é o pedestal dos «Lares» da casa, é o repositorio commum de todos os utensilios que não estão em actividade, é o museu de todas as antigualhas, uma especie de *terceira secção,* onde se acham dispostos com certa anarchia os elementos do modesto peculio das rendeiras. Vê-se alli um luzidio candieiro de latão desafiar com bisarria, os mais aristocraticos candelabros, e surrir quasi de piedade, na sua sufficiencia de velho, diante de todas as modernas invenções dos Carcel, e dos Argant. Armado de todas as suas peças, pendentes de brilhantissimos e aceados grilhões de arame, pousado gravemente sobre o seu prato amarello e torneado, tem todo o ar de um soldado antigo, esperando a pé firme o momento do combate. Um d'estes homens imaginosos a quem os *diabos azues* da phantasia fazem ver um novo mundo a transparecer por detraz da realidade, não hesitaria em achar uma physionomia, uma animação qualquer no candieiro velho, mas remoçado, com os seus tres bicos symetricos, e a sua larga bandeira, empunhada com o escudo de um cataphracte da meia edade. Um tal excentrico leria no candieiro modesto, o orgulho que elle sente em presidir ás laboriosas vigilias do trabalho, e não duvidaria asseverar, que o triste candelabro espera com anciedade

o momento de ver — como um irmão novamente iniciado nos segredos de Hiram — *a verdadeira luz*.

Á direita da janella está a «repartição dos cultos» como diria um estadista, usando da frase administrativa consagrada para indicar que nem o ceo escapa ao furor ministerial, e ás invenções constitucionaes dos tempos modernos. Em termos correntes, diremos que é alli o «oratorio da familia». É a parte onde recendem as melhores flores da primavera, onde aos sabbados arde mais duradoura a alampada consagrada. Este pequeno templo, sem atrio, sem naves, sem pilares, e sem cupula, reduz-se a uma parede branqueada, e á taboa polida que serve de supedaneo ás imagens devotas, esculpidas, ou antes modeladas por uma sculptura primitiva.

Sobre a commoda, que em dias festivos, se decora com uma toalha de folhos, perfumada em rosmaninho e rosas de cheiro, estão formados em linha de batalha, (sempre as locuções militares — é a tendencia irresistivel do tempo) os tres santos mais queridos da familia. A commoda é, como se vê, uma especie de altar-mór, um posto de honra, um logar de preferencia (*de élite*, diria um d'estes homens que escrevem folhetins francezes com palavras meio-portuguezas) para os santos que bem mereceram da devoção da casa. Ordinariamente nas casinhas pobres, que pela sua humildade não podem dar quartel a grande numero de santinhos, a piedade christã elege alguns, que como os deputados de um grande povo vem a representar o reino do ceo, — sem que se pareçam nem de leve com os deputados da terra e especialmente da nossa, que representam quasi sempre a antipathia dos seus constituintes, o interesse da sua propria pessoa, e a ponta da bayoneta que os pescou de dentro da urna para os vender a peso ao povo enganado, a rasão de seis cruzados novos por dia e por cada seis arrobas (peso ordinario de um deputado, que começa a merecer o nome de sensato, ordeiro, amigo do throno e do paiz ... e sobre tudo amigo do vasto abdomen, grangeado a poder de grandes vigilias... gastronomicas).

Em Portugal os santos mais votados são S. José, S. Antonio, e S. João Baptista. São os que pousam devotamente sobre a commoda das rendeiras. S. Antonio é o protector nato dos rapazes, e das donzellinhas: o primeiro amigo da infancia, o intercessor mais acreditado (segundo o mais commum sentir da plebe) junto do throno celestial. É á sua sombra que os pequenos fazem a sua primeira concussão e o seu peculato, trocando em *figos* de comadre o que pediram ingenuamente para *cera*, n'uma bandeja for-

rada com seu registo muito historiado do fradinho santo. É com elle que as velhas da casa se apegam nas grandes crizes da patria ... domestica. Perdeu-se um novellinho, sumio-se uma thesourinha. — Ai meu rico sant'Antonio, deparai-m'os! Hi! se ámanhã estará bom dia para o cirio! Uma capa nova ao meu santinho, com suas lantejoulas, e seus canotilhos de oiro, dispostos em engenhosos arabescos! Ás vezes, mas raras, sant'Antonio é intimado para entrar em conjurações contra a humanidade, contra o proximo — elle tão caridoso, elle tão fervente sempre no amor dos homens. Uma novena, meu bento capuchinho, se desmanchardes tal casamento, se ajudardes a fazer tal perrice a uma visinha com quem se está mal! É claro que o santo despresa todos estes pedidos de intervenção, e não dá ouvidos a estas preces sacrilegas. Qualquer, porem, que seja o balanço das graças e das recusas do santo, uma boa velha, ou uma donzella christã, não deixa nunca de festejar o seu santinho a 13 de Junho. Nunca o santo Antonio apparece mais garboso, mais cecio, mais perfumado. A capa de gorgorão branco occulta-lhe o saial da tunica. Vidrilhos de todas as côres, e ouropeis todos flammejantes, adornam a seda do manto, que se alarga e entufa, como que repellido pela humildade do santo. Neste dia não ha oiro, nem prata que não saia do seu logar para ir montar a guarda ao santo. Cordões de oiro, se os ha, enriquecem em redobradas voltas o collo da imagem; e se não, haverá ao menos um vintem furado, que suspender por um fio de missanga ao pescoço do santinho. Tão nobre coisa é ter oiro, que por grande devoção se tem o empresta-lo um dia ao pobrissimo beato. Tão santa coisa (para o mundo) é ser pecunioso, que o povo em dias de festa quasi que faz do santo um banqueiro, um director de companhia, um agiota! É um sacrilegio que o povo commette sinceramente, por devoção!

Um S. José, e um S. João, completam com o santo Antonio a aristocracia «*de vulto*». Atraz delles estão pegados á parede os registos, as laminas, e os paineis, que formam no oratorio familiar quasi que a «segunda plana...» do céo. Se eu não tivesse receio de offender por um simile um pouco plebêo a gravidade do assumpto, diria que os santinhos que guarnecem a parede constituem a *patuléa* agiologica da casa».

L. C. = (Latino Coelho). Da Revista *A Semana*, vol. II p. 185, anno de 1851.

XXIII

Proverbios populares alemtejanos

Nem tão calvo, que lhe appareçam os miolos.
Casa que não cria, sempre pia.
Falar não enche barriga.
É manha de Portugal, comer e dizer mal.
Meu dinheiro, teu dinheiro, vamos á taberna.
Antes embebedar, do que constipar.
Moço de frade, mandae-o comer, e não que trabalhe.
Por onde peccamos, por ahi pagamos.
Qual é Maria, tal filha cria.
Lagrimas nos olhos, risos no coração.
Mal vae ao passarinho na mão do menino.
Quem quer contas, quer clareza.
Dá-o Deus na eira, tolhe-o Maria na maceira.
Depois de eu comer não faltam colhéres.
Bem está S. Pedro em Roma, se elle tem que coma.
Nem rio sem vau, nem geração sem mau.
A bom mato vindes fazer lenha.
Quem não tem bois, semeia antes ou depois.
Cão que muito lambe tira sangue.
Melhor é fazer agastar um cão, que uma velha.
Assim como fan, fan.
Mais fere a má palavra que a espada bem afiada.
Quem anda com demanda, com o diabo anda.
Frio a valer, trabalhar para aquecer.
O que não traz o mês, traz o anno.
Nem çapateiro sem dentes, nem escudeiro sem parentes.
A mulher que muito bebe, tarde paga o que deve.
No tempo quente, refresca o ventre.
Nunca o castigo tarda a quem o tempo avisa e não se guarda.
Asnos vão a Santarem, se asnos vão, tolos vem.
Quem tem uma quinta, tem uma finta.
Quem nasceu para burro de horta, mal pode chegar a ginete.
Taberna sem gente, pouco vende.
Santa Barbara só é lembrada em occasião de trovoada.
Bulham os conegos na Sé, prende-se quem está na praça.
Diz o roto ao nu: porque te não vestes tu?

O menino e o passarinho vão para onde lhe fazem o ninho.
Quando Deus queria, do pégo ventava, do norte chovia.
Amores de freira, flores de amendoeira.
Quando neste valle estou, outro melhor me parece, não é assim quando lá vou.
Deitou-se o preguiçoso, levantou-se o aguçoso e deitou fogo ao palheiro.
Dia de S. Brás a cegonha verás, e se a não virdes, o inverno vem atrás.
Não se me dá que o meu menino tenha mal, dá-se-me da manha que lhe ha de ficar.
Semear sem estrumar, não é semear.
A preguiça morreu á sêde andando a nadar.
São penas; quem faz por ellas, tem-nas.
Se o alicranço visse, e a bicha ouvisse, não havia ninguem que no mundo existisse.
Sempre cheira a panela ao primeiro legume que se mette nella.
Pulgas, vem com as favas e vão-se com as uvas.
Para a gente boa ser, ou se ha de ir, ou ha de morrer.

XXIV

A lenda da Rainha Santa Isabel

A p. 53 da *Historia del Real Monasterio de S.S. Creus*, de Tarragona, por D. Buenaventura Hernandez Sanahuja, Tarragona 1886, lê-se, a proposito da rainha D. Branca de Anjou, mulher de D. Jaime, II o Justiceiro, rei de Aragão (sec. XIII–XIV):

«La reina Doña Blanca era una señora sumamente caritativa, y todo cuanto podia lo daba á los pobres por sus mismas manos. A lo que se deduce el rey miraba con algun desagrado esta prodigalidad, por cuyo motivo se veia aquella obligada á hacer sus limosnas en secreto. Dicen las crónicas del Monasterio, que creyendo un dia Doña Blanca que el rey habia salido del monasterio, se dirigia descuidada á la puerta del claustro con el delantal lleno de mendrugos para repartirlos, segun costumbre; mas inopinadamente encontró al rey sentado en su banco. La reina, no pudiendo disimular su sorpreza, se turbó, y preguntandole su marido qué era lo que alli llevaba, contestó sin reflexion, *flores;* veamoslas, pués, repuso el monarca, y cosa maravillosa! flores eran las que

el delantal contenia, atravesando impune con esta estratagema la puerta para repartir los milagrosos mendrugos entre los pobres que estaban aguardando la cotodiana limosna. En lo antiguo y en este mismo punto dice que existia alli un cuadro al olio, que representaba este acostecimiento».

Esta lenda é, nos seus traços geraes, precisamente igual á da Rainha Santa Isabel, mulher de El-Rei D. Denis, de Portugal, e filha de D. Pedro III, Rei de Aragão.

XXV

João de Deus e a poesia popular

Reproduzindo a seguinte local de João de Deus, publicada em *O Bejense*, n.º 48, de sabbado 23 de novembro de 1861 — periodico que o eminente poeta redigiu desde o n.º 45 até o n.º 51 — damos um testemunho autentico de quanto elle amou, desde a sua mocidade, a poesia popular, estudando-a e apreciando-a como poucos, — provindo, talvez, d'esse amor e d'esse estudo o haver-se elevado como poeta lyrico a grande culminancia.

«*O Povo em Côro.* — Que delicada harmonia se ouve? Que é isto? Um rancho, que passa, d'homens e moços e mininos como se ás vezes forma em povos d'Alemtejo, sem eleição nem proposta nem discussão nem votação mas, espontaneamente; como o povo costuma na defesa da patria e no bem e no mal que o instinto lhe aponta.

É como sucede em Italia, talvez, em noites belas, que Portugal e Italia são irmão e irmã e, o céu, o mesmo.

Dilicioso canto! Depois duma voz lisa, de garganta ainda humida do leite maternal, soa a turba em duêto afinadissimo e de tal modo trocando a *primeira* e *segunda* que, sendo só ignorancia d'arte, por ingenhosa combinação de mestre se tivera a não ser musica e musicos e letra, tudo, manifestamente popular.

Vai-se o côro volante ouvindo cada vez menos; desvanecendo-se a onda harmoniosa: e do que deixa apoz si — que é não sabemos que saudosa sympatia pelo povo portuguez e todo este nosso Portugal — uma coisa havemos d'apanhar em memoria desta noite; assim apanhassemos tambem a musica! É uma dessas quadras amorosas, como são todas as quadras e cantigas do nosso

povo, mas amorosas dum amor casto e melancolico, puro e timido, ardente e duvidoso, sem aquella desmedida e descomodida frescura e confiança das canções hespanholas, proprias dum coração repleto e, por isso, tão pobres d'idealidade e intima poesia:

Se eu entrasse no teu peito
Sabia o teu interior;
Assim, como lá não entro,
Não sei se me tens amor!»

Elvas.

A. Thomaz Pires.



TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Continuação do vol. XI, pag. 268)

PARTE II

LINGUAGEM POPULAR

a) VOCABULARIO

echo, jogo de rapazes.

ei! éte! interj. de tanger os bois.

eido, logar.

eixe, eixo (do carro).

embecas, o mesmo que *aivecas*. A nasal explica-se pela confusão com a prep. *in* ou *em*.

embelga, espaço entre dois sulcos. No Alemtejo dizem *belga* (*Rev. Lus.*, IV, 58). Em castelhano dizem *emelga* e em gallego *rola* (cfr. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

embelloirar, rolar, volver.

embollatar, enlamear-se, manchar-se com *bolatas*.

embezerrar, teimar, embicar, amuar.

embiotar-se, enraivar-se.

emboladas: couves *emboladas*, enroladas ou envolvidas como os repolhos.

embollinhar, enredar, embrulhar.

embuçar, tapar o buço, embeiçar, andar de beiça.

embude, criança adoentada e com o ventre muito saido. No sentido de *funil*, como se usa no Minho, é desconhecido, mas é possivel que exista nalgum ponto.

emmantar, cobrir com manta (cf. a palavra *cobrejão*).

emmedar, pôr em mêda (falando sobretudo do centeio).

emmedouçar, pôr em *medouços* (o centeio).

emmeroucar, pôr em *merouco*.

emmerouçar, pôr em *merouço*.

emmonar-se, pôr-se de beiças, carregar o semblante, não fa-

lar. (Cf. o n.º 668 do *Cancioneiro*).

empesar, pesar; espremer, extrahir do bagaço o vinho que ainda lhe reste por meio da prensa do lagar.

empoçar o linho = pô-lo de molho na agua. No Minho dizem: *afogar o linho*. Em gallego é *empozar* (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

emporem, porém.

emprègado, entrèvado. Etymo implicatus.

emprègar, entrèvar.

encanastrar-se, embebedar-se.

encandolar, 1) cobrir-se de neve, ficar hirto de frio; 2) empenar, entelhar, encurvar (diz-se falando da madeira. — Etymo *incandidullare formado de candidas.

encarangado, tolhido.

encimar, apertar (?).

encinho, o mesmo que *engaço*. Está por *ancinho*.

encochadinho, enfezado, rachitico, atrugido (falando do milho). — Está por *enconchadinho*, perdendo-se a nasal da segunda syllaba por dissimilação.

encodoar, ganhar codo.

encollar as crianças = affagá-las e ameigá-las no collo.

enconicar, fazer pregas ou dobras no vestido.

endejar, agitar, sacudir; agitar-se, tremer. Ex.: «senti cá por dentro tudo a *endejar*».

endez, ovo choco para attrahir as gallinhas ao ninho. Usado tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 46).

endireita, algebrista, «homem que faz voltar ao seu logar os ossos deslocados.

enfunado, emberçado, zangado. — O etymo deve ser infunare, significando primitivamente *puxar pelas cordas* (falando das velas), *inchar-se, envaidecer*: mas a palavra não é de origem popular, aliás teria caido o *n*, como aconteceu ao outro derivado *enfuar*.

enfortar, enferretar, mascarar, sujar. Está por *enferr'tar*.

enfuar, vestir. — Etymo *infunare, significando *puxar pelas cordas, encher as velas*, encher em geral.

engaçar, 1) apanhar alguma cousa com o engaço. Ex.: «*engaçar* a palha, *engaçar* coanhos»; 2) mover e agitar a terra semeada com o engaço depois de nascida a novidade, para que esta melhor possa estender as raizes: Ex.: *engaçar* o linho, as batatas, as cabaças, etc.

engaço, instrumento de lavoura com dentes para apanhar palha e outros objectos meudos, espalhados pelo chão. Tambem dizem *encinho*.

engalhar uma criança = agitar nos braços a criança que chora.

engrampar, enganar; propriamente apanhar por dois lados como faz o grampo, usado nas officinas de marceneiro.

engronhar-se, humilhar-se.

enraivar, irar-se.

enreixar, inimizar-se, andar de mal, andar de reixa.

entancada (agua) = mettida no tanque.

entoar, estacar, parar assustado (falando sobretudo do cavallo). — Etymo *i n t o n a r e.

entourir, engordar ou inchar como um touro (diz-se sobretudo dos animaes quando comem erva com rasto de certos bichos).

entrecucos (filhos de) = filhos naturaes ou zorros.

entrudo, pessoa gorda.

envelhido, envelhecido.

envieirado, que tem vieiras, febras ou fios. Ex. «carne *envieirada*, figado *envieirado*».

enxada, instrumento de cavar a terra ou cortar mato.

enxergar, avistar ao longe, divisar.

enxêrtas (castanhas) = castanhas longaes ou compridas, ao contrario das *soitinhas* (cf. esta palavra).

enxofrado, zangado, irado.

enzemina, exame. — É um substantivo *post-verbal*.

enzeminar, examinar.

ermêllo, bruto, estupido. Ex.: «É um *Ermêllo*». — É o nome de uma freguesia do districto, collocada numa ramificação septentrional do Marão, que, á semelhança do que aconteceu com Andrães, se converteu em nome commum, tomando um sentido depreciativo, devido a qualquer circunstancia (provavelmente o aspecto rude e sertanejo dos habitantes).

esbadanado, com a aba caida (falando do chapeu).

esbagoar-se, desfazer-se em bagos (falando dos cachos de uva).

esbarrada, 1) porção de terra ou pedra caida num calço desmuronado; 2) passo ou caminho escabroso.

esbarrondar, desmuronar, desfazer.

esborralhar, desfazer, destruir.

esborrachar, e **esborraçar**, quebrar, partir.

esburgar, tirar a casca (falando da castanha).

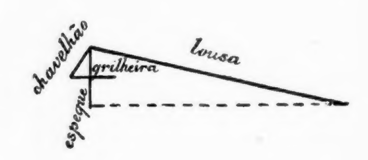
escafulada, esfolhada, acto de descascar as espigas do milho.

escafular, esfolhar (cf. *cafulo*).

escambrar, abrir o tempo, o mesmo que *abocanhar*. — Etymo *e x c a m e r a r e, significando propriamente «desfazer-se a abobada celeste», que, cerrada como estava, impedia a passagem da luz.

escalambrar, o mesmo que *escambrar*. É a dissimilação *l–r* por *r–r* de *escarambrar*. (Cf. *Sarangranho* e os n.os 50 e 18 da PHONOLOGIA).

escaleiras, escadas. ordinariamente de pedra para subir ás casas.
escano, banco de madeira com encosto, escabello (*Rev. Lus.*, v, 226).
escarolida, dolorida (?). (Cf. a 8.ª das ORAÇÕES).
escasular, escafutar, esfolhar.
escava-terra, toupeira.
escochinar, matar o porco ou *cochino*.
esfaiar, precipitar-se, cair numa ribanceira (falando de animaes).
esfallecer, fallecer, morrer (cf. n.º 479 do CANCIONEIRO).
esfandegar-se, rasgar-se. Ex.: «a rapariga ao saltar o muro *esfandegou-se* toda», isto é, rasgou os vestidos.
esgalhar, escornar, ferir com os galhos (falando dos bois).
esganiçar-se, não poder com a carga, cambalear com o seu peso, cansar-se (cf. a palavra *aganar-se*).
esgueirar-se, fugir.
esmechar, ferir a cabeça, abrir ao sangue. Em gallego significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
espadadeira, mulher que *espada* o linho.
espadar, espadelar ou bater o linho sobre o *cortiço* com a espadela.
espadela, lamina triangular de madeira (ordinariamente carvalho ou nogueira) de que usam as mulheres para *espadarem* o linho sobre o *cortiço*, que serve de *espdeladeiro*. *Espadela* significa o mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
espalvorido, esbaforido, cansado e coberto de pó.
espanta-lobos, e **espanta-ratos,** estouvado, travesso.
espassarotar, desbandar ou debandar, diffundir-se, espalhar-se, fugir cada um para o seu lado. Ex.: «as aves *espassarotaram*», «o povo *espassarotou* no fim da missa».
espedida, despedida (vid. CANCIONEIRO n.os 502 a 505).
espeque, 1) poste ou tanchão das vides; 2) uma das partes da armadilha de apanhar passaros: é o pau que assenta no chão e juntamente com a *grilleira* e o *chavelhão* segura a lousa.



espigas, os primeiros grelos que produz a couve.
espigos, os segundos grelos da couve: são ordinariamente mais rijos e floridos.
espirar-se, fugir.
espojadoiro, logar onde se espojam os cavallos.
espongir, mungir, ordenhar.
esprangalhar, desarranjar,

desfazer, escangalhar (Andrães e Constantim.)

esquerdino, esquerdo.

esquiça, tôrno de madeira para tapar o *suspiro* ou orificio que costumam ter as vasilhas pequenas para entrar o ar e deixar saír o vinho pela torneira.

estaca, vara ou espeque da vinha baixa.

estado, officio de defuntos. Ex.: «morreu F. e fizeramlhe um *estado* na igreja com nove padres». (Folhadella).

estadulho, fueiro ou pau mettido aos lados do carro para segurar a carga. — Etymo * statuc'lu, de *stare* «estar erguido».

estadulheira, o mesmo que *estadulho*.

estamagado, fraco, cansado.

estampilha, bofetada.

estánca-saingues, camandulas ou rosario de pôr na cabeça de quem tem a *epistaxis* ou derrama sangue pelo nariz.

estarrincar, 1) trovoar; 2) ranger os dentes.

estarrinco, trovão forte.

esteirada, queda ou pancada do corpo no chão. (*Rev. Lus.*, v, 51).

estrelico. deliquio, perda dos sentidos, *chilique*.

estrella, figura de papel que, por meio de uma linha a que está presa, os rapazes levantam no ar. É feita do seguinte modo: atam-se entre si pelo meio tres fasquias de cana de maneira que dêem nas extremidades um hexagono regular; unem-se com uma linha estas seis extremidades e sobre este apparelho gruda-se papel, ou antes, seis papeis de differentes côres correspondentes aos seis triangulos com vertice no centro, nos quaes se decompõe o hexagono. (Cf. *papagaio*).

estribeira, juizo: Ex.: «Perder a estribeira».

estribeiras, ovelhas.

estro, alicerce (Folhadella).

estronca, forcado (cf. *arrojo*).

estrume, palhiço, folhas, mato, que se deita nas cortes para fazer esterco.

F

facho, roubo. Ex.: «deramlhe com o *facho* em casa.— Segundo o etymo, que deve ser *fascilu, o sentido primario ha de ser *feixe, carga*.

faianca, torto das pernas, cambado.

faisca, pessoa bem posta.

falacha, bolo feito de massa de castanhas.—*Etymo folliacea, já dado na *Rev. Lus.*

falada, falaría, palanfrorio, palratorio.

faldra, (cf. n.º 1:125 do CANCIONEIRO).

fanchonaça, mulher grande, gorda e bonita.

fanico, deliquio, perda dos sentidos.

farçola, pimpão, homem de basofia.

farinhata, | o *oidium* das vinhas.
farinhato, |

farrancho, grupo, rancho de pessoas.

farrapar, esfarrapar (cf. n.º 945 do CANCIONEIRO).

farruco, feixe pequeno (de lenha ou qualquer outra cousa).

farrusca, faca velha.

fastioso, cheio de fastio.

fateixa, feixe de colmo ou junco que cabe numa mão (fig.) mão. Ex.: «deitar a *fateixa* a alguma cousa».— Em gallego, *fateijo* tem sentido semelhante. (Cf. Valadares Nuñez, *ob. cit.*).

fateixas, farrapos velhos.

fato, 1) rebanho de ovelhas ou cabras; 2) bando, quadrilha, magote (cf. n.º 574 do CANCIONEIRO).—Em gallego significa *copia, multidão,* em geral (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

faveca, vagem de qualquer leguminosa.

febroso, que tem febre ou traz febre.

fecho, enveloppe da carta.

fedelhota (obra á) = obra á janota, obra aperaltada. De *fedelho,* em sentido translato.

fedonho, importuno, ruim; fetido.

feijões cellos, tuberculos que apparecem nos soutos (cf. *reinolas*).

feitor, capataz, homem que vigia os trabalhadores.

feixe, a trave do lagar.— Em gallego *feije* significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

felis, gato. Parece de origem erudita.

fentos, fetos. — Significa o mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nunez, *ob. cit.*).

ferçolento, valentão. De *força.*

ferida, a inclinação da agua quando vae bater sobre as penas do rodizio; correr da agua em declive.

ferrão, o bico de ferro dos piões.

ferragens, chapas de ferro que cingem as rodas em toda a volta.

ferrar, lançar, atirar, arrojar, meter. Ex.: «a besta *ferrou-lhe* dois coices», «F. *ferrou-me* o gado no campo».

ferrencheiro, ferrageiro, o que vende ferragens. Etymo *ferrunc'lariu-: o *u* mudou em *e* por ser atono e por influencia do *r*.— *Ferrancheiro* em gallego é o negociante de ferros velhos, (cf. Valladares Nuñes, *ob. cit.*).

ferro, dente de ferro na ponta da rabiça, o qual, durante a lavra, anda debaixo da terra.

figa, figura pendente do pescoço ou do braço, e que se julga preservar de qualquer feitiço. O mesmo em gallego (cf. Valladares, *ob. cit.*).

filhó, bolo de leite e farinha. Tambem se fazem de sangue de porco.

finado, irado, fora de si.

fintar, crer, acreditar. Ex.: «não *fintes* em cantilenas»; — **se,** crer, confiar, basear-se, apoiar-se. — Ex.: «eu *fintei-me* nelle», «um nada em que *se fintasse*». Etymo *fin-ctare, formado sobre *finctus (de *fingo*) com *pinctare sobre *pinctus (de *pingo*).

fistor, astuto, velhaco, manhoso.— Usado tambem em Mogadoiro e Lagoaça em sentido aproximado. (*Rev. Lus.*, v, 89). É vulgar no Minho. Em gallego *fistol* significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fistula, sinal, marca.

fiteiro, *vento fiteiro,* aragem branda e fina.

fito, jogo com pinos.

foice, instrumento curvo e dentado que serve para a ceifa da erva, do trigo, do centeio, etc. — No Minho chamam-lhe *foucinha*. Aqui tambem lhe dão o nome de *gadanha*.

foinas, 1) faulhas; 2) farinha fina que ao moer se levanta e vae pousar nas paredes do moinho.

folhato, o composto de capas foliaceas que cobre a espiga do milho.

follipada, folle cheio, a quantidade ou porção de milho ou farinha que leva um folle.

follipo, pequeno folle.

fona (andar numa) = andar ligeiro.

fopas, faulhas que se levantam do brasido.

forcado, instrumento agricola: é um pau com duas pontas que serve para carregar os feixes de palha ou mato. — Em gallego significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

forcalha, o mesmo que *forcado*.

formigos, 1) chouriços de sangue e alhos; 2) o primeiro leite da vaca depois de ter a cria, quando fervido e misturado com mel.—Em gallego significa *primeira das recem-paridas* em geral. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

forquilha, o mesmo que *forcado*.

frade, cogumello com uma especie de colleira ou anel. Tambem se usa esta palavra em Valpaços (*Rev. Lus.*, II, 257).

fragaredo, conjunto de fragas.

frandalhos, farrapos.

fraqueira, fraqueza.

frouças, franças ou varas verdes, ramaria das arvores. Em gallego *frouzas* (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fueiro, o mesmo que *estadulho*. É termo rarissimo. *Fueiro* é tambem palavra usada na Galliza (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fuga, parte da rabiça (do arado) entre o *teiró* e o *ferro*.

fundêgo, ribanceira ou precipicio; campo no fundo de ribanceira.

fundeiro, do fundo. Ex.: «campo *fundeiro*».

fungar, assoprar, assobiar; chorar, gemer. Ex.: «aquelle rapaz está ali a *fungar* magustos», isto é, a gemer ou a *fungar* como as castanhas na brasa. — Etymo *funicare, propriamente fazer vibrar ou soar uma corda. No Minho é vulgar este verbo nas accepções de *gemer* e *assobiar*, e dizem até: *fungar uma pedra,* isto é, fazê-la assobiar através do ar.

fura-bolos, o dedo indicador.— É tambem palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fusas, especie de fusos com rodas ao fundo para torcer e dobar o fio.

fuste, molho, feixe. Ex.: «um *fuste* de lenha».

G

gabachista, pessoa que se gaba muito.

gabaço e **gabão,** grande elogio.

gabinardo e **gabirú,** birbante, velhaco, patife, garoto.

gacho, cacho.

gadanha, o mesmo que *foice*.— Em gallego tambem ha *gadaña,* com o mesmo sentido. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

gadaria, conjunto de varios rebanhos.

gadanhas, mãos.

gadunho, parte solida do caldo, o *rasulho.*

gafeira, doença dos olhos dos bois que consiste na inchação das palpebras, côr avermelhada dos bordos, e muito derramar de lagrimas.

gaiato, garoto fino.

gaimão, haste florida das *ballotigas* ou abroteas.

gaitar, chorar (falando de crianças).

gajar, fazer barulho.

galdripeira, mulher suja e rota.

galga, mentira. É curioso ver como esta palavra passou do sentido de *cadella* (canis gallica) para o de *pedra andadeira* dos moinhos ou *pedra a rolar por uma montanha abaixo,* e depois para o de *mentira.* Em todos os sentidos ha a ideia de correr. O sentido de *fome,* que tambem tem, deriva da magreza das *galgas* ou cadellas de caça.

gallão, salto, pulo (falando sobretudo do cavallo).

gallarispo, o mesmo que *gallispo.* (Cf. n.º 50 da PHONOLOGIA).

gallifato, garoto.

gallinha, cinco réis.

gallispo, pequeno gallo.

galrito, rede de forma conica para apanhar peixe.

gallucho, cigarro.

gandaio, pessoa alta.

gandras, galhitas, varas sêcas de arvore ou mesmo mato queimado. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *gandaras*. (*Rev. Lus.*, v, 81.

gango, mimo.—Em Vieira dizem *dar gango a alguem*, e *gangoso* (mimalho).

gardinhola, bebedeira.

gardunho, fuinha (especie de raposa pequena e de pêlo fino) (Folhadella).—Em gallego é *garduña*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

gargal, o mesmo que *argal*.

gastalhão, homem alto.

gastalho, 1) apparelho de tirar agua dos poços, a que tambem chamam aqui *guindaste*, e noutras partes (Douro, por exemplo) *cegonha*; 2) homem alto; 3) burro fraco.

gata, bebedeira.

gato, mentira.

gatos, as quatro peças de ferro que cinjem o *mile*.

gavella, molho ou feixe de centeio, de palha, de cavacos, etc.

gavellita, pequeno feixe ou molho que se pode levar debaixo do braço.

gazola, circulo traçado no chão, a dentro do qual deve girar o pião.

gelmendes, especie de pessegos.—O etymo deve ser Gil Mendes.—No Minho ha uma especie de maçã a que chamam *martingil* (Martim Gil).

genra, mulher do genro ou nora. Ás vezes é depreciativo com relação a nora. Ex.: «F. é minha *genra*, não é minha nora» — dizia uma sogra.

gerigôto, videiro, que faz pela vida.— Usa-se tambem em Mogadouro, Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 92), no sentido de *ligeiro, apressado*.

gieiro, que traz geada.

ginêta, usura. Ex.: «dar dinheiro á *ginêta*».

girôto (fem. **-ôta**), que gira, que dá a sua volta, que vae para longe de casa. Ex.: «gallinha *giróta*».

glamonta, varitas delgadas e sem folha das arvores; chamam-lhe tambem *gravunha* e *gramonta*; (fig.) um *glamonta* = um rapazote.

glão, grelo ou rebento da batata quando está arrecadada nas casas.

gôcho, pescoço.

gôgo, 1) gosma das gallinhas; 2) pedra amorpha e malfeita; 3) pedra oval encravada no fundo do rodizio, e que gira em cima da *rã*. Tambem lhe chamam *aguilhão, guilho, óvo*. (Cf. estas palavras e tambem *moinho*). Em sentidos aproximados é empregada esta palavra em Bragança (*Rev. Lus.*, III, 68), e em Mogadouro e Lagoaça. (*Ibid.*, v, 92).

goivaria, jardim de goivos (vide n.º 553 do CANCIONEIRO).

gôjo, qualquer animal ou cabeça de gado (boi, vaca, ca-

vallo, porca, cabra, ovelha, etc.).

gonilha, gravata. Etymo *colli li a, donde golelha e por dissimilação *gonêlha*. O *i*, em vez de *e* revela influencia erudita.

gòrente, orificio por onde *zicha* a agua sobre as penas. (Cf. *moinho*).

gorjète, collarinho.

governadanta, governanta.— Influencia de *governador*.

grabano, vaso com cabo bastante comprido para tirar agua. (Cf. *côco*).

grado, espesso, cheio, recheado. Ex.: «espiga *grada*. Etymo *granatu.

gradinho, o mesmo que *grado*.

gramalheira, corrente, cadeia de ferro, o mesmo que *cambalheira*.— Em gallego é *garmalleira*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

gramar, pisar o linho. Tambem se diz *manar*.

gramonta, o mesmo que *glamonta*.

grangear, lavrar, cultivar. Ex.: vou *grangear* a minha sorte».

granzinar, resmungar.

gravelho, caravelha, ou fecho de ferro no interior das portas, o qual se ergue de fora carregando numa especie de botão ou lamina chata. Etymo *claviclu*, que tambem deu *chavelho*, em epoca differente da lingua.

gravunha, o mesmo que *glamonta*.

grilleira, um dos tres pares que sustentam a lousa na armadilha de apanhar passaros: é aquelle em que se prende o *grillo* ou isca que os passaros hão de vellicar. (Cf. *chavelhão* e *espeque*).

griteira, gritaria.

grudar, enganar, illudir, pregar um logro.

grulha, palrador.

guicho, esperto, habil; acordado, que não dorme. Os de Villa Real chamam a Villa Pouca de Aguiar *Villa Guicha*, alludindo á esperteza proverbial da gente d'ali.— Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 93).

guilho, 1) cunha de ferro para fender pedra; 2) a extremidade inferior do rodizio que assenta na *rã*. (Cf. a palavra *gôgo*).

guinada, dor aguda e rapida.

guindaste, 1) apparelho de tirar agua dos poços, tambem chamado *gastalho*; 2) pessoa alta.

guines, dinheiro.

guino, moeda de cinco réis.

H

hardenta (pron. ardeinta), herdeiro. É raro.

hastre, haste ou cabo da mangueira.— Etymo hastla.

heradeira, hera (cf. *aradeira*, que representa a pronuncia mais usual).

herdança, herança.

hervanço, grão de bico.

home!, homes!, homes essa! interj. de admiração.

I

illusir, enganar.

imbarrista, pessoa que usa de malicia no jogo.

impoltos, peças de madeira que se metem entre o *mile* e as *cambas,* se estas não são sufficientes para completar o circulo.—Em Barcellos chamam-lhe *chumaço* e *chumaceiro.*

inagua, nagua, saia branca das mulheres. Está por *anagua*, havendo o abrandamento da syllaba inicial por confusão com a prep. *in.*—Em castelhano é *enagua,* e em gallego *nagua,* como em português corrente. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

inalado: *rabo inaldo,* um pouco torcido (falando dos porcos). É sinal de boa qualidade o tê-lo assim, e de má o tê-lo direito.

inçadoiro, correia de coiro que prende o *pitigo* á *mangueira.*

incensar, girar de um lado para outro. Ex.: «este rapaz não faz senão *incensar* deante da gente». É uma metaphora derivada do movimento do thuribulo nas igrejas.

indrominas, pantominas, lerias, tretas.

inferno, o logar no fundo dos moinhos onde trabalha o rodizio.

ingalliar, pegar-se com alguem, bulhar com elle (á semelhança dos gallos ás cristadas).—É usado em Chaves. (*Rev. Lus.,* III, 63).

ingalliar-se, e **ingallinhar-se,** o mesmo que *ingalliar.* É usado tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Ibid.,* V, 46) com a primeira forma.

inimizar, tornar inimigo.

inorar, estranhar, admirar. (Cf. n.º 885 do CANCIONEIRO).

intaloado, mal cozido.

inté, até.

intourir, cf. *entourir.*

intrabellado, emprègado, entrèvado.

intralhoada, perigo.

intrepicar com alguem = pegar-se com alguem, ter barulho com alguem. (Cf. *trepicar*).

invejidade, inveja.

inxumbradella, acto de enxugar um pouco a roupa.—É derivado de *inxumbrar,* que não ouvi empregar, mas que se usa no Minho e cujo etymo é **insubumbrare,* enxugar á sombra. (Cf. os etymos de *sombra* e *enxofre*).

ivecas, o mesmo que *aivecas.*

jaleco, collete.

jaleque, casaco curto.

janêlo, postigo ou janela pequena.

jarreta, homem de pouca importancia.

joaninha, pequeno insecto amarello, que na sciencia tem o nome de *coccinella*.

joeira, peneira de junco ou palha para limpar o pão. Tambem dizem *ciranda*.

jonguer e **jonguir,** prender os bois ao jugo, jungir, atrelar.

jota, cibo, bocado, gota. Ex.: «está ainda uma *jota* de leite no fundo da lata».

K

kiosque, 1) loja pequena e suja; 2) o anus, o recto.

L

laboeira, lavoura. Esta palavra, que é vulgar no Minho, está mais proxima do etymo *laboraria. Caiu simplesmente o primeiro *r* por dissimillação do segundo.

labrêgo, bruto, grosseiro.

labrestada, vergueirada ou lambada (mas dada com vara ou pau que vergue.

labrestar, roubar.

ladra, vara, rachada na extremidade, para roubar cachos de uva.

lagartucha, lagarticha (Constantim).

lambefe, bofetada com as costas da mão.— Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 94).

lambitão, lambareiro.

lambra, fome.

lambuçada, comida misturada de differentes qualidades ou objectos.

lamegão, homem grande, gordo e parvo. De *Lamego*. (Cf. *Ermélo* e *Andrães*.).

lameiro, campo regado e limado junto dos rios. Usa-se tambem em Chaves. (*Rev. Lus.*, III, 63.

lamparina, bofetada.

lámpedos (figos) = l. lampos.

landra, 1) a lande ou fruto do carvalho; 2) fome.—Tambem se diz assim em gallego (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit*).

laparôto, coelho pequeno. — De *laparo*.

lapina, larapio, rapinante.

laponio, tolo, estupido.

lapouço, 1) criança gorda; 2) pessoa immunda. — Em Valpaços é substantivo e significa *laparo* (Cf. *Rev. Lus.*, II, 257).

lar, fogão de madeira. É uma especie de mesa pequena com uma cavidade ao centro (em logar de gaveta), a qual, cercada de tejolos por baixo, aos lados e ao fundo, serve de vão para accender o fogo.

larapinar, rapinar.

lardoeirada, pancada.

lardoeiro, mandrião, preguiçoso. Para explicar a palavra antecedente devia ter o sentido primitivo de *pau* ou *vara*: mas não o ouvi nem me souberam informar. É possivel

que desapparecesse, mas mais provavel é que vegete desconhecido juntamente com outros riquissimos thesouros de linguagem.—Talvez esteja por *lodoeiro* (pau de *lódo*) que existe em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

largata, lagarta.

larica, erva que nasce no meio do centeio; (fig.) fome.

larota, fome.—Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 95).

larpeiro, comilão.—Em gallego ha *larpeiro, larpion* e *lapon* no mesmo sentido. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

lascar-se, pedere.

lascarino, travesso, importuno, inquieto.

latada, bofetada.

latas, tábuas ou ripas largas, pregadas nos caibros, sobre as quaes assentam a telha ordinaria das casas.

látucho, bolo feito de carne. Termo ouvido só duas vezes a uma pessoa procedente de Mondim, e aqui residente ha muitos annos. É termo geralmente desconhecido, porque só encontrei uma pessoa na villa que soubesse dizer o que era. É vulgar em Mondim.

lavoura (termos de):

Arado.
Arabela.
Arado de margiar.
Tamão. (partes do arado)
Sega (seita, seiteira) (partes do arado)
Teiró. (partes do arado)
Regulador. (partes do arado)
Ferro. (partes do arado)
Fuga. (partes do arado)
Meixilho. (partes do arado)
Aiveca (*iveca*). (partes do arado)
Rabiça (*rabela*). (partes do arado)
Embelga.
Grade.
Encinho (*engaço*).
Enxada rôsa.
Enxada de ganchos (para a cava das vinhas).
Enxadão (picareto).
Sachola.
Picar (arrendar).
Redrar.
Sacho (sachôlo, sachinho, pica).
Picão (picareta).
Padiola.
Gancho do estrume.
Engaço de ferro.
Forcado (*arrojo, estronca, forquilha, forcalha*).
Podão.
Foice (gadanha).
Ferro do monte (ou ferro de alavanca).
Zôrra.
Eira.
Canastro.
Ciranda (joeira).
Crivar.
Escafular.
Escafulada.
Casulo.
Escasular.
Ripos.
Ripar.

Baganha.
Empoçar o linho.
Maçar (gramar).
Maçador.
Maçadeiro.
Cortiço.
Espadela.
Espadar.
Espadadeiro.
Debouçar.
Alimpar.
Feitor.
Mangueira, e suas partes, que são as tres seguintes:
Hastre.
Incedoiro.
Pirtego.

lazaro, pessoa maltratada ou pisada.

lebrão, macho de lebre. (Cf. *cobrão*).

leirão, rato grande (*Rev. Lus.*, v, 226).

leïtor, conta pendente do collete das mulheres com o fim de fazer nascer o leite. (Cf. o n.º 642 das Superstições).

lerpe, moeda de dez réis.

lés a lés (de) = de uma extremidade á outra.

lesma, pessoa magra.

limar, ter a agua continuamente a correr para um campo de erva.

lenteiro, (adj.) que tem certa humidade, humido; (subst.) campo humido, quasi o mesmo que *lameiro.*

levandeira, ave a que em Barcellos chamam *levandisca* e noutros pontos na (Lixa, por exemplo: *laverca*).

lidage, / **lideira,** } lida, trabalho, fadiga.

limpa-queixos, bofetada.

limpar, 1) cortar os ramos das arvores; 2) dar a segunda espadada ao linho.

limpeza, acto de limpeza em geral.

lingur'teiro, linguareiro, que dá a lingua, que descobre tudo.

linharão, linho grosso.

linguiça, 1) chouriço de carne de porco, longo e delgado; 2) malhas vermelhas nas pernas de quem está muito sobre o lume (no Minho chamam-lhe *murras*, que já ha muito anda nos diccionarios). — *Fazer a linguiça* é phrase mui vulgar na gente da villa para designar um passeio que se dá depois do jantar até deante da Timpeira, indo pela estrada de cima e vindo pela de baixo ou vice-versa. As duas estradas com as suas voltas teem effectivamente uma certa semelhança com duas linguiças. Como o passeio é dado para fazer a digestão do jantar, não admira nada que a frase passe a significar dentro em breve *fazer a digestão;* e até me parece que já a ouvi nesse sentido.

licanço, liscanço ou **alicranço,** pequena cobra que se julga cega. — Em Barcellos dizem *liscranço* para designar uma vibora venenosa, que anda por entre as ervas.

linterna, lanterna.— O mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

liteiro, appareiho formado de dois ou tres lençoes, atados a uma varella, para nas malhadas do centeio impedir que este salte fora da eira.

livro, folho ou folhato no estomago dos bois.

lôa, mentira.

lobeiro, do lobo. Ex.: «cão lobeiro».

loira, libra ou moeda de 4$500 réis. (Cf. *amarella*).

loje, corte de gado.

lomba e **lombeira,** preguiça.

lomear, nomear.

lombellos, dois pedaços de carne que se tiram no lombo do porco, na direcção do vazio, cada um de seu lado. Tem cêrca de um palmo de comprido.— No Minho chamam-se *coelhos*.

lonas, lerias, tretas, mentiras.

longal (castanha) ou c. *enxêrta,* é uma especie mais comprida para a distinguir da *soitinha: castanheiro longal,* o que dá castanhas longaes.

lontra, pescador do rio (sendo afamado).

lopes, o mesmo que *cócó*.

lorga, toca de coelho.

lóstra, bofetada.

lucifér, diabo, homem mau.

lúpuro, rebento da couve (Andrães).

lusquir-se, esconder-se.

luva, mão.

M

machina, grande quantidade, grande porção. Ex.: «uma *machina* de cousas».—Tambem se emprega no Minho.

maçadeiro, pedra em que se bate o linho, logar onde isto se faz. Em gallego *mazadeiro*. (Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

maçador, maço de bater o linho.

maçar, bater o linho. São geralmente desconhecidos os engenhos de *fazer o linho* (como dizem no Minho), e usam ainda do processo primitivo de o baterem com maços de madeira em cima dos *maçadeiros* ou pedras para isso preparadas. Em gallego *é mazar*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

magreira, magreza.

malandro, 1) preguiçoso, vadio; 2) fenda na parte posterior dos joelhos das mãos dos cavallos.

malapeiro, arvore que produz malapios, especie de macieira.

malapio, 1) fruto do *malapeiro;* 2) (adj.) còrado, avermelhado; 3) velhaco, manhoso; 4) preguiçoso; 5) ladrão.

malasarte, (adj.) mal arranjado; (subst.) pessoa mal arranjada.

maldoso, mau.

malfeita, cara (Andrães).

malgavel, affavel, amavel (Andrães). Etymo *m e l l i c a-

bili, formado de mellicus + *abilis*. O *a* da primeira syllaba é devido á influencia do *l*; tudo o mais é perfeitamente normal.

malhaes, peças de madeira que se atravessam em cima do carro, desde um fueiro ao outro fronteiro, para servirem de leito em que assentam as vasilhas, as traves, etc.

malhetes, peças de madeira encaixadas nos coucões e que assentam sobre o eixo. Tambem se chamam *bonecas*.

maltez, finorio, mentiroso.

mamar, comer, tomar, roubar. Ex.: «os rapazes *mamaram* a fruta que estava na mesa».

mamôto, rapaz simples e innocente.

manápula, mão. Ex.: «deitar a *manapula* a qualquer objecto».

mandar, offerecer. Ex.: «elle pediu-me tanto por aquelle objecto e eu *mandei-lhe* tanto».— Usada em Parada de Infanções (*Rev. Lus.*, II, 118).

mandil, avantal dos hombros. (Cf. *avantal*).

mandileiro, mandrião.

maneira, recorte ou abertura da saia onde é apertada pelo colchete. Fica de lado, sob a mão direita, e tem por dentro a *patrona* ou algibeira.— No Minho significa o recorte ou braguilha das calças.— Etymo * manuaria, cujo *n* se conservou por causa da semivogal *u*, significando *relativamente á mão, por onde entra a mão*.

mangueira, mangual, malho. Etymo * manicaria, donde * manigueira, e por ultimo *mãgueira* ou *mangueira*.

manhosidade, manha.

maniáco, maníaco, telhudo.

manona, figurinha de mulher.

manta, pandega: na phrase *pintar a manta*, que é vulgar em todo o país.

manzada, acto de estender e apertar a mão a alguem.

mão d'obra, bico de obra, concerto pequeno, bocado de serviço para um artista.

marão, casa grande.

marca, botão da roupa.

marcaureles, dinheiro.

marcha-pé, o mesmo que *cais*.

marco, dinheiro.

margiar, abrir sulcos com o arado na sementeira do centeio.

mariar a vida = governá-la, dirigi-la.

marioca, nome de insulto entre raparigas. Não me foi possivel averiguar o significado.

maroufa, cereja. (Constantim).

marrã, corcunda, corcova.

marralheiro, 1) preguiçoso; 2) mau pagador. Diz-se sobretudo de uma pessoa a cuja porta é preciso ir muitas vezes para rehaver o que se lhe emprestou.

marrancho, porco. Usado tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, V, 96) e

em gallego (Valladares Nuñez, *ob. cit., supplemento*).

marranica, pessoa que tem *marrã*.

marrano, porco; (fig.) homem defeituoso.

marta, bebedeira.

marucas, Maria.

marujinha, é uma variedade da azeitona. Está por *amarujinha*.

marzapo, penis.

massa e **massas**, dinheiro.

massegada, mistura de varias cousas.

mata-piolhos, o dedo pollegar.

materia, o pus das feridas.

matruca-piolhos, o mesmo que *mata-piolhos*.

matrucadella, topada, acção de bater com o pé contra uma pedra; choque de um jarreta contra o outro.

matrucar, chocar, pisar.

mêda, monte de molhos ou feixes de centeio na eira.

medôcho, mêda pequena. Tem de ordinario doze molhos e colloca-se aos lados do campo ceifado, como se faz tambem no Minho, onde tem o nome de *mideiros* (medeiros).

medouço, o mesmo que *medôcho*. (Cf. *emmedouçar*).

medrança, tumor na pelle dos bois, onde se cria um bicho negro como uma azeitona, chamado o *bicho da medrança*.

meia, meiote, piuga em geral. Porem, falando das mulheres, a *meia* é mais alta, chega ao joelho, e o meiote só ao meio de canella.

meirinho, adj., o mesmo que *marinho*.

meixilho, peça de madeira que atravessa a rabiça um pouco antes da *teiró*, e serve para separar e segurar as *aivecas*.

mendicante, vadio, ocioso.

mendinho, o dedo minimo.

menores, ceroulas.

melleiro, homem que vende mel.

merchanderias, compras de hortaliças e artigos de mercearia.

merenda, refeição ligeira entre o jantar e a ceia (para os trabalhadores); (fig.) ceiota, ou comesaina fora de horas, lá pela noite dentro.

merenducar, comer a merenda.

merongo, pessoa immunda.

merouco e **merouço**, o mesmo que *medôcho* (cf. *emmeroucar* e *emme rouçar*).

merujar, cair merujem, chuviscar. — Usa-se em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 97).

meruje e **merujinhas**, chuva meudinha ou de molha todos.

mião, peça central do tampo do tunel.

migalhas, (subst.) forreta, avarento, miseravel.

migas, o pão migado que fica no fundo da malga do caldo.

mijaceiro, graniso, saraivada; chuva meudinha, o mesmo que *meruje*.

mile, miule ou mião, a parte central, a especie de diametro da roda dos carros, na qual se introduz o eixo. Em Barcellos *miulo*.

milento, o mesmo que *milhento*.

milhão, milho, grão, milho maís.

milhã, 1) herva que nasce entre o milho; 2) chieira, vaidade, basofia.

milho, milho alvo.

milhos, farinha do milhão, grossa ou mal moida, a qual serve para fazer papas.

milhento, mil. Ex.: «milhentas vezes», isto é, mil vezes, muitas vezes.

milhorde, 1) rico; 2) preguiçoso.

minga, necessidade. Ex.: «não faz minga».

minhafre, milhafre. (Cf. o n.º 43 da PHONOLOGIA).

minuetes, negaças.

mirolho, vesgo, torto da vista.

miscaros, tortulhos, cogumelos. São maiores que os *cachopos*, teem pé mais grosso, e côr castanha na capa.

missoilo, pequeno saco de farinha, pequena fornada; (fig.) criança do collo.

mistella, bagatella, pequena cousa; vinho ruim, zurrapa.

mitra, carapuça.

mó, pedra andadeira do moinho.

mocho, (adj.) sem chiffres. Ex.: «cabra mocha»; (subst.) banco sem encosto para uma pessoa só.

mochões, especie de mosquitos que mordem a ponto de empolar a pelle.

moço, criado de servir (e nunca rapaz novo.)

modarella, nome de insulto entre raparigas. Não pude saber o significado.

mofino, infeliz.

moinho (termos de): a começar do fundo:

Gòrente.
Inferno.
Porca.
Rã.
Gògo ou *aguilhão* ou *guilho.*
Penas.
Rodizio.
Veio.
Segurelha.
Segurelhal.
Pé.
Mó.
Tramèlo ou *chamadeiro.*
Quélho ou *quélha.*
Tremonha ou *tremoia.*
Tremonhal.
Calcadeiro ou *calcador.*
Panca.
Pejadoiro.

moira, o mesmo que *tabafeira*.

moiral, maioral.

moirão, o mesmo que *tresfogueiro*.

molhelhas, especie de chumaço de estopa e lã envolvido em coiro, o qual cerca os chifres e cobre parte do pescoço. É sobre elle que assenta o jugo.

mollificar, chuviscar, merujar.

mondar, arrolar o milhão, tor-

ná-lo rolo, arrancar o que estiver a mais.

mondongo, o mesmo que *merongo*.

monger, ordenhar ou extrahir o leite. Em gallego ha *monjer, mojer, mojir* e *mujir*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

moni, dinheiro. Do inglês *money*.

mono, -a,- (adj.) sem chifres. Ex.: cabra, ou vaca mona.

montar, importar. Ex.: «e que monta isso?»

mora, fruto das silvas. Ás vezes confunde-se com *amora*.

morêa, monte de objectos: morêa de linha, de paus, de estrumes.

morchão, moscardo que faz inchar a pelle com a ferroada. Parece o mesmo que *mochão*. (Cf. *mochões*).

morouço, o mesmo que *merouço*.

morto por = desejoso de.

mos, nos (pronome). (Cf. a 1.ª das ORAÇÕES).

mosca, dinheiro.

mosquete, bofetada.

motril, 1) ajudante de escritorio, fiel de feitos (nos processos); 2) criado baixo e desprezivel a quem todos mandam e tratam mal. O *Dicc. esp. port.* de Valdez dá esta palavra como antiquada, e manda ver *mochil*, que define *servente* ou *moço de lavrador*.

muafa, dinheiro.

muinha, pelliculas finas que envolvem o pé do grão do milhão e que se aproveitam para encher os travesseiros.

muxicana, moeda de 500 réis em prata. Está por *mexicana*, mudando-se o *e* em *u* por influencia da labial.

mulatinhos, avesinhas implumes ainda no ninho.

mundo (pôr-se no) = fugir.

murcella, pequena chouriça doce feita de trigo migado, açucar, amendoas, etc.

muriar, tapar com muro.

muro, logar cercado ou tapado com parede para guardar as colmeias.

murraça, aguardente.

murtinho, planta parecida com a murta.

musica, dinheiro.

N

nacho, de nariz chato. O *Dicc. Espan. Port.*, de Mascarenhas Valdez, dá esta palavra como provincianismo das Asturias. É tambem usado na Galliza. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*). — Etymo *nar'cl'u- de nariculus (Cf. macho de marc'lu- e sacho de sarc'lu-)

naco, pedaço, bocado grande. É portanto um aumentativo de *cibo*, bocado pequeno.

nação, nascimento.

nado, nascido.

nagalho, 1) baraço; 2) rapaz.

naifa, navalha, principalmente

de folha comprida. Do inglês *knife*.

namorichar, namoriscar.

namoricho, pequeno namoro.

nangra, boneca, figura de mulher.

não-filha, enteada.

narosca, conluio, tramoia para enganar alguem. Está por *marosca*.

narouco, pião fraco que se põe quando se perde; (fig.) bruto, palerma.

nassa, bebedeira. O sentido primario, mas que aqui não ouvi, é rede de pescar, rede *embebida na agua*, donde por metaphora o sentido de estar uma pessoa *embebida em vinho*, ou ter *bebedeira*.

necra, boneca. Está por *bonecra*.

negrucho, *-a*, (adj.) um pouco negro. Ex.: «azeitona *negrucha*».

neja, (adv.) menos, excepto, não.

nena, boneca de criança, figura de mulher (pron. *nana*).

nengra, o mesmo que *nangra*.

netos, a segunda rodada de grelos ou rebentos que produzem as couves.

nevasqueira, murujem.

nica, o esgalho ou lasca de um pião arrancada pelo golpe dos ferrões dos outros quando todos os rapazes atiram sobre elle. Este pião está depositado no chão e condemnado a soffrer os golpes dos outros pelo facto de haver perdido o seu dono.

nicha, buraco no chão para o jogo da *choca*.

nefa, boneca.

ninheiro, ninho (de aves); (fig.) multidão, monte, reunião. — Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 98).

nouca, nuca, parte posterior da cabeça.

novelleiro, tracalheiro, intriguista, homem de enrodilhadas.

nozeira, nogueira (Constantim). — Em gallego *nòceira*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

O

ôche!, interj. de afagar os bois.

odrada, pancada com o corpo no chão.

odre, mulher gorda.

olhapim, larapio.

olho meirinho, remoinho de agua no rio.

ôrça, egua grande e magra; (fig.) mulher alta e desarranjada.

oscas, as roscas dos fusos (das fiandeiras).

osservar, observar (Campeã).

ougar, desejar ardentemente o que os outros comem. — Etymo a c q u a r e (cf. a frase *vir agua á boca*), que se emprega no mesmo sentido.

oureça, aragem. Etymo *a u r i t i a.

outros, os animaes, os da loja. É linguagem de gracejo.

ovinhas, ovos dos ninhos dos passaros a que tambem aqui chamam *pedras*, como no Minho.

P

paciencia, rede de pescar em forma de cone, tendo na base um arco de arame e no vertice uma bola de chumbo.

padiola, canella (termo de agricultura); (fig.) homem alto e magro.

pago, subst. m., paga, recompensa, proveito.

paivôto, do concelho de Paiva. Ex.: «boi paivôto» (nome de uma variedade de bois).

pala, empenho, protecção.

palhito, fosforos.

palouzano, bruto, estupido.

pampo, pampano, gomo, rebento de vide. *Enxofrar ao pampo*, dar a primeira enxofradela, enxofrar quando estão rebentados de pouco os gomos da vide. *Enxofrar ao cacho*, dar a segunda enxofradella, enxofrar quando os rebentos estão grandes e se vê perfeitamente o cacho.

panal, pano, cobertura. Ex.:

> Não tenho *panal* nem berço,
> Em meus braços te criarei.

panasio, bofetada, sôco, murro.

panasqueira, cerração, nevoeiro.

panca, alavanca de pau para erguer a *andadeira* do moinho.

pangaio, peralvilho.

pantaleão, penis. Ha outros exemplos de nomes proprios tomarem sentidos obscenos. (Cf. *Caetano*, *Lopes* (neste Vocabulario), *Catrino* (id.), e *Brisda, Rev. Lus.*, II, 246: supponho que está por *Bri'da* ou *Brizida*).

pantalonas, calças.

pantanas (em) — doidamente, fora de si, desorientadamente. Ex.: «deu-lhe um murro que o fez andar *em pantanas*».

panteiro, mirante em derrocada, casarão alto e velho.

pantominas, arolas, petas.

pão, centeio.

papagaio, apparelho de papel que por meio de uma linha os rapazes levantam no ar. Differença-se de estrella em ter no limbo exterior a forma oval e em estar o papel grudado somente sobre duas fasquias de cana cruzadas. (Cf. *estrella*).

papalvro, 1) fuinha pequena de pelle fina; 2) papalvo, tolo. Neste sentido está por *papalvo*.

papola, pasmado, bruto.

paqueta, rapariga de recados. Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 99).

paquete, rapaz de recados.— Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Id., ibid.*).

parabola, dobadoira dobrada, isto é, com duas ordens de travessas cruzadas (uma abai-

xo e outra em cima), a rodar á volta de um furo ou haste perpendicular que se atravessa no ponto do encaixe de uma travessa na outra. A dobadoira simples só tem uma ordem de travessas.

parambelo, casa velha e arruinada.

pardelhos, rede. Ex.: «a lontra cortou-lhe os *pardelhos*».

parelhão, insecto que come a folha da vide.

parrana, preguiça. Ex.: «fazer *parrana*», isto é, trabalhar com pouco cuidado.

parrascano, serrano.

parvonia, aldeia, logarejo.

pascada, nome de insulto entre raparigas. Parece ser o mesmo que *abascada* ou *apascada*.

pascaró, parvo, tolo.

pascovio, pasmado, tolo. Está por *pacovio*.

pataranha, pessoa que vê pouco.

patrona, algibeira das mulheres.

patusqueiro, alegre, divertido. (cf. n.º 563 do CANCIONEIRO).

paulada, choque de um pião contra outro.

pauseiro, o homem que prepara o pau dos tamancos, que depois deve ser pregado pelo *soqueiro*.

pé, a mó inferior do moinho, a que está parada.

peccado, o demonio. Ex.: «não se deve falar no *peccado*».

pedão, pessoa que aprende mal; estupido, bruto. Em vez de *podão*.

pedinchão, o homem que pedincha.

pedinchar, estar sempre a pedir, pedir com impertinencia.

pedras, o mesmo que *ovinhas*.

pegureiro, pastor.

pejadoiro, apparelho de fazer parar o moinho.

pelitrão, pelintrão, pessoa esfarrapada.

pelleca, pequena pelle.

pelleira ou **pellem**, fraqueza, doença, embaraço, difficuldade.

pellicreiro, negociante de pelles.—Etymo *pellic'lariu de pellicularius.

penanrilha, homem fraco mas bem vestido.

pencha, orgão genital da mulher.—Etymo *pen'c'la de penicula.

peneira, fome.

pennas, especie de asas encravadas no rodizio do moinho, nas quaes deve bater a agua que o ha de pôr em movimento.

pequito, periquito (vid. CANCIONEIRO, n.º 1186).

perca, perda.

pernada, ramo grosso da arvore.

perneira, pequena porção.

persevelho, persevejo.

perua, bebedeira.

petiscar, tanger os animaes. Ex.: «rapaz, *petisca* essa jumenta».

pevide, a parte do eixo que

fica entre o *somão* e o ponto de encaixe no *mile*. Em Barcellos são *alhetas*.

piadeiro, apparelho de madeira para piar ou descascar *milhos*. Especie de alavanca interresistente, tendo suspenso um maço num dos braços. Está ordinariamente junto de uma parede, á qual se encosta o *pia-milhos*, emquanto com os pés faz erguer alternadamente os braços da alavanca para o maço bater dentro do *pieiro*. Deita-se o milho alvo numa pia de pedra, a que chamam *pieiro*, e pisa-se com o *piadeiro* até lhe sair a casca. Depois de descascado, faz-se d'elle uma especie de papas muito apreciadas na terra.

pia-milhos, o homem que trabalha no *piadeiro*.

piar, descascar o milho alvo.

piasca, pião pequeno.

pica, 1) acto de picar ou arrendar o milhão; 2) pequeno sacho usado para isso.

picão, picareta, instrumento de lavoira para sachar o linho.

pica-ponto, pequeno instrumento de sapateiro para imprimir uma especie de recortes ou marcas ao lado do pesponto no bordo do calçado.

picar, arrendar o milhão, dar-lhe a primeira sacha.

picarnel, pequeno moinho construido provisoriamente nas quedas de agua dos rios durante as secas do verão. (*Rev. Lus.*, v, 227); (fig.) homem que é um moinho a comer, que come muito.

pichorra, cantaro, caneca, com bico e de barro branco.

pichórro, pichel, cantaro pequeno, de barro negro.

picuinha, dito satyrico.

pieiro, pia de pedra para descascar o milho alvo.

piela, bebedeira.

pifar, bifar, surripiar, furtar.

pila! pila!, interj. de chamar as gallinhas.

pilão, o mesmo que *piadeiro*.

pilar, desejar ardentemente. Ex.: «Estou a *pilar* por este objecto».

pilatas, garoto. É nome que os avós costumam dar aos netos.

pilecra, cavallo fraco, homem fraco.

piléu, homem insignificante.

pilhante, larapio.

pilheira 1) lapa ou cantareira na parede; 2) pedra saliente nas paredes das cortes das cabras para ellas saltarem.— Etymo *pilearia.

pilocas! piloquinhas!, interj. de chamar as gallinhas.

pinar e **pinchar,** saltar.

pincho, salto.

pingar, cabecear com somno, estar a cair de somno.

pingueiro, quasi bebado, alegre com o vinho.

pinoco, mono, macaco, figura de neve feita pelos rapazes em dia de nevada; (fig.) alto, elevação, monte.

pinos, pequenos paus cravados no chão, aos quaes se atira a bola ou malha no jogo da bola.

pio, o mesmo que *pieiro*.

pique, teima, teimosia, questão, reixa (cf. n.º 351 do CANCIONEIRO).

pirata, larapio.

pisão, apparelho de pau em forma de maço para bater os panos de lã molhados em agua quente com o fim de os endurecerem. Assim preparam, por exemplo, o *avantal*, ou cobertura dos hombros.

pisca, ponta de cigarro. Em gallego significa: *porción muy pequeña* de. (Cf. Valladares Nuñes, *Ob. cit.*).

pita, gallinha; franga ou gallinha nova.

piteira, bebedeira.

pitigo, a vara mais curta do mangual, o mesmo que *pirtigo* ou *pirtego* de outros pontos do país.

pitinhos, o mesmo que *pitos* ou *mulatinhos*.

pito, o interior pôdre da fruta. Tambem se diz no Minho.

pitos, os filhos ainda implumes das aves, os *mulatinhos*.

piu! piu!, interj. de chamar as gallinhas.

piucos, meias curtas das crianças.

plagão, fragão, mono enorme de pedra.

plaino, plano, planicie.

pocinheira, pedra com *buqueiro* (olho) á saida das minas para represar a agua, ou tambem nas presas ordinarias de agua.

pôcha, casca de painço ou do milho alvo aproveitado para encher os travesseiros, bem como a *muinha*.

pôcho! pôcho!, interj. de chamar o cão.

pôço!, interj., arreda! que horror! que mal!

podão, instrumento de podar.

poldras, pondras, alpondras, pedras altas lançadas na agua para se poder atravessá-la. — No Minho e Alemtejo (*Rev. Lus.*, IV, 69) são *passadeiras*.

polvorinho, redemoinho de vento.

pontapé de burro, homem baixo.

ponte (fazer) em alguem = passar-lhe á porta sem lhe ir falar. Dizem no mesmo sentido: *fazer pontão* em alguem. Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, V, 101).

porca, travessa de madeira onde assenta a *rã* do moinho. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.* in verbo *Pòrca d'o lagar*).

porquice, acção propria do porco, acção feia.

porrada, pancada. Tem o mesmo sentido em gallego. (Valladares Nuñez, *ob. cit.*

porrête, cassete.

porrêto, o mesmo que *porrête*.

porviscar, gostar ou provar aos bocados.

porma, palerma, pateta.

portal, porta de quinta.
portão, porta de casa, do eirado, da rua.
pote, homem baixo.
potra, 1) egua nova; 2) doença das gallinhas; 3) doença das couves.
prafusas, o mesmo que *fusas*.
pragalhar e **pragar,** rogar pragas.
pragana, o envolucro do grão de trigo ou centeio.
prainas, planuras, planicies.
pranêza, planicie.
pranchão, tanchão, estaca, bordo.
pregalhar, pregar pregos.
pregar, causar, meter. Ex.: «*pregar* um logro, uma mentira, uma maçada», etc.
pregos de trilho, os que servem para segurar a chapa de ferro que cinge o linho exterior da roda do carro.
preguiceiro, escabello, banco de encosto.
perguizeiro, significa o mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit*).
prejunção, presumpção. (Vid. n.º 41 da PHONOLOGIA).
prelevar, 1) levar a deanteira a alguem, exceder. Ex.: «F. *prelevou* a F.»; 2) desculpar. Ex.: andaste mal, não te posso prelevar».
prenostico, palrador, falador.
préto, perto, junto, ao pé. — Já apparece bastantes vezes nos tres CANCIONEIROS primitivos. É tambem palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.* e *Rev. Lus.*, VII, 224).
prisca, o mesmo que *pisca*.
prôa, vaidade, basofia.
procurar, perguntar. Ex.: «encontrei F. e *procurei* de onde vinha».
prouveia ou **parouveia,** logar alto exposto ao vento.
prumos, garfos do enxerto.
pulgão, insecto que damnifica a vinha.
pyrambula, pyramide.

Q

quècedella, tareia, tosa. Por *aquecedella*.
queiroga, o mesmo que *chamiça*.
quêlha, quêlho, caleira por onde desce o grão da tremonha (nos moinhos). — Em Rio Frio dizem *canêlha*. (*Rev. Lus.*, I, 206).
quella (por *aquella*), amor, affecto, mania, telha, e qualquer ideia cuja expressão não occorre. Ex.: «tenho uma grande *quella* a meu filho», «toda a gente tem sua *quella*».
quesila, zanga, raiva.
quesilar, zangar e zangar-se.
quico, chapeu pequeno.
quilhôto, castanha que escapou no chão, coberta de terra, e germina na primavera.
quinchôso, quinchouso, e **quinteiro,** terreno cercado de parede para encerrar animaes e curtir estrume. — O ultimo vocabulo é tambem usado em Galliza. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*

R

rã, alem da accepção usual significa tambem: 1) sapo; 2) pedra circular em forma de bola achatada, encravada numa travessa de madeira chamada *porca,* e tendo uma mossa ou cavidade na parte superior na qual assenta o *gogo* ou *aquilhão.*

rabaceiro, amigo de roubar fruta para comer.

rabanada, rajada de vento.

rabeira, 1) corda presa ao cabresto do cavallo para o guiar, prender, etc. 2) qualquer resto do grão que fica no fundo da tremonha.

rabela, rabice do arado. É tambem palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rabiça, a parte do arado onde o lavrador põe as mãos para o guiar.

rabiças, folhas dos nabos. Em gallego *rabizas* significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rabiças, nabos pequenos para os recos.

rabita, colher de deitar a sopa.

rabôto, -a, (adj.) que tem falta de um braço. Ex.: «homem *rabôto,* camisa *rabóta* (= sem mangas)».

rabujar, teimar, bulhar, questionar.

racha, 1) parte, quinhão. Ex.: «tambem lá tenho a minha *racha;* 2) pau de faia ou castanho.

raça, reça de sola. Está o primeiro *a* por influencia do *r.* Dizem tambem assim em Mogadouro e Lagoaça. (Cf. *Rev. Lus.,* v, 102).

rafar, furtar.

raiúno, real, bom, excellente, de primeirissima ordem. Ex.: «espingarda *raiuna.*— Etymo *regunus por regalis. O *a* é devido á influencia do *r.*

ralidade, raridade. Dissimilação.

ralhada, ralhos, questões, teimas de palavras.

ralo, ramo. Dissimilação.

ramalhão, subst., ramo grande; adj., comprido como um ramo. (Vid. n.º 615 do CANCIONEIRO).

rama, cornadura dos bois, chifres.

rangalheira, o mesmo que *zangalheira.*

range, instrumento de brincadeira infantil. Compõe-se de uma casca de noz furada nas extremidades e no centro; de um pau que atravessa a casca, terminado numa extremidade por uma maçaneta do mesmo pau, e na outra por uma roda de cortiça; pelo buraco do centro sae uma guita que imprime movimento ao apparelho.

ranhão, 1) pau de ranhar o forno (é o que no Minho chamam *surrascador;* 2) vara com um molho de giestas ou farrapos na ponta para varrer o forno (é o *varrẹdoiro* do

Minho); 3) especie de ancinho metallico para juntar a prata no jogo do monte.

ranhar, mexer os cavacos ou brasas que ardem no forno, para o calor se repartir igualmente por todo elle. (No Minho dizem *surrascar*).

rapança, espatula de madeira ou ferro, para rapar a massa na masseira.

raparigo, rapaz. Usado tambem em Parada de Infanções. (*Rev. Lus.*, II, 119), e em Bragança e Miranda. (*Ibid.*, III, 68).

rapitamente, rapidamente. (Vid. PHONOLOGIA, n.º 51).

rapito, rapido. (Vid. PHONOLOGIA, n.º 51).

raposinha (rama, erva)=rama, erva baixa.

rascanhão, arranhadura.

rascanhar, arranhar.

rascar, namorar.

rasulho, a parte solida do caldo, a hortaliça, o *batume* (em linguagem do Minho); (fig.) dinheiro.

rataplana (de) = a toque de caixa. Ex.: «andar sempre de *rataplana*». É palavra onomatopaica, imitando o som da caixa militar.

ratar, roer. Ex.: «os ratos *rataram* este lençol».

ratoqueira, ratoeira.

reanhas, pessoa ruim de aturar.

rebatina, rebatinha.

rêbo, pedra em bruto, antes de apparelhada.

rebólo, grande quantidade de massa (neve, geada, etc.), reunida em forma espherica.

rebuje, especie de sarna dos porcos, que se cura com enxofre e toucinho. Quando muito forte, chamam-lhe *rebujão*.

rebuscar, procurar as espigas que ficam no campo de centeio ou trigo depois de ceifado, os cachos que ficam na vinha depois de vindimada, as castanhas que ficam no souto depois de varejado, e da azeitona que ainda fica depois de colhido o olival.

rebusco, acto de rebuscar.

reca, 1) porca; 2) jogo dos rapazes; o mesmo que *choca*.

rècada, vara de porcos.

rècalha, rapariga immunda.

rechão, planicie.

reco, porco. Usa-se tambem em Rio Frio, Miranda e Bragança. (*Rev. Lus.*, I, 216).

récula, multidão, bando.

reça, calor, raio de sol, restea de sol.

redra, a segunda cava da vinha, o desfazer os torrões da vinha para alisar o terreno.

regibó, carne de gado lanigero.

regulador, parte do arado. Não sei ao certo qual é. Talvez o mesmo que a *teiró*, que serve para *regular* a fundura do rego.

reinolas, especie de batatas doces que nascem nos soitos e que os rapazes colhem para comer. Parecem ser o mesmo que *feijoncellos*.

reixinol, rouxinol.

rela, 1) achaque no peito dos cavallos (consiste numa inchação acompanhada de dôres e parece o mesmo que o *aguamento*); 2) tinha nas ovelhas; 3) bicho do milho. — O sentido primitivo e de onde estes derivam, mas que aqui não ouvi, é o de *rã das ervas,* uma especie de rã venenosa ou salamandra, cujo rasto na erva mata os animaes que a pastam. — Etymo ranella > raella > rella ou rela. Ranellare na accepção de *cantar da rã, coaxar, importunar, incommodar com o canto continuo,* deu normalmente *relar,* que depois mudou em *ralar* por influencia do *r*.

relaixo, desleixo.

relaixamento, distensão dos nervos (do cavallo), resultante de um esforço violento. No Minho chamam-lhe *força;* ex.: «este cavallo ganhou uma força».

relampo, relampago.

relar, ralar. (Cf. *reia*).

relêgo, moderação, modestia. Ex.: «tenha *relêgo* na lingua».

releira, ralação.

rélhas, pessoa ruim de aturar.

rêlhas, travessas interiores de madeira que prendem uma camba á outra pelo meio do *mile*.

relheira, sulco da roda do carro. — Etymo regularia. Em gallego é *rilleira*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

relice, o mesmo que *releira*.

remocar, entalar, apertar, fazer cair na esparrella.

remostar, pôr a ferver um vinho velho com o mosto do novo. Ex.: «este anno *remostei* todo o meu vinho velho».

remoucar, remugar, remuncar e **resmusgar**, resmungar, falar por entre dentes. O etymo do 1.º e 3.º é *remuncare, formado de mucus com postsonancia nasal do *m*. (Cf. *emungo,* que é classico, e o *homo emunctae nasis* de Hor.) e significando falar pelo nariz. No 1.º ha o desnasalamento da 2.ª syllaba que foi substituido pela ditongação. O etymo do 2.º é *remucare, e do 4.º é *remussicare, formado de musso que no latim classico tem igualmente o sentido de *falar por entre dentes.*

rengo, alcarnache, erva parasita.

rente, pontual, exacto. Ex.: «F. costuma ser *rente* á hora».

rentez, rasteiro. Ex.: «feijão *rentês*» para contrapor ao que atrepa pelas varas acima; (fig.) manhoso, velhaco. Ex.: «estás em *rentês*».

repapoilas, papoilas.

repêso, arrependido.

repesoiro, terreno baldio nos montes ou perto dos rios.

repitosca, rapariga bonita.

repolhaço, homem gordo.

reposta, resposta. É o gallego *repòsta*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*

requintar a corda = apertá-la muito, dar-lhe a ultima puxadella.

resalgario, pequena lagarta que roe a rama dos pinheiros.

reseguros, mui seguros.

responsar, praguejar, rogar pragas, tratar mal. Ex.: «meu pae por quasi nada *responsou-me* todo o dia».

retraço, restos de penso que as bestás deixam de comer.

rètrocetro! (interj.), eu te arrenego.

retrucar, responder.

retruque, termo do jogo em que se ganha um só tento.

revêlo, cabrito passante de dois meses (cf. *cabrito*).

rexòxó, reprehensão, sarabanda. Usado em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 104).

rèsvés, quasi, não faltando senão pouco.

rezão, homem que reza muito.

rigores, faixa avermelhada que se forma ora ao poente, e denota bom tempo, ou ao nascente, e denota chuva.

ripar, passar as cabeças do linho pelos dentes das ripas para lhe arrancar a semente.

ripas, tábuas estreitas para nellas assentar a telha de Marselha (cf. *latas*).

ripos, ripansos do linho, especie de tábuas dentadas na parte superior para arrancar a baganha do linho.

risa, riso. (Cf. *chora*).

risca, serradura.

roca, arma.

rocão, 1) haste de pau com um apparelho de folha na extremidade para colher a fruta (peras, maçãs) das arvores sem a pisar; 2) funil de papel de varias côres para apertar o linho na roca á falta de correia.

roças, artista mal habilitado.

rodizio, peça do moinho: haste ou fuste de madeira que tem ao fundo uma especie de moca (no Minho chamam-lhe a *pela*) onde se encaixam as as peças que o hão de pôr em movimento. Etymo * r o d i c i n u. (Cf. o gallego *rodesno*, Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

ròleiro, o homem que faz o rol.

rolête, pequeno rolo de madeira sobre o qual o moleiro *rola* a andadeira do moinho, para a descer sobre os malhaes e collocá-la no chão, quando a deseja picar.

romão, recorte no eixo do carro onde assentam os *malhetes* e ficando apertado entre as *treitoiras*.—Em Barcellos chama-se *lumes* e em gallego *lodoiro*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rompante, investida.

roncha, nome insultuoso entre raparigas.—Em gallego significa salamandra (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

roqueiro, o mesmo que *rocão*.

rôsa (enxada) = enxada de gume direito para contrapôr á de *ganchos*, que tem o gume terminado em duas pontas agudas com a cavidade no meio. — Etymo rosa, de rodo, significando *roida, raspada, lisa, direita.*

rosnar, resmungar, replicar por entre dentes.

rosquiar, cair, fazendo roscas ou rolando.

rôta, corte de terrenos (para abrir uma estrada, um caminho, etc.).

ruda, arruda.

rupar, ladrar, latir, investir com alguem (falando do cão).

rusga, tocata, pandega.

S

sabio, feiticeiro. Em gallego ha *sabias*, significando feiticeiras. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

saboeiro, homem de pouco asseio no vestido.

sabonetada, descompostura.

sabugo, chifre, nas duas frases: *ora sabugo! valha-te um sabugo!* Esta palavra significa primitivamente sabugueiro, e a parte inferior dos chifres. Nos dois exemplos acima ha uma synedoche da parte pelo todo.

sacalhos, tamancos velhos.

sachinho, sacho pequeno para sachar o milhão, o painço, a batata, etc. Tambem se chama *pica*.

saçarelo, homem que fala muito (Folhadella). Provavelmente é erro de escritura em vez de *tagarelo*.

saganucho, vesgo de um olho. Está por *ceganucho*, mudando o primeiro *a* por influencia da guttural. (Cf. PHONOLOGIA, n.º 23, 1.º). — Etymo *caecanuc'lu.

saibrar, o mesmo que *surribar*.

saimão (signo) = signo Salomão.

salamatinga, salamandra, rã de pintas verdes e amarellas.

salmonête, descompostura, reprehensão.

saltarico, gafanhoto. Tambem lhe chamam *saltão*.

saluga ou **saruga** (pão de) = pão só de centeio, trigo ou cevada, sem mistura de outro cereal.

samarra, 1) homem corcunda, marranita; 2) a marrã do corcunda.

sangranho e **sarangranho**, sargaço preto, especie de giesta. (Cf. os n.os 50 e 18 da PHONOLOGIA).

sangrinho, sangarinho, sanguinho e sanguinheiro, arvore, de pau amarellado e sabor amargo, de que se fazem as rocas das fiandeiras e os açafates e cestos.

O etymo dos dois ultimos é sanguineo e sanguinario. Quanto aos dois primeiros cf. os n.os 50 e 18 da PHONOLOGIA).

saniscas, fragmentos, estilhaços.

sanoca, 1) bolo de semea; 2) nome de insulto entre rapazes.

santoria, má mulher.

sapada, desmoronamento de parede com terra adjacente quando se trata de um muro de supporte. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *sapa* e *bólhara*. (*Rev. Lus.*, v, 105, 33).

sapinhos, o mesmo que *pitos* ou *mulatinhos*.

sapateiro (termos de):
Biségre ou buxête.
Pica-ponto.
Martello.
Fôrma.
Grosa.
Torquês.
Sovella.
Sovelhão.
Linhol.
Palmilha.
Tacão.
Vira.
Sola.

sapo-concho, cágado; (fig.) homem baixo. Em gallego significa *tartaruga*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

saraça, homem trapalhão no serviço e que nada faz que preste. É possivel que este sentido derive de *saraço* por metaphora.

saraço, rato. Etymo *soracem, de sorex, que deu o fr. souris. A mudança do primeiro *o* em *a* é devida á influencia do *r*.

sarapatel, confusão, balburdia, barulhata.

sardinha, bofetada.

sarrim, serradura.

scambrar, o mesmo que *escambrar*.

scandola, raiva, má vontade.

scôche! o mesmo que *coche!*

sebinas, pregos da ferragem das rodas do carro. (Julgo que tambem lhes chamam *pregos de trilho*).

sêca, falta de agua, estiagem.

séca, pessoa importuna, que fala muito e não nos larga.

secadavel, (subst.), terra sêca, ou por não ser regada ou por não ter *sessão*.

secalhal, sêco. (Cf. o ENSALMO 10).

sêde, desejo de vingança. Ex.: «F. tem *sêde* a F.»

séga, o mesmo que *seita*.

segurelha, 1) peça de ferro que encaixa no veio e sobre o qual assenta a *andadeira*. Em gallego é *saborella*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*). Etymo *securic'la de securis, porque a *segurelha*, quer como parte do moinho, quer como nome de planta (que aqui não ouvi) se assemelha ás machadas de dois gumes.—É tambem um termo do jogo do pião. Antes de atirar o pião os rapazes dizem: *segurelha não falada*, assim como em Chaves dizem *á molha para a santa segurelha*.

segurelhal, a cavidade inferior da *andadeira* na qual entra a *segurelha*.

seita, instrumento de ferro pendente do temão e destinado a cortar a terra.
sementar, semear.
semesugas, sanguesugas.
senisga, o mesmo que *pencha*. Tambem usado em Mogadouro e Lagoaça. (Cf. *Rev. Lus.*, v, 110, na palavra *ҫoreta,* e v, 40).
sepegar, açular, acirrar os cães.
seramangar e **serramancar,** andar vagarosamente, arrastar os socos, rapar no chão com o calçado.
serra, acto de serrar, serração. Ex.: «hoje é a *serra* da velha.
sertãe, sertã (Constantim).
sesminar, scismar (Constantim).
sessão, [pousio dum terreno, vigor, força], humidade. Usa-se tambem em Rio Frio. (*Rev. Lus.*, I, 207). Etymo sessione(m) de sedere estar de pousio. Escreve-se ordinariamente *cessão,* mas parece-me melhor a graphia que adopto em face da etymologia. É termo vulgarissimo em todo o Minho, bem como em Trás-os-Montes; devo porem declarar que só o tenho ouvido no sentido de *humidade.*
sètoira, foicinha, instrumento de segar erva. Em Valpaços é *seitoura* (*Rev. Lus.*, II, 258). Etymo sectoria.
sebeniscar, o mesmo que *subeliscar,* com dissimilação *n–r* por *l–r*. Quanto á mudança de *u* em *e,* na primeira syllaba, vid. n.º 14 da PHONOLOGIA.
sevilhana, especie de azeitona grande.
sefelpa, casaca; (fig.) tosa, sova (Folhadella).
sincelar, formar sincélo.
sincélo, 1) laminas de caramelo pendentes das arvores ou das casas; 2) nevoeiro cerrado que prende a congelação do caramelo. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *sinceno* e *sincenado.* (*Rev. Lus.*, v, 105).
sirgo, bicho da seda.
siso, rodela de cortiça no interior de roca.
soalheiro, logar onde os cereaes se expõem ao sol. O etymo d'esta palavra * solariu-, formado de sola-li-s + arius.
soalheira, logar onde as pessoas vão tomar o sol.
soba! interj. de açular os cães. Parece que originariamente devia ser *ҫoba,* porque em Valpaços (*Rev. Lus.*, II, 256) dizem *açobar,* e em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 23 e 37) dizem *acebar*.
sobar, açular, acirrar os cães.
sobreposta, peça de madeira na extremidade do cabeçalho, onde está o chavelhão.
sobrerelhas, peças exteriores de ferro que ligam entre si o *mile,* os *impoltos* e as *cambras*. Em Barcellos são *meias luas*. Em gallego é *sobre-*

relas. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

sôco, bofetada; murro.

sôga, 1) correia de prender o jugo ás molhelhas ou aos chifres dos bois (e não de os chamar, como acontece no Minho); 2) correia feita das aparas dos coiros nas fabricas dos cortumes.

soidade, saudade.

soitaria, o conjunto de muitos soitos; um soito grande.

soitinha (castanha = castanha redonda. Tambem lhe chamam *souzana*. *Castanheiro soitinho*, o que dá castanhas soitinhas.

somelga, arreguiço, criança enfezada ou rachitica, pessoa fraca.

sonetada, descompostura, reprehensão. (Relvas, em Parada de Cunhas). Informamme algumas pessoas que provavelmente ha aqui uma confusão com *sabonetada*, palavra bastante usada no mesmo sentido.

sonsinho, homem apparentemente simples e de boa-fé, mas realmente muito manhoso.

sopaina, torto das pernas, cambado.

sóqueiro, tamanqueiro, o que prega os sócos.

sorbicadela, beliscão.

sorbicar, beliscar.

sorte, leira, calço, nesga de terra.

sortidas (agulhas) = agulhas de todas as qualidades, grandes e pequenas.

soupicar, pisar a uva no lagar.

sousana (castanha) = c. *soitinha* ou redonda.

sovina e **sovinas**, avarento, poupado.

specar, especar, segurar, firmar.

spirar, soprar, bufar.

s'ropião, escorpião.

stalada e **stalo**, bofetada.

stmagado, irritado, irado, zangado.

stamego, estomago.

stampatorio, barulho de pala vras, berrata.

starrincar, trovoar.

starrinco, trovão forte.

stirada, grande extensão de caminho. No Minho *stirão* e *stirada*.

strefegante, (adj.), flagrante. Ex.: «apanhado em *strefegante* delicto»; (subst.), occasião, memento. Ex.: «naquelle strefegante».

strefogueiro, o mesmo que *tresfogueiro*.

stroe-tudo, pessoa que come carne na quaresma e bacalhau no resto do anno.

stupito, estupido. (Cf. PHONOLOGIA, n.º 51).

subalhitos, restos de comida.— Esta palavra vem do thema *subalho*, cujo etymo é c i b a c l u-, de c i b u s + a c u l u s. Por influencia da labial o *ci* mudou em *çu*, que sendo contraria ao uso da lingua no principio das pala-

vras, passou a ser representada por *su*.

subeliscar, belliscar. Etymo *subvelliscare, formado de sub + velliscare de vello, donde subbeliscar, e depois subeliscar.

sucêdo, successo, caso, acontecimento.

supino, zinote, recto, assento, anus.

supito, subito. (Cf. PHONOLOGIA, n.º 51).

suprimento, alimento, substancia. Ex.: comida de pouco *suprimento*.

surrar, bater, dar pancadas. Ex.: «quando acontece de lhe bater (na criança), então *surro-lhe* muitas». (Cf. *zurrar*, que parece a forma mais usual.

surribar, cavar profundamente um terreno inculto, desbravar.—Etymo *subripare.

sustancia, caldo de gallinha. Em gallego significa «caldo que suele darse á los enfermos». (Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

sustenido, bofetada.

T

tabafeira, chouriço feito de sangue e meudezas de porco.

tabaqueiras, ventas, faces.

tabefe, bofetada.

taboleiro, soalho do carro.

tacha, dente. Ex.: «arreganhar e *tacha*.

tachado, embriagado.

taina, pancadaria.

talefe, marco geodesico no alto dos montes.

talhadoiro, o logar onde se corta ou talha a agua.

talhar, cortar.

tamaninho e **tamanino**, bocadinho, poucochinho.

tamão, peça um pouco curva de madeira que serve para puxar o arado. Por uma extremidade prende na rabiça e pelo meio na teiró.

tamboladeira, copo de provar os vinhos.

tamborete, cadeira.

tamoeiro, peça de coiro onde, por meio do chavelhão, prende a cabeçalha do carro.

tanchão, estaca, bardo.

tanchoada, uma sebe de tanchões.

tanha, talha, vasilha de barro para deitar azeite. (Cf. o n.º 43 da PHONOLOGIA).

tapa, tapada, bouça.

tardonho, atrasado, que vem tarde.

tarefeira, o mesmo que *gafeira*.

tarefeiro, empreiteiro ou arrematante de concertos de estradas.

taroucos, sócos.

tarracho, homem baixo.

tarrêlo, panela pequena. De *tarro*.

tarrincar, 1) trovoar; 2) ranger os dentes. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *terrincar*. (*Rev. Lusit.*, v, 106). (Cf. *starrincar*).

tarrinco, trovão forte, o mesmo que *starrinco.*

teiró, peça ou travessa de madeira quasi perpendicular que segura o *tamão á rabiça,* ou melhor, ao fundo do arado.

temporejar, vir ou nascer ao mesmo tempo. Ex.: «o centeio barrosão (serodio) se for semeado nos campos de Villa Real dentro em poucos annos temporeja com o nosso».

tenador, garfo. Do cast. *tenedor* com a dissimulação *e–a* por *e–e.*

tenente, homem cuja mulher lhe é infiel. A origem d'este sentido ha de buscar-se na frase completa *tenente-coronel* ou *cornel,* como diz o povo.

tesão, a ultima travessa que une as chedas. Etymo já dado tensione(m).

testar, tornar testo, entesar.

testiar, pegar alguem, chiscar. No Minho dizem *testilhar.*

testo, teso, entesado. Ex.: «*fio* testo» em contraposição a «fio doudo».

tineira, força, intensidade. Ex.: «na *tineira* do calor». Etymo *tenaria (de tenor, ōris com mudança de suffixo); o *i* da 1.ª syllaba pode explicar-se por influencia do *i* da terceira. (Cf. *sinto* e *minto* de sentio, mentio). Quanto á conservação do *n* intervocalico, ou havemos de admittir que a palavra nos veio do castelhano, ou que é de procedencia erudita.

tinhosa, tortulho ou cogumelo venenoso.

tióme, tio, patrão, senhor. É a expressão com que se dirigem a uma pessoa desconhecida, mas de baixa condição. Está por *tio homem.*

titellas, a parte deanteira das chedas no ponto em que cucurvam para se unirem á cabeçalha. (No Minho são *cambotas*).

tó, interj. de afastar e repellir os leitões, os cães, as cabras e, ás vezes, os recos.

toar, trovejar.

tóchos, não sei com certeza o sentido d'esta palavra. É possivel que seja palavra gallega *toxo,* correspondente ao *tojo* port., mas em Valladares Nuñez, *ob. cit.,* não apparece senão *tojo.*

tolidade, tolice.

toeira, 1) trovoada; 2) bordão, uma das cordas da viola.— Usado neste segundo sentido tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.,* v, 106).—Etymo *tonaria de tonare, trovejar, soar, fazer som.

tombear, dar tombos.

tombo, livro manuscrito da demarcação dos terrenos concelheiros ou baldios (nos montes). Estas demarcações fazem-se ás varas de logar para logar, ou mesmo de penedo para penedo, pondo ás vezes nelles cruzes ou sinaes para se não enganarem.

tôo, trovão. Etymo tonus.

tora, rancho, ração, carne; (fig.) castigo. (É linguagem só de soldados). Em gallego significa *pedaço, porção*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

torgueira, torgo, especie de urze, de que fazem carvão.

torna, 1) nesga de terreno; 2) porção de agua.

tornar, responder, replicar. Ex.: «dei-lhe as boas horas e não mas *tornou*», «fiz-lhe uma pergunta e nada me *tornou*».

tosa, tareia, dosa.

touca, 1) rede da cabeça (para crianças); 2) bebedeira. Este ultimo significado é uma translação do sentido ordinario: de *adorno da cabeça* passou para *peso na cabeça*.

trabalhucar, trabalhar.

trabela, rela ou bicho do milhão.

trabola ou **traboleia**, pessoa que fala muito e é mentirosa.

trabota, castanheiro novo, delgado e direito.

tracalheiro, intriguista.

tracalhices, mentiras, intrigas.

tracanaço, pedaço de pão.

tracanaz, o mesmo que *tracanaço*.

traçar o centeio = pô-lo algum tanto atravessado ou cruzado. Os ceifadǫres no campo costumam pôr as mãos de centeio, que vão cortando, um pouco *ensisgadas* ou cruzadas umas sobre as outras, até dar o sufficiente para fazer um feixe ou molho.

tráfega, azafama. Ex.: «andar numa *tráfega*».

tramêlo, pau pendente do *quêlho* do moinho e que é sacudido ou agitado continuamente pelo rodar da *andadeira* (em Barcellos é *chamadoiro*); (fig.) pessoa que fala muito.

trastejar, cuidar dos trastes ou objectos de casa; superintender ou vigiar os serviços das pessoas de casa; andar de uma parte da casa para a outra.

treitoiras, peças de madeira encravadas na parte inferior das chedas e malhetes para arrastarem entre si o eixo do carro. Em Barcellos são *coucões*.—Etymo * tractoria. É tambem palavra gallega (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*)

treçôlho, o leitão mais meudo de uma ninhada.— O mesmo em Barcellos. Em gallego é *trizó*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

treladar, pagar e desenvolver-se (falando das plantas); (fig.) dar bom coito, correr bem (qualquer negocio).—Etymo * translatare > trasladar tresladar > streladar > treladar. Estas quatro ultimas são todas usadas em português.

tremer, v. a. Ex.: «tremer sezões». (Cf. *arder*).

tremoia, caixa em cima da mó

do moinho para deposito do grão que vae saindo pelo *quêlho*. (No Minho dizem *moéga*). — Etymo * tremonia- de tremere, por causa de uma oscillação ou movimento que se lhe nota.

tremonha, o mesmo que *tremoia.*

tremonhal, especie de caixa de madeira a dentro da qual trabalha a mó do moinho e se junta a farinha. (No Minho é a *caixa do tremonhado*). Pode ver-se a palavra *trimiñado* em Valladares Nuñez, *ob. cit.*

trepa, sova, tunda.

trepellada, pancadaria, tareia.

trepicar, pegar com alguem, ser bulhento, o mesmo que *intrepicar.*

tresfogueiro, pedra ao fundo do lar, atrás do qual se guarda a cinza.— Etymo * transfocariu.— Em gallego ha *trafugueiro* em sentido poetico. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

trigueira, a mulher que vende trigo.

trinca-espinhas, homem alto e magro.

tripas, força, vigor, dinheiro; coragem, coração, alma. Ex.: «tu não tens tripas para este negocio»; «F. não tem tripas para pôr o filho a padre».

tripeira, mulher de vestidos rotos e sujos.

trôlha, canudo de lata para meter os meudos de carne nas tripas delgadas; (fig.) nome de insulto entre raparigas.

tromba, cara, nariz.

trovoada, 1) aspecto carrancudo, mau *duaiso,* má cara; 2) bebedeira.

truque, termo do jogo em que se ganham só tres tentos.

tudo-nada, um bocado, um pouco, um quasi nada.

tuitoiras, o mesmo que *treitoiras.*

tunda, sova, tosa, tareia.

tupino, torto, cambado das pernas.

turca, bebedeira.

turna, turra, marrada de animal.

U

ubre, teta (dos animaes).

uh! uh! uh!, interj. de fazer parar os bois.

unhas, homem avarento, pessoa muito poupada.

unheiro, doença dos olhos (?).

urselo, urso (Folhadella).

urgueira, urze, cuja raiz se chama *torgo* ou *torgueira,* de que fazem carvão. Ha duas especies de *urgueira:* branca e vermelha: d'esta é melhor o carvão. — Etymo * alicaria, estando o *r* por dissimilação.

uvar e **uviar,** uivar. (O segundo termo é de Constantim).

V

vacão, bruto, estupido, palerma, um *bom-serás.*

valeira, galgueira ou vela para plantar bacellos.

vareja ou **mosca varejeira**, especie de mosca que poisa na carne.

varella, vara delgada e comprida (ordinariamente de pinheiro) para ligar entre si os bordos das vidas e os ter em linha recta.

vasculho, vassoura mal feita de varrer o forno.

vėdalhas, presente que se leva á mulher parida; presente em geral, alviçaras, etc.

veiga (leitões de) = bacoros pequenos soltos pelos campos.

veio, ferro embutido na extremidade do *lobête* (= parte superior do rodizio) e que vae encaixar na *segurelha*. Em gallego é *veo*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

velador, mancebo, apparelho de pau para pendurar a candeia.

veliqueiro, que apenas *velisca* a comida, que come pouco, que come mal. Etymo * vellicariu de vellicare (formado de vello + icare). É tambem palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

velisca, golpe ou incisão com a unha.

vencelha, atilho ou prisão feito de um só ramo, giesta ou vara torcida. Do lat. vincicla (vincire, atar).

vencelho, atilho feito de dois ramos atados. Do lat. vinciclu. Em gallego é *vencello*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

vendimeiro (cesto) = cesto de surdina.

ventos, direcções ou veios na pedra por onde ella fende ou abra facilmente. Tem alguma semelhança com os *ensaboamentos* das minas, que são betas de terra de côr parecida com o sabão que determinam os differentes septos, divisões ou reparações dos terrenos e pelas quaes ella fende mui facilmente, deixando ás vezes cair grandes taipas.

verde, sangue. Ex.: «abrir ao verde».

verde louca, parece ser nome de planta. (Cf. n.º 716 do Cancioneiro).

verdial (azeitona) = azeitona de côr verde.

verdegar, verdejar, ter côr verde.

vergame, varas de castanheiro proprias para cestos.

vergonhaço, vexame, affronta, injuriadela.

véstia, casaco tanto de homem como de mulher.

vezeira, rebanho de gado. (Benagoiro).

vicente, gato.

vicentes, sócos.

vimias e **vimes**, atacas ou atilhos para as vides. As primeiras mais fortes e rijas e extrahidas dos vimeiros, quando as varas já estão duras e

de côr amarella; as segundas são mais tenras, de côr ainda verde, e só servem para as vides mais delgadas.

vinco, a primeira camada immediata á codea de baixo nas broas de pão quando este sae do forno mal cozido por ser a massa mal levedada ou a farinha ter sido muito remoida no moinho.

vinha (termos da), das vasilhas, da bebedeira:

Cava (*Cavada*, *Cavanchona*.
Surribar (*saibrar*).
Redra.
Poda.
Capão.
Camear as vides.
Farinhato (*farinhato*).
Enxofrar.
Enxofrar no pampo.
Desavinhar.
Pulgão.
Cesto vindimo.
Dorna.
Lagarada.
Travar.
Pipa.
Tonel.
Balsa.
Esquiça.
Lota.
Agulha.
Argal.
Mistella.
Briol.
Azul.
Pingueiro.
Berzunda.
Camoeca.
Cardina.
Cardiola.
Carga.
Cartola.
Crapiella.
Gata.
Martha.
Nassa.
Touca.
Turca.
Zerenámora.
Zurca.

vinte, especie de jogo dos rapazes.

vir, levedar-se a massa de pão.

vito, (interj.) viva! Ex.: «*Vito, vito, vito, que nos hão de dar os reis*»: estribilho que os rapazes repetem á porta dos lavradores antes de começarem a cantar os Reis.

vogar, importar, valer, tem valor. Ex.: «que *voga* isso?» «isso não voga nada».— Etymo advocare > avogar (port. archaico) > vogar. O sentido primitivo era *chamar em seu auxilio*; depois *advogar, defender, ter valimento com alguem, valer*, etc.

vogueiro, argueiro.

X

xacóto, pau pequeno.

xairel, chaile fraco, vestido reles, pano ordinario; (fig.) pessoa fraca e doente.

xarel, o mesmo que *xairel* (Constantim).

xerga, enxerga (Mondrões e Constantim).

xeragão, enxergão, colchão; (fig.) mulher gorda (Mondões e Constantim).

xeringa, seringa. (Mondões e Constantim).

xeringar, seringar. (Mondões e Constantim).

xotar, enxotar, desviar, afastar (Mondões).

Z

zanargo, torto da vista, vesgo.

zangarilheira (á) = á vontade, quanto se queira. Ex.: «comer, dormir, etc., á *zangarilheira*».

zangar, salvar, pinchar ou saltar para o outro lado (Folhadella).

zanôlho, o mesmo que *zanargo*.

zarão, pião grande.

zarasca, pião pequeno ou mal arranjado.

zarêlho, traquinas, desinquieto.

zaróna, o mesmo que *zarasca*.

zerecheia e zerechia, chiada ou grilhada de rapazes; barulho, zum-zum.

zerenámora, bebedeira.

zeribaranda, sova, tareia.

zerípula, zípula e zipla, erysipela ou inflamação cutanea.

zerzulho, dinheiro.

zicha, leira comprida e pouco larga.

zichar, espirrar com força, esguichar (falando da agua).

zicho, esguicho de agua.

zinote, o mesmo que *zuaque*.

zoar, soar.—Etymo sonare.

zoeira, soido, ruido, barulho.

zóga, pau de urze com sua raiz.

zógada, pancada com *zóga*.

zorilhados, enredados, sublinhados.

zórra, apparelho em forma de < para arrastar pedra.

zorrão, pessoa pouco agil.

zorro, 1) filho natural; 2) criado velho).

zuaque, anus, recto, assento.

zunargo, o mesmo que *zanargo*.

zuco, bebado.

zungão, instrumento infantil formado de uma lasca de madeira, que os rapazes fazem *zungar* ou soar com uma gaita.

zungar, zumbir, soar; fazer zumbir, fazer assobiar. Ex.: «*zungar* uma pedra, *zungar* um pião».—Etymo * sonicare.

zurca, bebedeira.

zurrar, bater pancadas.

Porto, 20 de maio de 1905.

A. Gomes Pereira.

MISCELLANEA

I

Taibo

(Vid. *Rev. Lus.*, XI. pp. 14 a 24)

Tem razão os dois eruditos[1] que dão ao adjectivo *taibo* o significado de *bom* e o derivam do arábico *taib*[2] طيب. Tanto o sentido como a origem, e tambem a aplicação a Mouros (quer pretos, quer brancos, quer baços, isto é: da Guiné [3], de Tunis ou de Cambaia) já foram consignados pelos decanos da historiografia da India, em trechos de valor documental. Por maravilha, nenhum de nós os memorou até hoje. Conhecendo-os, de ha muito, eu não me recordava do contexto, nem dera com as papeletas respectivas, quando redigi as minhas *Contribuições*. Por isso, tenho agora de retratar-me, asselando o capítulo relativo a *taibo* = *bom*, com anecdotas históricas, relativas a um Mouro *Taibo* ou *Bomtaibo* [4].

Eis o que narra o autor das *Lendas da Índia:* Antes de passar por alto perto de Sofala; nos começos, portanto, da parte nova da sua rota, Vasco da Gama prendeu, numa almadia do primeiro zambuco que encontrou, no mar Índico [5], não um símplez cafre, mas um Mouro bem vestido, por ele, e só ele, não saber fugir, nadando! (Vol. I, p. 32). Corretor de grande negociante, este era, por especial graça divina, homem honra-

---

[1] Julio Moreira e Gonçalves Viana.

[2] Vid. Freytag, *Magnum Lexicon*, III, p. 82, s. v. «طاب «bonus purus et suavis delicatus fuit»; طيب, pl. اطياب «bona suavis res .. res licita»; طَيِّب, fem. ة «bonus suavis licitus».

[3] *Cancioneiro Geral*, I, 172 e III, 229 (como oposto de *marfuz*).

[4] Claro está que, sendo assim, aceito a interpretação da frase «dormir guarda nunca [é] *taibo*», dada por Julio Moreira.

[5] Em Março de 1498.

díssimo, sem laivo de traidor,—e de mais a mais natural de Cambaia. Embora não se pudesse entender com ninguem, nem mesmo com auxílio de um escravo de Paulo da Gama, (preto da Guiné que sabia alguma coisa de aravia [1]), o Mouro, chamado *Davanê* (p. 35), deu-se admiravelmente bem com os Portugueses; aprendeu muito de pressa a nossa fala (pp. 43 e 65) [2], e acompanhou sempre os expedicionários, servindo-lhes de língua e intermediário, tanto nas compras de provisões, cujos preços sabia (p. 57), como nos tratos e contratos com os soberanos de Moçambique, Mombaça e Melinde.

Quando tiveram de demorar-se naquelle reino hospitaleiro (durante meses, na opinião de Correia [3]), os Portugueses, escarmentados pela falsa-fé dos mouros de Moçambique e Mombaça, pediram a Davanê, *porque nelle tinham muita confiança, como a filho verdadeiro,* para sempre estar com o rei de Melinde, impedindo que os Infieis os malquistassem com elle. Isso, num longo discurso referido por Correia.

«O que todo ouvido polo corretor respondeo: «Senhores, se eu sou mouro, como vos fiareis de my que vos farey verdade?» Ao que o capitão-mór lhe respondeo: «O meu coração me diz que hes nosso verdadeiro amigo, e de ti nos hade vir muito bem; e por tanto tudo ponho em tuas mãos, e tu faze o que teu coração te disser». O mouro respondeo: «Faça Deos a mi o que desejo fazer a vós outros». O cafre que fallaua com o mouro disse aos capitães: «Senhor, este homem muito *taibo*»; que dizia que era *muito bom;* com que muito folgou o mouro, e disse que assi lhe chamassem. E então, d'ali em deante lhe chamaram *taibo*» [4] (p. 60).

Admiremos o talento dramático e a propensão [5] para o romanesco e maravilhoso de Gaspar Correia, assim como o singular dom repentino das linguas dos representantes. E vamos àvante! Porque ha mais pormenores ainda. Presenteado com grossa ca-

---

[1] Pouco depois, cafres de Moçambique facilitaram as relações com o aprisionado.

[2] De Março a Maio! — se aceitarmos as datas de Correia.

[3] De fins de Maio até fins de Agosto, Castanheda e Barros calculam a estada em apenas dez dias (de 14 a 24 de abril). Belas férias, ainda assim; para os não-analfabetos da expedição começarem a redigir as suas *Relações!*

[4] Na impressão lê-se quasi sempre *taibô*.— Porquê? Nos originaes, seguramente não haveria este circumflexo (p. 60).

[5] Propensão que já lhe notara o seu primeiro editor.

deia de ouro, Davanê recebe da parte do rei de Melinde uma cabaia de seda; e sabendo a honra que os nossos lhe fizeram, pela cadeia que lhe vira [3] e pelo nome que lhe puseram de novo, «que era *taibo* que queria dizer bom», o rei esteve zombando com ele e dizendo que «pois lhe puseram nome de *bom*, que assi o fosse, porque tambem elle lhe faria mercê». A p. 71, Correia torna a chamá-lo «o mouro *taibo*». Em seguida, Davanê vae com a armada a Calecut e Cananor, onde fica e morre; ou antes, é morto em 1500, pouco depois de haver prestado serviços a Pedro Alvares Cabral (p. 227) [4].

Viremo-nos agora para Castanheda. Ele, com todos quantos posteriormente se inspiraram na *Historia do Descobrimento e Conquista da India,* desconhece por completo a inverosímil figura ideal do mouro Davanê. Conhece, todavia, o adjectivo *taibo,* «bom», como sobrenome tambem de um mouro, amigo dos portugueses. Ou antes, o substantivo qualificado ou tautológico *Bomtaibo*, como interpretação e modificação humorística do verdadeiro nome *Monçaide,* pelo processo da etimologia popular, tão caro aos mareantes. Este Monçaide [5], residente em Calicut, era um mouro de Tunes que fortuna, e talvez erros seus, trouxeram ao Oriente, pelo caminho do Cairo, e nas suas peregrinações aprendera castelhano (genovês) [6].

Falando do degredado que, segundo a praxe, Vasco da Gama mandou á terra para indagações, o historiador diz o seguinte com respeito aos que o acompanhavam:

«E indo assi, crendo que fosse mouro, levarã-no á pousada de dous mouros, naturais de Tunez, em Berberia, que foram ter

---

[3] P. 61. O passo está deturpado grammaticalmente, pois principia: «O que sabendo os nossos a honra que o Rey [lhe] fizera ao mouro com a cadea que lhe vira», etc.

[4] Isto é, nas *Lendas da India,* que, a meu ver, confundem os sucessos da primeira e da segunda expedição.

[5] Aparentemente tambem sabia alguma cousa de português, ou então o seu castelhano não era castiço, caso que o autor do *Roteiro* reproduzisse fielmente os seus dizeres.

[6] Em logar d'ele, Correa apresenta um castelhano renegado de Sevilha, *sem nome,* que «moço de pouco idade, fôra cativado e correra per muytos catiueiros até acertar de morrer hum seu senhor que o deixara forro, e por segurar a vida tomara o nome e cerimonias de Mouros, mas que Deos dos ceos, a quem se encomendava, sabia que sua alma era christã...» (p. 79).—Sempre romántico, esse tão simpático autor das *Lendas,* cuja boa-fé e valor moral e intelectual não contesto — relevando apenas o seu feitio de poeta!

a Calicut e eram hi estantes. E hum d'eles que avia nome *Bõtaibo* sabia falar castelhano e conhecia muito bẽ os Portugueses, segundo despois disse, que os vira em Tunez em tempo delrey dom João em hũa nao chamada a Raynha, que el rey la mandaua muytas vezes buscar cousas de que tinha necessidade. E ẽ entrando em sua casa disselhe logo *Mõçaide* (e este nome foi corruto pelos Portugueses e mudaram-no em *Bõtaibo,* como lhe chamauão todos os que forão nesta viagẽ, conhecẽdo-ho por Portugues): «Al diablo que te doy! quien te traxo acá? «e despois lhe preguntou de que maneyra viera ali ter? [1]», etc.

D'aí em diante sempre o nomeia *Bõtaibo* (*Bontaibo*). Por servir bem os Portugueses foi inimizado pelos mouros e indios, a ponto tal que se refugiou á armada [2]. E veio ao reino, onde se cristianizou [3].

Para documentar a existência d'este mouro de Tunes, encontrado em Calicut, basta a *Carta de D. Manuel ao Cardeal Protector,* de 28 de Agosto de 1899, pois aí é mencionado expressamente [4].

No *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em 1497,* obra importantíssima que, como se sabe, ministrou a Castanheda, Barros e Goes, e indirectamente a Luis de Camões, os mais copiosos elementos para as suas histórias do descobrimento, não se indica o nome *Monçaide-Bomtaibo* [5], ficando assim demonstrado que os cronistas ainda se serviram de outras fontes, escritas [6] e verbais.

---

[1] Livro I, capitulo XV, (fl. 33 da ed. de 1554).

[2] A meu ver, na nau de Nicolau Coelho.

[3] Vid. Livro I, cap. 24, fl. 53.

[4] «Trouxeram os nossos 5 ou 6 indios de Qualicut ... e mais um mouro de Tunes ... e um judeu tornado christão». Vid. Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira,* (Lisboa 1898), p. 219 (doc. 9).

[5] Pelo menos, ele falta no único treslado que subsiste. Com relação a outra divergência, ainda menor,— o *Roteiro* menciona o logar de *Capocate* (*Capua*), em frente do qual a frota ancorou, e Castanheda ignora o seu nome —, o traductor alemão do *Roteiro* aventa a ideia que Castanheda se serviu de outro exemplar, e que esse teria variantes. Vid. Dr. Franz Hümmerich, *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien,* München 1898.

[6] Não é de modo algum improvável que, além do *Roteiro* anonimo que subsiste, e do perdido do clérigo João Figueira, utilizado e citado por Correa (I, p. 134), mais alguns companheiros de Vasco da Gama assentassem as suas observações.

A scena entre os mouros de Tunes e o degredado português é, apesar dessa fala, na sua rudeza ainda mais pitoresca e vivaz, de um realismo mais autenticador do que a narração de Castanheda:

«... e o capitam-moor mandou huum dos degradados a Calecut; e aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de Tunez que sabiam fallar castelhano e januês; e a primeira salva que lhe deram foy esta que se ao diante segue: «Al diabro que te doo! quem te traxo aquá?» e preguntaram-lhe: que vinhamos buscar tam longe? e elle lhe rrespondeo: «Vimos buscar christãos e especiaria». Elles lhe disseram: «Porque nom manda quá elrey de Castella e elrey de França e a senhoria de Veneza?» e elle lhe rrespondeu que el rey de Portugall nom queria consentir que elles quá mandassem. E elles dis[s]eram que fazia bem. Entam o agasalharam e deramlhe de comer pam triguo com mell; e depois que comeo vêose pera os navios e vêo com elle *huum daquelles mouros*, o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras: «Boena ventura! boena ventura! muitos rrobis! muitas esmeraldas! muitas graças devês de dar a Deus por vos trazer a terra honde ha tanta rriquesa!» Era pera nós isto tanto espanto, que o ouviamos fallar e nam o criamos que homem ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendes[s]e nossa falla».

Na *Asia*, de Barros, não ha dizeres ilustrativos [1], nem tão pouco na *Crónica de Dom Manuel*, de Damião de Goes [2]. O can-

---

[1] *Roteiro*, 2.ª ed., p. 51 (50 da 1.ª). A p. 85 torna-se a falar de Monçaide: «Á terça feira [28 de Agosto] estando nos pousados pella manhan se vêo metter comnosco em os navios hum mouro de Tunez que nos entendeo, dezendonos que lhe tomaram quanto tinha e que nam sabia, se lhe fariam mais mal; que estava nesta ventura, e que os da terra diziam que elle era christãao e que viera a Calecut por mandado dell rey de Portugall, pello quall ante se queria vir com elles que estar em terra, honde esperava que cada dia o matas[s]em».

[2] Vid. *Decada* I, liv. VIII, cap. IV, p. 338. O historiador, que conhecia um pormenor a mais — o nome do piloto melindano que guiara a frota (Malemo-Caná) — oficializou a pessoa de Monçaide, suprimindo a scena da entrevista com o degradado «e fazendo-o vir á frota como corretor de mercadorias, juntamente com os arrecadadores dos direitos do Samorim» (p. 333).

Nesse posto tambem serve lealmente os portugueses; e não se afasta do Catual (pp. 336, 343, 354, 357).

tor dos *Lusiadas*, esse cinge-se a Castanheda, e mais de perto, a Barros [1].

Tambem, depois de sermos informados pelo companheiro de Vasco da Gama de que em 1498 os Portugueses sabiam que na linguagem dos mouros *taibo* tinha a acepção de *bom* [2], creio que podemos dispensar mais pormenores.

*

Apenas restam duas dúvidas. Por que motivo não se usaria o feminino *taiba?* [3] E como explicar satisfatoriamente a frase de Jorge Ferreira de Vasconcellos: «ter alguem (uma menina) em *taibo*» por «tê-la a bom recado; tê-la escondida»? Seria por ventura este *taibo* diverso do adjectivo árabe-português? forma convergente, de origem latina? representante de *tabidus*, que propus? Para o tornar acreditável seriam precisas outras provas [4].

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

II

As «ilhas» do Porto

Ha em muitos pontos da cidade do Porto umas tristes habitações de gente pobre, ordinariamente familias de miseros operarios, que a sordida ganancia dos senhorios explora descaroavelmente, pois auferem d'essas ligeirissimas construcções rendimento muito superior ao que a propriedade costuma produzir. São uns

---

1 *Chronica*, I, cap. XXXIX.— Goes conhece os dois mouros de Túnes; diz que um se chamava Monçaide, falava castelhano, conhecia os Portugueses do tempo de D. João II, e lhes era muito afeiçoado. Acrescenta que esse monarca mandava buscar cousas, de que tinha necessidade, para seus armazens em Oran, pormenor para o que talvez recorresse a outra fonte. Cfr. cap. XLI.

2 Canto VII, est. 24-26, IX 5 e 15.—Na ultima das estâncias chama *fiel* a Monçaide, exactamente como Barros.

3 No *Auto del Rei Seleuco*, o Camões diz: «essa parece mui *taibo*».

4 Não posso tratar aqui do problema histórico das datas e dos incidentes da primeira viagem de Vasco da Gama; isto é, do grau de autenticidade do *Roteiro* e da *Lenda primeira*, de Gaspar Correia. Apenas direi que os argumentos alegados no *Oriente Português*, por F. Ayala, a favor de Correia, estão muito longe de convincentes.

casebres, de ordinario immundos, quasi sempre todos iguaes e unidos, formando um ou dois renques, por entre os quaes passa um beco, na maior parte dos casos sem saida. Tem um só pavimento e muitas vezes tambem um aposento unico, juntando ao acanhado das dimensões, com uma ventilação imperfeitissima, a falta de ar e de luz. Estas circunstancias conjugadas ainda com a accumulação dos habitantes e o pouco asseio d'estes, fazem de taes logares verdadeiros focos de infecção, onde é frequente desenvolverem-se de modo assustador as doenças contagiosas. O numero das casas é variavel, dez, vinte, trinta ou mais, sendo a sua distribuição mais commum aquella que mencionei, mas podendo ainda apresentar outras disposições.

Aos aggregados de taes habitações os Portuenses chamam *ilhas*.

Esta denominação tem causado certa estranheza áquelles que não podem descobrir relação entre esses pequenos bairros de mesquinhas vivendas e aquillo que a palavra *ilha* costuma geralmente designar: uma porção de terra cercada de agua.

Todavia, o caso não é difficil de explicar, e attesta mais uma vez a continuidade de tradição da lingua e costumes romanos até nós.

O vocabulo *ilha*, bem como *insua*, resulta, como é bem sabido, do latim *insula*. Ora os romanos não só davam este nome a terras cercadas de agua, como tambem o empregavam — o que parece menos conhecido entre nós — para designar uma casa ou um grupo de casas contiguas, com um espaço livre em volta do conjunto, que d'esta maneira formava um só edificio, isolado como uma ilha no mar. E como as casas que formavam uma *insula*, se alugavam aos andares ou compartimentos a differentes familias, e ainda separadamente as suas lojas, aquella palavra foi tomando pouco a pouco um sentido mais vago, applicando-se a qualquer compartimento alugado ou a uma casa occupada por mais de uma familia, por contraposição a *domus*, que era a casa habitada por uma só familia, sua proprietaria ou locataria apenas.

De *insula* formou-se o substantivo *insularius*, que designava o habitante de uma casa alugada, de uma *insula*, e que era tambem o nome do escravo encarregado de velar pelos predios arrendados e de recolher as suas rendas.

Em Pompeios descobriu-se um edificio chamado a casa de Pansa, que se pode considerar ao mesmo tempo *domus* e *insula*, pois de todos os lados ficava circundada de ruas e de algumas dependencias exteriores, com andares superiores que não tinham

communicação com a parte principal do predio. No *Diccionario de Antiguidades Romanas e Gregas,* de Antony Rich, pode ver-se, no vocabulo *domus,* a planta e descrição d'esta casa.

Assim, *insula* significava primeiramente *ilha,* isto é, terra cercada de agua; — depois uma casa separada de outras, com um espaço livre em volta, isolada, por consequencia, como a ilha no meio da agua; — em terceiro logar, visto serem taes casas destinadas á locação, passou a designar um grupo de casas alugadas a diversos inquilinos, independentemente da sua forma ou situação.

A palavra portuguesa *ilha* conservou a primeira e a terceira d'aquellas accepções, pelo menos na linguagem do Porto, pois ignoro se em outros pontos do país tem a mesma denominação os agrupamentos de pequenas habitações, a que chamam *ilhas* no Porto e seus arredores.

JULIO MOREIRA.

III

Lenda de Maria Mantella

Dizia Maria Mantella que quando uma mulher tinha de um só parto mais de um filho, elles eram tambem de mais de um pae. Depois de haver uma vez increpado uma mendiga que se lhe apresentou com dois gemeos, aconteceu dar á luz ella propria sete rapazes de um ventre. Para evitar a presumivel colera do marido, resolveu criar apenas um, e mandou lançar os outros seis, num cesto, ao Tamega. Acudiu-lhe, porém, casualmente o pae, que os fez educar numa casa perto de Chaves. Todos os sete rapazes foram depois padres, edificadores de sete igrejas. — Vid. os meus *Ensaios Ethnographicos,* III, 127–128.

Nesta lenda ha dois elementos principaes: o parto gemeo; e o serem lançados ao rio os seis meninos, e miraculosamente salvos. A respeito do segundo elemento juntei alguns parallelos no citado livro, mesmo vol., p. 115–116 (nota). A respeito do primeiro direi aqui o que se segue.

O Sr. Kr. Nyrop, professor de Philologia Romanica na Universidade de Copenhague, publicou em 1905 um trabalho de 44 paginas intitulado *En kuriositet i kunstkammeret,* que conheço por um resumo dado na *Deutsche Literaturzeitung,* n.º 48 (1905), col. 3009–3010, pelo Sr. B. Kahle, de Heidelberg. Segundo esse

resumo, encontrou-se no real gabinete de arte de Copenhague um feto humano que se dizia ser um dos 365 filhos que a condessa de Flandres dera á luz em 1314. Esta lenda apresenta dois typos: typo *A*) uma senhora casada teve um parto gemeo, e a condessa disse que era tão impossivel ter dois filhos de um mesmo homem, como ter de uma vez um numero de filhos igual ao dos dias do anno,—pelo que a senhora, assim offendida, e do marido repudiada, pediu a Deus que manifestasse a innocencia d'ella,—e o milagre dos 365 filhos realizou-se na condessa; typo *B*) a mãe dos gemeos é uma mendiga que vae pedir esmola á condessa. Nyrop estuda a propagação d'esta historia na Europa Occidental; na Allemanha vive ainda em um conto popular; na França tornou-se assunto de obras de arte. As mais antigas fontes de *A* não mencionam a condessa: a introducção do 7.º *lais* de Marie de França, *Le Freisne;* uma canção dinamarquesa *da filha do conde de Vendel;* o romance hespanhol *Espinelo,* do seculo XVI, que porém ascende provavelmente ao seculo XIV. A mesma narração relaciona-se tambem com lendas genealogicas de Allemanha e Hespanha, esta ultima tratada por Lope de Vega, *Los Porceles de Murcia.* A base dos dois typos é a crença de que o nascimento de gemeos indica infidelidade conjugal da mãe. Esta crença existe nos selvagens, e explica o costume de dar a morte ao segundo filho de um parto gemeo, pois se suppõe que elle seria causa de desgraças, como filho de um demonio. A mesma crença existe tambem nos povos civilizados: Indios antigos, Babylonios, Assyrios e Gregos; assim, dos dois irmãos uterinos Herades e Iphicles, um é filho legitimo, o outro é filho de Zeus.

A nossa lenda de Maria Mantella, localizada em Chaves, pertence ao typo *B* de Nyrop. Costuma-se dizer que *quem conta um conto acrescenta um ponto;* este proverbio traduz de modo conciso e pitoresco um importante facto de psychologia ethnica: a fusão, em um mesmo conto, de elementos pertencentes a muitos, ou a superstições diversas. Alem dos dois elementos que assinalei na lenda de Maria Mantella, observa-se ahi a menção do «numero sete», que tem historia extensa, a fundação das igrejas, pois que a ideia christã é sempre vivaz na mente do povo, a escolha do Tamega, por ser rio notavel e proximo do local onde a lenda vigora, e a casualidade de vir o pae salvar as crianças. Correspondente aos 365 filhos da condessa de Flandres, temos em lendas portuguesas um palacio com tantas janelas como dias tem o anno. Para tornar mais poetico o successo de Chaves, acrescenta-se que, quando Maria Mantella e os filhos morreram, se lhes esculpiu na

sepultura o seguinte epitaphio rhytmico: *Aqui jaz Maria Mantella || com sete filhos ao redor d'ella.*

Acêrca d'esta lenda veja-se tambem o que diz Menéndez Pidal, *Infantes de Lara,* Madrid 1896, p. 181, sgs.; e leia-se o romance francês medieval de *Galeran* (cf. Ch.-V. Langlois, *La société française au* XIIIe *siècle,* p. 4 sgs). Um dos elementos da lenda de Maria Mantella foi aproveitado no folheto da literatura de cordel intitulado *Nova relação em resposta á carta que veio da villa de Serpa,* Lisboa 1791, p. 6.

Do exposto conclue-se que a lenda de Maria Mantella é apenas uma vergontea de grande arvore ethnographica que estende as suas ramas por boa parte da terra; esta vergontea foi provavelmente a Hespanha que a lançou para Trás-os-Montes, e lá depois cresceu um pouco, e floriu.

J. L. de V.

IV

Etymologias

1. estorvo:

É derivado regressivo de *estorvar; «estorvar» = es + torvar.* O verbo *torvar,* com a significação de «impedir», lê-se no *Tratado das enfermidades,* de Mestre Geraldo [1], a p. 17, l. 13.

O castelhano «*estorbo*» tem, já se vê, a mesma explicação.

2. foruncho:

Vem no mesmo *Tratado,* p. 17, l. 41; do lat. furunculus.

3. lançó:

Vem no mesmo *Tratado,* a p. 25, l. 5 (escrito *lançoo*) = lanceta (de cirurgião); é o lat. lanceola; cfr. *Grijó.* Creio que *lançó* falta nos diccionarios; pelo menos não vem em Moraes.

Epiphanio Dias.

V

Observação aos «Textos antigos portugueses»

A p. 218, l. 35, do vol. XI, como me notou o erudito professor do Curso Superior de Letras, Sr. Epiphanio da Silva Dias, deve

1 Publicado por Gabriel Pereira, Lisboa, 1909.

ler-se «quedas» (isto é, o verbo *quedar* = *ficar*), em logar de «que dás». Tambem a p. 214, l. 24, onde se lê «de mandar», parece-me que deverá corrigir-se em «demandar».

J. J. Nunes.

VI

Varios casos de condensação ou simplificação de ditongos cuja subjunctiva é «i»

É sabido que o ditongo *ei*, quer tonico, quer atono, se condensa em *é* antes de consoante, no falar popular do Sul [1].

Ha porém na lingua corrente exemplos de condensação ou simplificação do mesmo ditongo, quando atono, em *i*, por exemplo:

igreja < ant. *eigreja* < *ekclesia* = ecclesia;
Idanha < ant. *Eidãia* < Egitania < Igaeditania;
Inês < ant. *Einês* < Agnés;
iró < *eiró*.

Estes exemplos vem já citados nas valiosas *Apostilas aos dicionarios* do Sr. Gonçalves Vianna, II, 3–4; mas elles não são comparaveis a *pior* < ant. *peior*, citado ibid., II, 277–278, porque naquelles *ei* é inicial, ao passo que neste é medial e prevocalico.

Os ditongos atonos *ei*, *ai*, *oi*, quando no interior de palavra e antes de vogal, tem tendencia para se reduzirem a *i*: além do mencionado *pior*, ha mais: *dião* < ant. *adaião* [2] < franc. doyen, tambem citado pelo Sr. Vianna; *pió(s)* (*peyo*, *peyoo*), de pediola, indicado pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis [3], e igualmente pelo Sr. Vianna; *pial*, na linguagem popular do Alentejo, por *poial*, já por mim explicado na *Rev. Lusitana*, IV, 70; *bioneta*, fórma popular beirã de *baioneta*, do francês baïonnette.

A par de *eleição* existe em português do sec. XIV *ellyçom* [4] e *inliçom* [5], apparentemente com *i* por *ei*; digo «apparentemente»,

---

[1] Vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 109.
[2] Moraes, *Dicc. da ling. port.*, s. v.
[3] *Rev. Lusitana*, III, 180.
[4] *Ineditos da Academia*, IV, 602 (repetidamente).
[5] *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 23.

porque me parece que o *i* se deve aqui explicar por influencia do de *liçom.*

O *i* de *liçom* (em português moderno *lição*), não o explico por normal evolução phonetica de *ei,* isto é: *leição <lectione-. Em verdade deve ter havido **leiçom* em português prèhistorico, isto é, em português prèlitterario, pois nas lingoas romanicas ha *leissó* (prov.)[1], *leyción* (hesp. ant.)[2], etc. Comtudo, como havia de vir *liçom* normalmente de **leiçom,* com mudança de *ei* em *i,* se concorrentemente temos *eleição* < electione-[3], *affeição* <affectione-, *resurreição* < resurrectione-, *perfeição* < perfectione-, *correição* <correctione-, *sujeição* <subjectione, e, analogamente *reitor* <rectore-, *seitoira* <sectoria-, *peitoril,* < *pectorile-, *leitor* < lectore-, — tudo com *ei,* e não *i?* Entendo que, ainda em tempos prèhistoricos ou prèlitterarios, *leiçom se pronunciou *le-i-çom* (trisyllabo), por se ter visto nesta palavra um substantivo verbal de *leer:* o proprio Fernão de Oliveira, no sec. XVI, nota que «de *ler* dizemos *lição,* e de *orar, oração*»[4]. Na epoca em que ainda se usava *leer*[5], a fôrça phonetica supplantou porém a morphologica, e d'isso resultou assimilação do *e* de **leiçom* ao *i,* e consecutiva absorpção: **le-i-çom* > **liiçom* > *liçom:* de facto na *Regra de S. Bento* ha *liçom* a par de *leer.* Phenomeno parallelo se observa em *mantimento* < ant. *mantiimento*[6], que presuppõe * *manteimento* = *man-te-i-mento;* se *liiçom, com *ii,* é prèhistorico, emquanto *mantiimento,* igualmente com *ii,* chega até o sec. XV, é que a evolução de *ii* foi mais tardia nesta palavra do que em * *liiçom,* por causa da nasal de *mantẽer,* que conservou durante certo tempo o *ẽe* no thema verbal e por conseguinte **mantẽimento* e **manteimento,* fórmas de que provém o *mantiimento* do sec. XV. — Fica assente mais uma vez que é erroneo escrever *licção,* com *cç,* como muitos fazem.

J. L. DE V.

---

[1] Bartsch, *Chrest. Prov.*, 6.ª ed., col. 570.

[2] *Rev. Hispanique,* V, 275 (R. J. Cuervo).

[3] *Eleição* é forma semi-popular, como o prova a conservação do *-l-*.

[4] *Grammatica,* 1.ª ed., fl. 29 *v.*

[5] Esta epoca durou até o sec. XV, ou começos do XVI, pois D. Duarte no *Leal Conselheiro,* cap. 27, tem *leendo, leedor,* e Valentim Fernandes, *Ilhas,* ed. de G. Pereira, p. 6, tem *leentes.*

[6] *Livro de Esopo,* Vocabulario, s. v.; *Chronica de Guiné,* p. 34; Marco Paulo, Lisboa 1502, fl. LVI *v.* (na Bibl. Nac. de Lisboa).

VII

Chevéca

Assim como nos theatros dão o nome de *alfaiates* a individuos que o não são, nem o foram nunca, e cujo trabalho se reduz a limpar os camarins dos actores e ajudá-los a vestir; e as mulheres que prestam iguaes serviços ás actrizes são chamadas *costureiras:* tambem nas fabricas de caixinhas de papelão intitulam-se *costureiras* as operarias que as armam (o papel e o papelão vão cortados nas devidas dimensões para as mãos d'estas artistas), embora não peguem em agulha, nem linhas. D'estas costureiras de caixas, ha umas designadas por *chevécas,* porque trabalham pelo systema *chevéco.* D'aqui a poucos annos este substantivo ha de figurar nos diccionarios, e convem desde já registar-lhe a etymologia, que depois, talvez difficilmente poderia averiguar-se.

Chevéca deriva do nome de um allemão Schweickardt, que introduziu em Portugal um determinado processo de fabricar caixinhas de papelão. Os operarios não conseguiram pronunciar o *Schweickardt,* e reduziram-no a *chevéca*, da mesma maneira que o povo, actualmente, quando se refere a comboios *tramways,* diz: comboios *tramas.* O *trolley* dos carros electricos tambem já é tão sómente: o *tról.*

J. de Freitas Branco.

VIII

Observações á «Revista Lusitana», VIII, 91

O sr. Epiphanio Dias nota-me que a sentença «De bom pastor é tosquiar e não esfolar» corresponde á latina de Suetonio, *Tiber.*, 32: *Boni pastoris esse tondere pecus, non deglubere;* e que «A verdade pare odio» vem em Terencio: *veritas odium parit.*

J. L. de V.

CHRONICA

Programma de Philologia portuguesa na Universidade de Harvard (em Cambridge, nos Estados Unidos):

«6 [2] *hf*. Portuguese. — Language and Literature. Old Portuguese lyric verse: Gil Vicente; Sá de Miranda; Camões. *Half-course* (*second half-year*). *Twice a week, and a third hour at the pleasure of the instructor*. Asst. Professor Ford.

To be omitted in 1908-908.

The phonology and the morphology of early Portuguese will be studied with reference to the development of the language from Vulgar Latin. Then the rise and growth of the literature will be considered, and especial attention will be paid to the influence of Provençal ideals and verse forms in Galicia and to the interrelations of Spanish and Portuguese letters. The reading will be so directed as to include representative works of the classic period, particularly the *Lusiadas* of Camões. Students should provide themselves first with J. Leite de Vasconcellos's *Textos archaicos* (Porto, 1905).

The following works are recommended: J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, and C. M. de Vasconcellos, *Geschichte der portugiesischen Literatur*, both published in Grober's *Grundriss der romanischen Philologie* (Strasburg, Band I, 2d ed., 1904-06; Band II, 1897); R. Foulché-Delbosc, *Abrégé de grammaire portugaise* (Paris, 1894); Monaci e D'Ovidio, *Monualetti d'introduzione agli studi neolatini*, III, *Portoghese* (Imola, 1881); A. R. Gonçalves Vianna, *Portugais, Phonetique et phonologie, morphologie, textes* (Leipzig, 1903); H Lang, *Das Liederbuch des Konigs Denis von Portugal* (Halle, 1894); id., *Cancioneiro gallego-castelhano* (New-York, 1902); C. von Reinhardstoettner, ed., *Os Lusiadas* (Strasburg, 1874; cf. Braga's reprint of the first edition, Lisbon, 1898); C. M. de Vasconcellos, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (Halle, 1885)».

(Do *Official Register of Harvard University*, vol. III, 1906, n.º 11, p. 29).

*

Constituiu-se em Boston nova associação para o ensino das lingoas vivas. Á sessão preparatoria de 12 de Dezembro de 1903 concorreram professores de varias lingoas, entre as quaes estava tambem representada *a portuguesa*. Vid. *Moderne language notes*, n.º 1 de janeiro de 1904, pag. 7.

*

A lingua portuguesa na guarnição militar da India. — «O Governador Geral da India Sr. Conselheiro Horta e Costa determinou que a partir de 1 do corrente mês nenhum individuo seja admittido no serviço militar sem que fale a lingua portuguesa.

Foi tambem expressamente prohibido aos officiaes e demais graduados o uso de qualquer lingua que não seja a portuguesa, quando se dirijam aos seus subordinados, podendo apenas usar da lingua indigena com as praças que desconheçam por completo o português.

Aos commandantes de unidades da guarnição foi recommendado o emprego dos maximos esforços, tendentes a derramar conhecimento da lingua portuguesa entre as praças sob suas ordens immediatas.

Uma recompensa especial será estabelecida para os sargentos e cabos que, em cada anno civil, apresentem maior numero de praças que falem português».

(Do *Diario de Noticias*, de 25 de Maio de 1908).

*

A lingua portuguesa no Japão. — «É interessante notar que o Japão decretou o ensino obrigatorio da lingua portuguesa nas principaes escolas do imperio, devendo-se isto em parte ao ministro do Brasil em Tokio. Com certeza que não ha nesta disposição do governo japonês nenhum sentimento obsequioso. Não estamos em época de sentimentalismos, mas sim de coisas praticas e positivas, e o Japão, decretando aquelle ensino, bem sabe que tem no Brasil um grande campo de expansibilidade para o seu commercio e para o excedente da sua população. D'ahi sem duvida a sua deliberação. Mas, por outro lado, ha a considerar que o Japão, depois da guerra com a Russia, assumiu a hegemonia no Extremo-Oriente e tem conseguido uma grande expansão commercial, e pode, portanto, vir a ser, com o decorrer do tempo, um excellente mercado para os nossos productos agricolas, como o vinho, a cortiça e o azeite. Por consequencia a diffusão ali da lingua portuguesa pode e deve concorrer para que as relações mercantis sejam mais estreitas, e tambem mais conhecidos os nossos productos, sem necessidade de intermediarios».

(Do *Heraldo*, de Nova Goa, anno I, n.º 172, de 17 de dezembro de 1908).

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QUAEDAM

—**Contributo allo studio degli iberismi in Italia**, por E. Zaccaria, Torim, Clausen, 1905; contém phrases hespanholas e portuguesas que apparecem em Sasseti, Carletti e Magalotti.—Vid. *Zs. für romanische Philologie,* XXXII, 632, onde, em nota, se cita um trabalho semelhante, do mesmo autor.

—**Portugiesisches Lesebuch**, por L. KOLISCH, 1.ª parte, Vienna de Austria, 144 pag., in-8.º, 1909.

—**Der Inez de Castro-Stoff**, im romanischen und germanischen besonders im deutschen Dram, por K. KREISLER, I. Programma de Kremsier,—22 pag., in-8.º, 1909.

—F. M. ESTEVES PEREIRA, **Acta martyrum**, I, Textus; II, Versio, Roma, de Luigi, 1907 (= *Corp. Script. Christianorum Orient.*, series altera, tomo XXVIII). Noticia desenvolvida e elogiosa nos *Anelecta Bollandiana,* tomo XXVII, fasc. I, pag. 69–72, onde se diz que o nosso compatriota possue *profonde connaissance de la langue éthiopienne* (pag. 72).

J. L. DE V.



ca-
rtu-
Zs.
um

ına

na-
ro-

sio,
ut.,
nos
se
la